

 Obras completas de Bocage
Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas

Obras completas de Bocage



Obras completas de Bocage

Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas

Organização e notas

Daniel Pires

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© Daniel Pires
© 2017, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção, composição e revisão
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Fontes tipográficas
Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: maio de 2017
ISBN: 978-972-27-2491-3
Depósito legal: 411 224/16
Edição n.º 1021206

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ESTUDO INTRODUTÓRIO

O presente volume das Obras Completas de Bocage reúne as composições de carácter erótico, burlesco e satírico que o poeta não pôde publicar durante o seu breve percurso existencial.

O ANTIGO REGIME

Tal impossibilidade prende-se com o teor dos mencionados poemas, que colidiam com os valores de uma sociedade tutelada, hierarquizada e erigida em função da nobreza.

Em Portugal, nos finais do século XVIII, com o advento da Revolução Francesa, aquela classe social, para melhor assegurar o poder, necessitou de fortalecer o aparelho de Estado, enfrentando assim as reivindicações da burguesia ascendente. O Tribunal do Santo Ofício mantinha-se vigilante, coartando as iniciativas dos cidadãos considerados heréticos, velando pela «pureza» da fé; a Intendência-Geral da Polícia reprimia aqueles que perfilhavam ideias políticas e sociais alternativas e a Real Mesa Censória — substituída, em 1787, pela Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros — desempenhava um papel importante no âmbito do ensino e no controlo da publicação da palavra escrita e da difusão de obras estrangeiras que, cada vez com maior incidência, chegavam ao Reino. Acrescia a quase inexistência de jornais, fundamentais para a livre circulação de ideias, sendo de menção obrigatória alguns que a censura e a política repressiva pombalina obliteraram, caso concreto da *Gazeta Literária*, periódico científico emblemático dirigido, no Porto, em 1762, pelo padre Bernardo de Lima, e da própria *Gazeta de Lisboa*, que, apesar de oficiosa, não escapou à fúria do lenhador, não tendo sido publicada entre os anos

1762 e 1778. No que diz respeito a bibliotecas, o panorama era desolador: excluindo as particulares e as dos conventos, que só episodicamente abriam ao público, circunscrevia-se à Real Biblioteca Pública, fundada, em 1796, sob a égide do marquês de Ponte de Lima. Por outro lado, os locais de sociabilidade estavam particularmente escrutinados pela polícia política, que tomava boa nota do teor das intervenções e dos nomes de alguns livres-pensadores menos avisados e de pessoas críticas. Elucidativo a este respeito é o seguinte ofício de Pina Manique, de 12 de março de 1798:

«[...] e com a maior seriedade ando sempre aplicando todos os meios para examinar se nos cafés, nas casas de pasto, nos bilhares, nos passeios públicos, nas praças e mercados e nas assembleias há conversações sediciosas, trago espalhados espíões, Moscas, sendo a prova que dou de assim o praticar, o papel incluso, que passo as mãos de V. Ex.^a, que foi apreendido a um minorista português que estava com ele em uma casa de bilhar.»¹

Nas principais metrópoles europeias ponderavam-se ampla e metodicamente as propostas seminais do Iluminismo, movimento que floresceu a partir de, sensivelmente, 1715, tendo-se prolongado até à década de 70, datando de 1772 o último volume da *Enciclopédia*, obra que constitui um marco miliário da gesta humana. A discussão filosófica e científica em Portugal, apesar da atividade da Real Academia das Ciências, fundada em 1779, e da influência dos *Estrangeirados*, estava longe de ombrear com a existente em França, Inglaterra, Prússia e na Rússia, onde a «efervescência dos espíritos», parafraseando d'Alembert, era evidente. Tal facto deve-se quer à situação geográfica remota de Portugal, quer à natureza do Antigo Regime, fatores adversos ao desenvolvimento cultural, económico e científico nacional. Compreende-se, deste modo, a forma como Ribeiro Sanches — o único português que colaborou na redação da *Enciclopédia* — caracterizou Portugal: «Um país pobre, ignorante, supersticioso, tirano, inimigo da Humanidade.»²

¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Intendência-Geral da Polícia, Contas para as Secretarias*, livro n.º 5, fls. 188-190.

² Cf. *Journal*, diário inédito depositado no Arquivo da Faculdade de Medicina de Paris.

Bocage pertencia à burguesia, classe que, não obstante catalisar uma parte substancial da economia, não estava representada nas altas esferas do poder político e não tinha acesso aos lugares proeminentes das forças armadas. O mérito era, então, menos determinante do que o estatuto. Por outro lado, o escritor não era filho primogénito, facto impeditivo de usufruir das mesmas oportunidades que o seu irmão mais velho, Gil Francisco, o qual se formou em Direito pela Universidade de Coimbra.

Bocage foi um poeta de vulto, autor de uma obra ampla que compreende nomeadamente o lirismo, a sátira, a intervenção política e social, o drama e o erotismo, temas burilados em praticamente todos os géneros poéticos que a época exigia: entre outros, o soneto, a cantata, o epitáfio, o epicédio, a décima, o elogio, a elegia, a epístola, a ode, a canção, a glosa, a cançoneta, o canto, o idílio, o epigrama e o improviso, modalidade que o inebriamento e o convívio fraterno da boémia incentivavam. A sua ductilidade manifestou-se ainda na forma como respeitou os preceitos neoclássicos, particularmente elogiados pelos intelectuais do Iluminismo, e como, simultaneamente, afirmou na sua poesia aqueles que o Romantismo consignará mais tarde: a celebração exuberante do eu poético, a libertação da emoção e a individualidade.

Distinguiu-se, por outro lado, como tradutor, tendo vertido para a nossa língua clássicos greco-latinos, como Ovídio, Virgílio, Moscho e Museu, bem como autores de matriz francesa, britânica, italiana e espanhola. Algumas edições das suas versões, designadamente as patrocinadas pela Casa Literária do Arco do Cego, eram bilingues, facto inédito na época que revela, inequivocamente, a sua autoconfiança, bem como a necessidade de provar aos émulo da Academia de Belas-Letras a sua mestria no domínio da língua portuguesa e da arte poética.

TRANSGRESSÃO E SUBVERSÃO

Bocage elegeu a transgressão como o sal da sua vida. Era um intelectual com asas demasiado amplas para se restringir à realidade incaracterística e limitadora de finais do século XVIII.

A eclosão da Revolução Francesa agudizou a repressão existente em Portugal. O poeta, para proclamar e difundir os seus ideais, recorreu à

clandestinidade, traquejo alimentado, eventualmente, pela Maçonaria, organização secreta que não podia, como é óbvio, assumir-se plenamente numa sociedade intolerante e normativa. Tal opção permitiu-lhe a circulação, com muito menos riscos de carácter pessoal, de «panfletos» enérgicos, de poemas cirúrgicos que alvejavam personagens então consideradas intocáveis, bem como os valores prevalecentes, os quais não eram, assim se postulava, passíveis de discussão e, por maioria de razão, de serem confrontados criticamente.

Em 1797, Diogo Inácio de Pina Manique ordenou ao juiz do crime do Bairro do Andaluz que procedesse a uma devassa ao domicílio de André da Ponte Quental, futuro avô de Antero de Quental e anfitrião de Bocage, que ali então pernoitava. O respetivo teor é elucidativo no que concerne ao quotidiano subversivo do escritor, à revelia dos ditames da época:

«Consta nesta Intendência que Manuel Maria Barbosa du Bocage é o autor de alguns papéis ímpios, sediciosos e críticos que nestes últimos tempos se têm espalhado por esta corte e reino; que é desordenado nos costumes, que não conhece as obrigações da religião, que tem a fortuna de professar, e que há muitos anos não satisfaz aos sacramentos, a que obriga o preceito de ir todos os anos buscar os sacramentos da penitência e eucaristia à freguesia onde vive.

Vossa Mercê logo por meio de uma devassa procederá a averiguação destes factos para legalizar a verdade deles, fazendo-lhe apreensão em todos os papéis assim manuscritos, como impressos, e ainda naqueles que estiverem em poder de terceiros, seus sequeizes, que devem ser igualmente presos, e averiguada a sua vida e costumes, para ver se imitam por eles o referido Manuel Maria Barbosa du Bocage, que foi preso a bordo da corveta denominada *Aviso*, a qual saiu para Bahia com o comboio que proximamente partiu deste porto, por cuja fuga dá mais claros indícios de ser réu dos delitos de que havia sido denunciado nesta Intendência. Recomendando a V. Mercê a brevidade na execução do que ordeno, para poder informar a S. Majestade com o resultado das averiguações a que V. Mercê deve proceder, dando-me parte por escrito com a mesma devassa. Deus guarde, etc. Agosto, 10 de 1797. Ao Juiz do Crime do Bairro de Andaluz.»

Segundo Pina Manique, os poemas eram «ímpios, sediciosos e crí-ticos», ou seja, punham em causa a religião, o cimento social de então, ameaçavam, alegadamente, a Pátria, porquanto apelavam à sublevação, e verberavam os valores e as instituições vigentes. Agravava sobremaneira este «delito» o facto de os ter disseminado clandestinamente pela «corte e reino», isto é, não só pela capital mas também por todo o país, incluindo o Brasil, como podemos aferir se consultarmos o Arquivo do Santo Ofício, depositado na Torre do Tombo, do qual constam cerca de 20 processos que mencionam a leitura sub-reptícia da poesia de Bocage. Referia-se o Intendente nomeadamente à «Pavorosa ilusão da Eternidade», também conhecida por «Epístola a Marília», famoso manifesto poético iluminista que denunciava o despotismo, a religião punitiva, a educação entorpecedora, a moral sexual repressiva, o obscurantismo e o casamento à revelia dos afetos e que, por outro lado, enfatizava o erotismo, a entrega amorosa independentemente das normas sociais estabelecidas. Aquele dirigente assinalava ainda, com alguma indignação, que o escritor não cumpria as suas obrigações religiosas, atitude suscetível, na época, de detenção.

O ILUMINISMO

Grande parte dos intelectuais que tiveram um papel preponderante na teorização do Iluminismo francês era de matriz burguesa. Bocage foi um leitor assíduo e atento das suas obras e poderá ter tido, inclusivamente, acesso à *Enciclopédia*, a qual, embora não se encontrasse à venda em Portugal, integrava as bibliotecas de alguns intelectuais; estes beneficiavam da cumplicidade dos livreiros franceses estabelecidos em Lisboa — João José Bertrand, José Dubié, Jorge Rey, Diogo Borel, Rolland, Reyceud e Pedro Loup —, de diplomatas nacionais e estrangeiros e de militares ingleses, prussianos e franceses que, ao longo do século XVIII, se encontravam em Portugal.

Bocage foi um dos iluministas portugueses mais representativos. Com, a título de exemplo, o padre Teodoro de Almeida, Luís António Verney, António Ribeiro Sanches, Filinto Elísio e José Anastácio da Cunha formou uma plêiade de intelectuais que tiveram o Homem, nas suas múltiplas vertentes, como catalisador do pensamento, da criatividade e da ação. Advogou o primado da Razão em detrimento da interpretação da Natureza e da Humanidade de uma forma escolástica,

ou seja, livresca, em função do princípio da autoridade, tendo pugnado pelo conhecimento científico, como é visível, por exemplo, no soneto «Ó lira festival, por mim votada», nas suas traduções feitas do francês, designadamente *As Plantas*³, de Richard Castel, e *O Consórcio das Flores — Epístola de Lacroix a Seu Irmão*⁴, e muito especialmente em *Elogio Poético à Admirável Intrepidez, com que em Domingo 24 de Agosto de 1794 Subiu o Capitão Lunardi no Balão Aerostático*⁵, ode que constitui um veemente protesto contra a arbitrariedade infligida por Pina Manique àquele nauta.

A hipocrisia de alguns sectores do clero — apelidada de «l'infâme» por Voltaire, mestre do livre-pensamento da época — foi criticada nos seus manifestos poéticos, nomeadamente a sua promiscuidade e o seu desregramento, que contrastavam com a mensagem professada a partir do púlpito. Advogou, por outro lado, o Deísmo, ou seja, uma tentativa conciliatória de religião com razão, sendo Deus um *compagnon de route* da Humanidade, propício à sua proteção, compreensivo perante as suas limitações, em contraste com a atitude punitiva que o catolicismo oficial então esgrimia.

Em sintonia com o Iluminismo, o poeta recusou a forma como a educação era ministrada, pouco propícia à formação de pessoas responsáveis e intervenientes, sem tutelas adventícias que menorizavam os cidadãos, tendo-se igualmente manifestado contra o preconceito, que tolhia atavicamente o quotidiano das pessoas, o fanatismo e a superstição. Reivindicando a trilogia que a Revolução Francesa consignou — Liberdade, Igualdade, Fraternidade —, compôs hinos lapidares, apostrofando o despotismo.

A forma como Bocage equacionou a sociedade na sua poesia constituiu um paradigma para os revolucionários liberais de 1820, os Vintistas, e para os republicanos que, no dia 5 de outubro de 1910, derrubaram o regime monárquico. O universalismo das suas propostas sociais e políticas assegurou-lhe a ampla recetividade, que, hoje em dia, ainda aufere.

³ Lisboa: Tipografia Calcográfica e Literária do Arco do Cego, 1801, 181 p. Edição bilingue.

⁴ Lisboa: na Oficina de Simão Ferreira, 1794, 11 p.

⁵ Lisboa: Tipografia Calcográfica e Literária do Arco do Cego, 1801, 61 p. Edição bilingue.

A práxis transgressora de Bocage conduziu-o várias vezes ao cárcere. São elucidativas dessa rutura as duas deserções das Forças Armadas, a expulsão da «Academia das Belas-Letras» em 1794, a sua detenção, sucessivamente, no Limoeiro e na sede do Tribunal do Santo Ofício, o processo inquisitorial de 1802, acusado de pertencer à Maçonaria, e a sua automarginalização de uma ordem social que se encontrava nos antípodas dos ideais de livre-pensador, por ele perfilhados.

A recusa de frequentar os circuitos palacianos — a menos que fosse expressamente convidado, melhor dizendo convocado, o que implicava então imediata e incondicional aceitação — atirou-o para o limbo da sociedade, como podemos inferir da leitura deste soneto:

De cerúleo gabão não bem coberto,
Passeia em Santarém chuchado moço.
Mantido às vezes de sucinto almoço,
De ceia casual, jantar incerto;

Dos esburgados peitos quase aberto,
Versos impinge por miúdo e grosso;
E do que em frase vil chamam caroço,
Se o quer, é *vox clamantis in deserto*.⁶

[...]

Nele estão patentes as suas dolorosas dificuldades no domínio da própria sobrevivência: roupas degradadas, refeições parcas e ocasionais e, talvez mais grave para a sua elevada autoestima, a recusa, por parte dos transeuntes, de lhe adquirirem os seus poemas, recorrentemente elaborados, ciosamente acalentados.

⁶ Bocage, *Obra Completa*, vol. 1, *Sonetos*, edição de Daniel Pires. Porto: Caixotim, 2004, p. 4.

O escritor viveu meteoricamente: faleceu quando acabara de completar 40 anos. Porém, apesar da sua morte prematura, legou-nos uma obra ampla, consignada em seis volumes, pertencendo a Inocêncio Francisco da Silva a tarefa de a reunir pela primeira vez, na íntegra, corria o ano de 1853.

Consciente da importância da sua poesia, relevante pelo seu valor estético, por constituir um documento elucidativo de carácter social e político, por fazer apelo à crítica do regime vigente e ainda por ser um manifesto que convida à assunção integral da essência humana — atributos que contribuíram para o elevar à categoria de mito —, aquele bibliógrafo, a quem a literatura portuguesa tanto deve, teve consciência de que a sua tarefa só estaria concluída com a publicação das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, iniciativa concretizada em 1854, ou seja, cerca de 50 anos depois da morte do infausto escritor. Esta obra, que constituiu, de imediato, um êxito assinalável, como atestam as três edições que conhecemos com aquela data, foi dada à estampa na mais estrita clandestinidade para evitar a ação predadora dos guardiães da moral coeva e assegurar que o seu organizador, então funcionário público, não seria acusado de abuso de liberdade de imprensa. Abra-se um parêntesis para recordar que Inocêncio Francisco da Silva foi exímio em explorar os caminhos da publicação clandestina. Lembremo-nos que a edição parisiense de *Colecção d'Epístolas Eróticas e Filosóficas* (1834), a de *Composições Poéticas Agora Coligidas pela Primeira Vez*, de José Anastácio da Cunha (1839), publicação que lhe valeu ser processado judicialmente por «abuso de liberdade de imprensa em matéria religiosa», e a de *Poesias Joviais Satíricas*, de António Lobo de Carvalho (1852) são da sua responsabilidade.

As *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas* são relevantes porquanto, de forma depurada, incluem textos críticos da sociedade de finais do século XVIII que nos permitem equacioná-la com pertinência. Naquela obra é recusada a religião punitiva:

Ouve o terrível Deus, que assim troveja:
«Vai, ministro fiel dos meus furores!
Corre, voa a vingar-me: seja a raiva

De esfaimados leões menor que a tua;
Meu poder, minhas forças te confio,
Minha tocha invisível te precede;
Dos ímpios, dos ingratos que me ofendem,
Na rebelde cerviz o ferro ensopa;
Extermina, destrói, reduz a cinzas
As sacrílegas mãos que os meus incensos
Dão a frágeis metais, a deuses surdos;
Sepulta as minhas vítimas no Inferno,
E treme, se a vingança me retarda!...»⁷

O Deus de Bocage é radicalmente diferente:

Oh Deus, não opressor, não vingativo,
Não vibrando com a dextra o raio ardente
Contra o suave instinto que nos deste;
Não carrancudo, ríspido arrojando
Sobre os mortais a rígida sentença.
A punição cruel, que excede o crime.

[...]

Há Deus, mas Deus de paz, Deus de piedade.

No domínio da sexualidade, o autor é igualmente crítico: a moral vigente baseava-se no preconceito. Recordemos que, na época, segundo os padrões vigentes, o corpo deveria ser mortificado, de forma alguma afirmado e muito menos cantado. O erotismo, defende, está em consonância com a natureza humana, sendo, consequentemente, um imperativo categórico respeitá-lo:

O que a Razão desnega, não existe.
Se existe um Deus, a Natureza o of'rece:
Tudo o que é contra ela, é ofendê-lo.

⁷ «Pavorosa ilusão da Eternidade.»

A sólida moral não necessita
De apoios vãos: seu trono assenta em bases
Que firmam a Razão e a Natureza.

Urgia, portanto, desmistificar aqueles que, furtivamente, inculcavam complexos de culpa e inibiam o ser humano:

Estes, Marília, estes são
Os males que o Céu nos fez;
São os erros em que crês
Os erros da educação.
Por mais que o meu coração
E o teu desatem mil gritos,
Os hipócritas malditos,
Os que têm tartárea voz,
(Ai!) armados contra nós
Extraem de amor delitos.

Sobre a humana geração
Têm suprema autoridade
Contra as tuas leis, Verdade,
Os erros da educação.
Some-se a luz da razão
Em preceitos infinitos,
De mortais negros peritos
Dura voz o amor condena,
Extraem fel d'açucena,
*Extraem de amor delitos.*⁸

⁸ Glosa ao mote «Os erros da educação / Extraem de amor delitos», in *Obra Completa*, ed. cit., vol. III, p. 125.

Segundo o poeta, Deus protege os transportes amorosos dos humanos:

Há Deus, mas Deus de paz, Deus de piedade.
Deus de amor, pai dos homens, não flagelo;
Deus que às nossas paixões deu ser, deu fogo,
Que só não leva a bem o abuso delas,
Porque à nossa existência não se ajusta,
Porque inda encurta mais a curta vida:
Amor é lei do Eterno, é lei suave;
As mais são invenções, são quase todas
Contrárias à razão e à natureza:
Próprias ao bem de alguns e ao mal de muitos.

Eis, portanto, a apologia inequívoca do erotismo. Porém, Bocage foi mais longe, fez questão de explicitar melhor a sua posição, demarcando-se claramente da pornografia. Chamemos à colação um excerto de *Cartas de Olinda e Alzira*, no qual critica a postura de Teresa, personagem principal de uma obra do marquês d'Argens que deu brado na época, *Thérèse Philosophie*:

Que pura locução que Amor ensina!
Quão dif'rente linguagem da que falam
Os livros que me dá o meu Belino!
Neles descubro o sensual estilo
Que a modéstia revolta e que não quadra
Às puras sensações que Amor excita;
Frase brutal, sem arte, e sem melindre,
Qual despejada plebe usar costuma;
Neles de Amor os gostos enxovalha
Misterioso véu, que arrancar ousam,
Com mão profana, d'ante o santuário
Que Amor encerra, e donde o deus oculto
Manda aos mortais um cento de venturas.
Deles o nume foge, e por castigo
Leva após si deleites que não provam:
Em vez de graças mil, de mil prazeres,
Priapeu tropel ímpios incensam.

Dá-me tédio a lição de escritos torpes,
Onde o prazer fugaz, lassos os membros,
Sob mil formas em vão se perpetua.
Lassos os membros, lassos os sentidos,
Debalde esgotam, sôfregos de gostos,
De impudicícia inumeráveis gestos.
Morre a chama que amor mútuo não sopra;
Como é vil a expressão, e é vil o gozo
Que uma Teresa, que outras tais francesas
Em impuros bordéis gabar se ufanam!

Elucidativa, relativamente à diferença entre erotismo e pornografia, é a argumentação de Bocage perante um censor contumaz e moralista:

Camões na Ilha dos Amores inclui imagens mais vivas, mais nuas, mais indecentes, e as belezas o salvam da acusação. O mesmo se lê em Tasso na ilha da Armida: entre outras nota-se a estância onde diz:

Mostra il bel petto le sue neve ignude,
Onde il fuoco d'amor si nutre e desta;
Parte appar dalle mamme acerbe e crude,
Parte ancor ne ricopre invida vesta, etc.

A boa moral de Tasso consta à posteridade, a de Camões igualmente. Tais imagens brotaram sempre duma fantasia delicada e engenhosa, sem que talvez indicassem coração corrupto. A nudez das graças e a do vício diferem muito; li que sempre foi lícito ao poeta erótico exprimir neste género tudo o que pode aformoseá-lo contanto que envolva em metáforas ou alegorias o que, sem elas, fora agravante à modéstia. Parece-me que o talento não lucra pouco vencendo a dificuldade de pintar com decência o que dos génios medíocres sairia torpe.⁹

⁹ Biblioteca da Ajuda, cota 54-IV-34 n.º 1.

Regressemos às *Cartas de Olinda e Alzira*, o primeiro manifesto feminista português. Nele, duas mulheres, num diálogo franco, reivindicam o direito ao prazer, usufruído à revelia das regras que a sociedade unilateralmente lhes impunha, e recusam o casamento, expressão, na época, de interesses materiais:

A Fortuna, que foi comigo larga,
Negou seus dons a meu querido amante.
Ele não conta nobres ascendentes,
De quem meus pais se dizem oriundos:
É quanto basta para erguer muralhas
De alcance, entre ele e mim, inacessíveis.
O ditoso himeneu não me é preciso,
O himeneu, aparato de teus votos,
Para entre os braços seus tecer afoita
Indissolúveis nós c'ò meu Belino:
Sou dele, é meu; os homens que se ralem.

Na verdade, Bocage já manifestara idêntico posicionamento relativamente ao matrimónio num poema que a Censura, em 1799, retalhou na íntegra. Recordemos um excerto:

[...]
Leitores, este regato
É a ternura inconstante,
Estas flores os prazeres
Que lucra vadio Amante.

O lodo é a triste imagem
Do pranto, do dissabor,
Dos ciúmes, das saudades
E doutros males d'Amor.

Quanto ao negregado tanque,
Presumo (aqui para nós)
Que é a prisão desses loucos,
Que dizem: «recebo a vós.»

Julião Cataldi, representante do Santo Ofício, foi veemente no seu parecer censório, considerando o poema:

«[U]ma injúria gravíssima ao género humano, um apelo à lascívia e uma desautorização dos santos vínculos do matrimónio, os quais Jesus Cristo firmou e consagrou com a graça e virtude de um sacramento.»

Não menos socialmente subversivo é o seguinte soneto:

Voa a Lília gentil meu pensamento¹⁰
Nas asas de Esperanças sequiosas;
Amor, à frente¹¹ de Ilusões ditosas,
O chama e lhe acelera o movimento.

Ígneo desejo audaz, que em mim sustento,
Mancha o puro candor das mãos mimosas,
Os olhos cor dos céus, a tez de rosas,
E o mais, onde a ventura é um momento.

Eis que pesada voz, terrível grito
Soa em minha alma, o coração me oprime,
E austero me recorda a lei e o rito.

Devo abafar-te, Amor, Paixão sublime?
Ah! Se amar como eu amo é um delito,
Lília formosa aformoseia o crime.

Igualmente intervenientes e alternativas são as composições que fazem a apologia da Revolução Francesa, aquelas que condenam o despotismo, ou as que satirizam o papa Pio VI, em fuga perante a invasão das tropas napoleónicas.

¹⁰ Publicado postumamente por Rodrigo Vicente de Almeida in *Poesias Inéditas de Bocage*. Lisboa: Henrique Zeferino, 1896. Integra o acervo da Biblioteca da Ajuda, com a cota 54-IV-34 // 2.

¹¹ Inicialmente foi escrito «frente», palavra depois corrigida.

A empatia de Bocage pela leitura e pelo estudo, ao contrário do que, por vezes, se escreve com alguma precipitação, era notória. Argumentam alguns biógrafos e articulistas que ele apenas tinha apetência pela boémia. Tal opção impossibilitaria o convívio aturado com textos marcantes da época. Como justificar então o amplo conhecimento da mitologia, da literatura, da filosofia e da história greco-latina a que o poeta fez exuberantemente apelo? E como justificar idêntica erudição no que diz respeito à cultura francesa?

Interessa-nos, neste momento, assinalar apenas algumas obras que terá lido e que apresentam ressonâncias na sua poesia erótica, satírica e de intervenção social.

Bocage terá lido alguns dos escritores libertinos franceses dos séculos XVII e XVIII. Apreciou, por outro lado, Voltaire, que cunhou uma expressão certamente do agrado de Bocage — «Mortais, reconheci um Deus nos vossos prazeres», foi uma das suas influências mais notórias, no domínio político, literário, social e religioso. A tradução de *La Henriade* e as epígrafes às composições «Em vão, para tecer-me um ledó engano» e «Trabalhos da Vida Humana» confirmam tal admiração.

O percurso pessoal e literário de Aretino, poeta e panfletário italiano (Arezzo, 1492-Veneza, 1556), «flagelo dos príncipes», de acordo com Ariosto, «secretário do mundo», como ele se autoapelidava, apresenta semelhanças com o do escritor: pena corrosiva e temida tanto pelo clero como pela nobreza, múltiplos poemas apócrifos que lhe foram postumamente atribuídos, sátira contundente e o elogio do corpo em composições disseminadas por vários países europeus. Foi citado por Bocage, pouco antes de falecer, num soneto que muita tinta fez correr, cuja autoria foi posta em causa, na nossa opinião sem fundamento: «Outro Aretino fui... [...]»¹² Na verdade, os *Ragionamenti*, de Aretino, constituíram uma fonte úbere para os libertinos dos séculos XVII e XVIII e terão sido levados em linha de conta aquando da composição de *Aloisae Sigae Toletanae: Satyra Sotadica de Arcanis Amoris et Veneris*, de Nicolas Chorier, mais conhecida por

¹² *Obra Completa, op. cit.*, «Já Bocage não sou!... À cova escura», soneto n.º 8, p. 10.

L'Académie des Dames, e de *L'École des Filles ou la Philosophie des Dames divisée en deux dialogues*, de Michel Millot (1655). O mesmo se poderá dizer das *Cartas de Olinda e Alzira*, cuja estrutura é idêntica.

Há anos, procedemos a uma investigação no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em busca do processo inquisitorial de Bocage que Teófilo Braga¹³ divulgou parcialmente. Um dos documentos inéditos que então detetámos prende-se com a devassa feita à casa de André da Ponte Quental, onde o poeta residia quando foi detido por ordem expressa de Pina Manique. Entre os livros inventariados, encontrava-se *Le Parnasse Libertain, ou Recueil de Poésies Libres*. Tratava-se da edição de Amesterdão, com a chancela de Cazals et Ferrand, publicada em 1769, 1776 e 1788, ou a que, ironicamente, se reivindicava oriunda de «Paillardisoropolis, chez le Dru, à l'enseignement du Priape», datada de 1772. Não existindo esta coletânea nas bibliotecas nem nos arquivos nacionais, deslocámo-nos à Biblioteca Nacional Francesa, onde consultámos a última edição citada¹⁴. Tínhamos em mente conhecer com precisão o seu teor, os autores com que Bocage conviveu e, eventualmente, aqueles que o terão de alguma forma influenciado.

A coletânea abre com uma epígrafe da quarta elegia de Ovídio — «Nitimur in vetitum semper... quod licet ingratum est».¹⁵ Segue-se uma advertência ao leitor, na qual se diz que é composta por textos inéditos e ainda por outros já publicados que se encontravam dispersos e de difícil acesso, constituindo o que de melhor havia no género. Apresenta 150 composições, umas anónimas, outras de Voltaire («Le Cadenas», pp. 71-74), Alexis Piron, M. Thémiseuil, Abbé Chaulieu, Abbé Grécourt, Dulard, Malzac, Jean-Baptiste Rousseau, Vergier, Chevallier de Cailly, Cavaliès, Perrault e La Fontaine, etc. Sonetos, contos em verso, canções e epigramas veiculam sátiras ferozes a alguns dos alvos preferenciais do Iluminismo, bem como a reiterada afirmação do corpo, na esteira dos libertinos, que despontaram, em França, no século xvii, e que adquiriram particular expressão no século seguinte.

¹³ *Bocage, Sua Vida e Época Literária*. Porto: Livraria Chardron, 1902, 611 p.

¹⁴ Biblioteca Nacional Francesa, Enfer – 322.

¹⁵ «Pendemos sempre para o que é proibido... o que é permitido não nos dá prazer.»

Nela é recorrente o anticlericalismo: os excessos dos membros do clero («L'Économe», «Le Remituntur», «Deux Bernardins de Diverses Provinces» e «Joyeuse Recette», de Jean-Baptiste Rousseau), a sedução de mulheres jovens («L'Èvêque in Partibus»), a promiscuidade de frades e de freiras nos conventos, a hipocrisia daqueles que pregavam a castidade e se consideravam guardiães da moral, sendo ainda satirizados aspetos anódinos do seu quotidiano em «Le Sous-Prieur», de Rousseau, ou em «La Perruque du Curé», de Abbé Grécourt.

O adultério está patente, por exemplo em «Jouissance», que alude à incontinência de uma dama cujo marido estava ausente em terras remotas; em «La Veuve Inconsolable», de Alexis Piron, uma ninfomaníaca assedia de tal forma um monge que este acaba por não resistir e morre ingloriamente.

Acresce, por fim, a crítica social, senda que Bocage também trilhou com a verve poética e a corrosão que lhe são normalmente reconhecidas.

Os livros proibidos de carácter erótico, pornográfico e filosófico circulavam por toda a Europa graças à rede eficiente que os livreiros e os editores engenhosamente teceram. Não é possível deixar de referir o papel fulcral que os *colporteurs* desempenharam na divulgação de livros considerados de extrema importância para o desenvolvimento do conhecimento humano. Sem qualquer instrução, estes «pobres diabos», cuja subsistência era precária, foram incansáveis no transporte de livros, de forma dissimulada, e na sua venda a pessoas que neles se reviam, em feiras, cafés, casas de pasto e em outros locais afastados dos circuitos policiais. Tais obras alegadamente «corruptoras» — da juventude, da mulher, do cidadão — podiam ser encontradas no próprio Palácio de Versalhes, porquanto um número não despreciando de cortesãos as adquiria avidamente. Jean Marie Goulemot¹⁶ refere que um criado da copa tinha depositado na capela do rei uma edição inteira de um dos livros pornográficos mais procurados, *Histoire de Dom B., Portier des Chartreux*, publicado em 1741 e de imediato apreendido pela polícia, uma sátira anticlerical de Gervaise de Latouche que a própria Madame de Pompadour possuía. Resta ainda afirmar que a repressão a que os *colporteurs* estavam sujeitos, se fossem surpreendidos,

¹⁶ Jean Marie Goulemot, *Ces Livres qu'on ne Lit que d'une Main. Lecture et Lecteurs de Livres Pornographiques au XVIII ème Siècle*. Aix-en-Provence: Éditions Alinea, 1991, p. 30.

era bastante violenta, designadamente após o atentado contra Luís XV, perpetrado em janeiro de 1757, sendo então reintroduzida a pena de morte, extensiva também aos autores, impressores e livreiros cuja atividade se prendesse com escritos que alegadamente atacassem a religião, agitassem os espíritos, pusessem em causa a autoridade do rei e a ordem social¹⁷.

Alguns livreiros tinham urdido uma estratégia cirúrgica para disseminar obras proibidas, as quais eram encadernadas no meio de livros religiosos, de culinária ou que versavam um tema inócuo. Na Europa, por exemplo, *Le Parnasse Libertain*, que acabámos de descrever nas suas principais linhas de força, *L'École des Filles* e *Cruautés Religieuses* circulavam em «simbiose» com a *Liturgie des Protestants en France*; a *Fille de Joie*, tradução francesa de *Memories of Fanny Hill*, de John Cleland, era dissimulada entre as páginas do *Novo Testamento*¹⁸.

Outros livros «ímpios, sediciosos ou corruptores» chegavam a Portugal trazidos por diplomatas, viajantes e oficiais do exército estrangeiros. Muitos entravam no País por via marítima, sendo o porto da vila de Setúbal muito menos vigiado do que o de Lisboa.

Da lista de livros proibidos pela Real Mesa Censória, em 1774, constam alguns de carácter licencioso: *L'Académie des Dames*; «Apologie des Femmes», o capítulo final de *Libertain devenu Vertueux*; de Aretino, entre outros, os citados *Ragionamenti* e *Lettere*, banidos em 17 de agosto de 1796; *Les Bijoux Indiscrets*, de Denis Diderot, considerado obsceno em 2 de abril de 1770; *Le Bordel ou Jean F. Puni*; de Restif de la Bretonne, entre outros, *La Paysanne Pervertie*, suprimido em 1790; *Le Cabinet Satirique*; *Le Canapé Couleur de Feu*; *Catéchisme d'un Odalisque*; *Cri d'une Honnête Femme qui Réclame le Divorce*, edição de Frankfurt, suprimida em 30 de agosto de 1781; *Confessions Galantes de Six Femmes du Jour*, suprimido em 9 de dezembro de 1793; *Confidence d'une Jolie Femme*; *École des Dames*; *École des Filles*; *École des Maris*; *Les Liaisons Dangereuses* de Laclos, edição suprimida em 6 de março de 1780; *Lettres de Alexis et Justine*; *Lettres de Laure à Emilie, ou les Dangers*, suprimido em 9 de agosto de 1787; *Lettres*

¹⁷ Jean-Christophe Abramovici, *Le Livre Interdit*. Paris: Payot, 1996, pp. 198-205; Netz, Robert, *Histoire de la Censure dans l'Édition*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, pp. 55-56.

¹⁸ Darnton, Robert, *Édition et Sédition*, op. cit., p. 35.

de *Milady Juliet Catesbi à My Henriette*; *L'Ode à Priape*, de Alexis Piron; *La Putain Errante, ou Dialogue de Julie et Madelaine*; *La Religieuse en Chemise*; *Temple de Priape*; *Vénus dans le Cloître*; *The Woman of Pleasure*, edição de London, datada de 1771.

Thérèse Philosophe do marquês d'Argens¹⁹, apreendida 12 vezes entre 1771 e 1789, foi também uma das obras que influenciou o poeta, da mesma forma que impressionou Sade. Este famigerado libertino, com efeito, considerou-a «a única que ligou agradavelmente a luxúria à impiedade e que [...] dará finalmente a ideia de um livro imoral.»²⁰

Na citada devassa à casa de André da Ponte Quental está inventariada uma outra obra daquele nobre que residiu durante bastante tempo na corte de Berlim, a convite de Frederico II — *Lettres Juives ou correspondance philosophique, historique et critique entre un juif voyageur en différents États de l'Europe et ses correspondants en divers endroits* (1739). É um libelo contra o fundamentalismo religioso e a superstição, acusações que encontram ressonâncias no soneto sobre a «Beata de Évora» e na «Pavorosa ilusão da Eternidade».

Ovídio foi indubitavelmente a influência mais determinante de Bocage, que se revia na sua poesia e no seu percurso de vida. Na verdade, ambos foram marginalizados pelo poder, sentiram o peso indelével do ostracismo, apesar do seu inequívoco talento, e lapidaram versos que a posteridade registou. Bocage manifestou diversas vezes a sua admiração por aquele expoente da literatura latina, traduzindo excertos dos *Fastos* e das *Metamorfoses* e citando-o em epígrafes aos seus poemas. Resta mencionar algumas leituras de intelectuais portugueses que influenciaram no domínio da crítica social. Referimo-nos a João Xavier de Matos — «suave Albano», assim o nomeou no poema «Encantador Garção, tu me arrebatas» —, a Paulino Cabral de Vasconcelos, ou seja, o abade de Jazente e, sobretudo, a António Lobo de Carvalho, também conhecido por «O Lobo da Madragoa», como se infere da leitura de *Poesias Joviais e Satíricas*, publicadas, em 1852, anonimamente por Inocêncio Francisco da Silva.

¹⁹ In *Romans Libertins du XVIII ème Siècle*. Textes établis, présentés et annotés par Raymond Trousson. Paris: Robert Laffont, 1999, pp. 557-658.

²⁰ «Histoire de Juliette», in *Oeuvres Complètes du Marquis de Sade*. Paris: Cercle du Livre Précieux, 1996-1997, t. VIII, p. 443.

a) De 1805 a 1853

O falecimento do escritor, no dia 21 de dezembro de 1805, desencadeou uma intensa comoção nacional. Partira um literato de génio, na flor da idade, irreverente e paradigmático na sua luta pela liberdade de expressão, por uma sociedade consentânea com os direitos mais inalienáveis que a Revolução Americana e, 13 anos depois, a Revolução Francesa consignaram. Um implacável aneurisma na carótida esquerda conduziu-o à morte, a qual foi antecedida por cerca de 10 meses de agonia. Despontou um mito que acompanhou muitas gerações, as formou e lhes proporcionou inequívoco deleite espiritual.

Foi então homenageado por diversos intelectuais, que compuseram elegias, epicédios e sonetos: Tomás António dos Santos e Silva, Pedro José Constâncio, Manuel Inácio Nogueira, Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, José Agostinho de Macedo, João Miguel Coelho Borges, frei José Botelho, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Malhão, Pedro Inácio Ribeiro Soares, Belmiro Duriense e José da Cunha Magalhães, entre outros. Por sua vez, o conceituado pintor Henrique José da Silva solicitou a Bartolozzi que gravasse o retrato do poeta, feito pouco antes do seu falecimento, o qual foi dedicado a António de Araújo de Azevedo, conde da Barca, ministro dos negócios estrangeiros e da guerra, que reuniu um acervo bibliográfico inestimável, depositado na Biblioteca Municipal de Braga e na Biblioteca Nacional brasileira²¹.

As reedições da sua poesia foram-se multiplicando: o primeiro tomo das *Rimas* conheceu duas edições em 1806 (!), sendo ainda dado aos prelos em 1834 e em 1843; o segundo tomo das *Rimas*, «dedicadas à Amizade», foi reeditado em 1813, 1823 e 1843; o terceiro tomo foi republicado duas vezes em 1806 e, posteriormente, em 1843; as suas traduções do latim e do francês foram reimpressas, quer em Lisboa, quer no Rio de Janeiro,

²¹ O respetivo catálogo, manuscrito, datado de 1818, foi redigido, eventualmente, por João Cristiano Müller, que se radicara em Portugal na qualidade de pastor da legação holandesa.

cidade onde se encontrava a corte, desde 1808, na sequência da primeira invasão francesa, capitaneada por Junot.

A partida da realza e do seu séquito para o Brasil no final de 1807 e as três invasões francesas enfraqueceram o aparelho de Estado, tendo-se os mecanismos de censura tornado, consequentemente, menos atuantes. Não surpreende, deste modo, que a edição em dois volumes de Desidério Marques de Leão (1812-1813) — oportunista e descuidada, por vezes caótica, com objetivos claramente economicistas —, intitulada *Obras Poéticas de ...*, e a editada pelo delfim do escritor, Nuno Álvares Pereira Pato Moniz, *Verdadeiras Inéditas Obras de Manuel Maria de Barbosa du Bocage* (1813-1814), tenham incluído algumas composições até então impubescíveis; em 1840, vieram a lume as *Poesias Satíricas Inéditas ...*, *coligidas pelo professor de grego do 1.º Liceu Nacional de Lisboa António Maria do Couto*. Embora a incúria seja visível, o respetivo prefácio encerra pormenores de carácter biográfico redigidos por alguém que conviveu com o poeta e que trouxe à colação alguns textos desconhecidos.

Em paralelo, circularam clandestinamente poemas, sendo o mais frequente a «Pavorosa ilusão da Eternidade». Inventariemos as publicações impressas clandestinas que incluíam composições da matriz de Bocage, ou a ele atribuídas: a primeira que se conhece intitula-se *Saque dos Conos ou relação do que aconteceu às moças do Porto pela entrada do exército francês, em março de 1808*, uma edição rara que não existe na Biblioteca Nacional, dada à estampa, eventualmente, na década de 10 do século XIX²². Anónima, como é normal na literatura clandestina, foi organizada por João António Frederico Ferro e apresentava dois poemas: «Noite de inverno», também conhecido por «Empresa Noturna», e «Pavorosa ilusão da Eternidade». Tal identificação veio a ser confirmada por um manuscrito existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra²³, intitulado *A Martinhada*, que inclui ainda «A Ribeirada», «A Manteigui» e o «Capítulo Geral dos Franciscanos».

²² Ao Professor António Ventura deixamos exarado o nosso agradecimento por nos ter cedido a respetiva fotocópia.

²³ Cota RB – 3 – 37.

Em 1823, teoricamente em Königsberg, publicou-se a *Ribei-rada — Poema Épico*, que apresenta os seguintes poemas, além daquele que lhe dá o título: «Saque dos Conos», «Capítulo Geral dos Frades», «Noite de inverno» e «Manteigui»²⁴.

No ano de 1831, começaram a circular, de forma estropiada, as *Cartas de Olinda e Alzira*.²⁵ Dois anos mais tarde, é dada ao prelo por J. P. Aillaud, em Paris, a «Epístola a Marília», também conhecida por «Pavorosa ilusão da Eternidade», a par do célebre poema «A Voz da Razão», alegadamente de José Anastácio da Cunha, uma edição cuidada, intitulada *Colecção d'Epístolas Eróticas e Filosóficas*, que deverá ter sido gizada pela mão de Inocêncio Francisco da Silva, então um jovem de 24 anos. Publicada legalmente, entrou em Portugal de forma clandestina e foi lida com avidez por um público numeroso. A «Epístola a Marília» voltou a ser publicada, corria o ano de 1837, desta vez na cidade de Londres.

b) A edição de Inocêncio Francisco da Silva

A publicação das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas* constituiu um marco na fortuna editorial de Bocage. Cerca de cinco décadas depois do falecimento do escritor, corria o ano de 1853, Inocêncio Francisco da Silva teve a percepção clara de que a voragem do tempo fora inclemente para a sua produção literária, porquanto as edições originais estavam esgotadas e as que tinham sido dadas posteriormente a lume eram fragmentárias, inexatas e estropiadas, traindo, deste modo, a sua lição. Acrescia ainda que cerca de 25 % dos seus poemas ficaram inéditos por serem subversivos.

Impunha-se, deste modo, a publicação de uma edição criteriosa, que respeitasse a versão original, desmistificasse alguns episódios da biografia, enquadrasse outros, anotasse as composições, normalizasse a pontuação e pusesse ponto final a um facilitismo editorial que tinha como móbil

²⁴ Cota da Biblioteca Nacional de Portugal: L. 48759 P.

²⁵ O respetivo deverá ser aquele que foi vendido por Manuel Ferreira, alfarrabista portuense. *Vide* catálogo de fevereiro de 1992, n.º 6878.

único o lucro, à revelia, portanto, da verdade literária e da justiça que é devida ao poeta.

Não existindo autógrafos originais, aquele bibliógrafo contactou pessoas que conviveram com o escritor, consultou múltiplos manuscritos em busca dos mais coerentes, seguiu todas as pistas que poderiam trazer alguma luz relativamente ao contexto ou às personagens envolvidas e anotou com rigor uma poesia tantas vezes personalizada. Fez apelo ao seu extensíssimo acervo — constituído por autógrafos originais e panfletos de grande raridade, designadamente de e sobre José Agostinho de Macedo, por ensaios sobre temas como a Guerra Peninsular, o Iberismo e a «Inconfidência Mineira», bem como pelos folhetos publicados no âmbito das polémicas «Eu e o Clero», a «Questão Coimbrã» e o «Casamento Civil»; deste pecúlio faziam ainda parte múltiplas cópias de poesia erótica dos séculos XVII e XVIII²⁶, encontrando-se estas, atualmente, depositadas na Biblioteca Pública Municipal do Porto²⁷.

Depois de expor as razões que o levaram a empreender aquela edição, Inocêncio concluiu da seguinte forma o seu prefácio:

«Sirvam estas razões de salvo-conduto com que granjeemos obter vénia perante os ânimos sensatos e despreocupados; quanto àqueles para quem (na frase de um nosso amabilíssimo contemporâneo) é mais alto escândalo escrever um beijo do que tomar um cento, esses têm em si mesmos contra o veneno do livro um preservativo tão fácil quanto infalível: não o compreem, nem o leiam, e ficaremos em paz.»

Eis um aviso aos moralistas que certamente se preparavam para criticar o seu trabalho.

A edição de Inocêncio Francisco da Silva é rigorosa, apesar das limitações inerentes a esta empresa. Este bibliógrafo desprezou composições

²⁶ O precioso espólio deste bibliógrafo foi leiloado, pouco depois do seu falecimento, tendo sido inventariado no *Catálogo da Copiosa Biblioteca do Falecido Inocêncio da Silva, Ilustre e Erudito Autor do 'Dicionário Bibliográfico'*. Quem o quiser consultar deverá, na Biblioteca Nacional, optar pela cota B. 1937 V., único espécime que inclui igualmente as partes II e III.

²⁷ Manuscritos, cota 1948-1951.

que a tradição atribuía indevidamente a Bocage, incluiu as que verdadeiramente lhe pertenciam e separou o trigo do joio, identificando os poemas que eram de autoria duvidosa, formulando hipóteses pertinentes, pistas de trabalho que ainda hoje merecem ponderação. Aquele benemérito das nossas letras, por motivos óbvios, nunca reivindicou a autoria da sua edição, visto estar em causa a sua segurança: se o fizesse, sofreria, com toda a certeza, represálias. Porém, a metodologia, o estilo, as notas exaustivas e a própria mancha gráfica, em tudo idêntica à da sua edição de 1853, são eloquentes, não permitem dúvidas.

Quais as fontes de Inocência? As possíveis, na ausência de autógrafos: cópias avulsas, umas mais credíveis do que outras, mais ou menos estropiadas, viciadas, que metodicamente compulsou e comparou, optando pela hipótese mais plausível; os impressos que inventariámos anteriormente, publicados depois do falecimento do poeta e um caderno que lhe sugeriu as seguintes considerações:

«[...] todos os sonetos compreendidos nas páginas 146 a 162 [ou seja, os sonetos xxxvi a lII] e sob os números indicados, foram por nós trasladados há quase 30 anos de um caderno que continha promiscuamente obras de Bocage e de Pedro José Constâncio, mas sem a devida separação; tornando-se por isso dificultoso, senão impossível, discriminar com certeza entre elas as que pertencem a um ou outro dos dois poetas; muito mais quando os estilos de ambos oferecem às vezes tal semelhança que deixa indeciso o juízo mais experimentado.

Por conseguinte, pareceu preferível a ideia de os reproduzir aqui na sua totalidade; o leitor poderá fazer a respeito de cada um as observações que a sua crítica lhe sugerir e estremá-los-á como for do seu agrado.»

De acordo com os parâmetros, os meios e os conhecimentos da época, Inocência Francisco da Silva não poderia ter executado melhor esta tarefa labiríntica. Todas as composições de autoria duvidosa foram por ele incluídas na sua edição, deixando a última palavra ao leitor. Por outro lado, facultou-nos alguns dados de natureza biográfica sobre Pedro José Constâncio [Lisboa, 1781-Elvas, 1828] e deu a conhecer sonetos seus, possibilitando a reavaliação daqueles que são de matriz incerta. Por se

tratarem de elementos importantes para esta tarefa pedregosa, transcrevemos as suas palavras sobre aquele poeta, filho do mais conceituado cirurgião de D. Maria I, Manuel Constâncio, irmão de um ensaísta de mérito que se radicou em Paris, Francisco Solano Constâncio, e de uma apaixonada de Bocage, Maria Margarida Rita Solano Constâncio, a célebre Marília, personagem de «Pavorosa ilusão da Eternidade» e de muitos sonetos seus:

«Pedro José Constâncio, a quem indubitavelmente pertencem alguns dos sonetos a que nos referimos, foi bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra [...]. Faleceu antes de 1820 e conviveu no seu tempo com a maior parte dos poetas contemporâneos, particularmente com Bocage e José Agostinho [de Macedo]. Homem de vida extravagante e desregrada, sofria por vezes ataques de alienação mental, chegando a apresentar-se nu em pleno dia às janelas da casa onde morava, no deserto da rua larga de S. Roque. Compôs grande número de poesias, quase todas licenciosas, e entre estas um poema alusivo à fornicção dos cães dentro das igrejas que, sendo denunciado ao Intendente-Geral da Polícia por Pedro Alexandre de Carvoé, deu lugar à reclusão do poeta por alguns dias no Limoeiro; e poderia ter piores consequências se não intervissem rogos e empenhos de alguns amigos que se interessaram por ele para com o Intendente. Enfermidades geradas pelos excessos venéreos a que se dava, sem escolha nem reserva, o levaram a um estado valetudinário, atenuando-lhe as faculdades e tornando-o incapaz de toda a aplicação. Vítima de seus desregramentos, faleceu antes de completar 40 anos de idade.»

A edição das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, de Inocêncio, foi um êxito assinalável, tendo a procura excedido todas as expectativas. Finalmente, tinham sido dadas aos prelos as composições de que muitas pessoas falavam, embora poucas as conhecessem verdadeiramente. A consulta de três edições, alegadamente de Bruxelas mas, na realidade, impressas em Lisboa, que apresentam no frontispício a data de 1854, deixou-nos perplexos. De facto, não são rigorosamente iguais: embora a mancha gráfica seja a mesma, duas apresentam pequenas diferenças pontuais no texto, podendo afirmar-se que a segunda, menos correta, terá sido impressa pouco depois da primeira que, eventualmente, se terá, de

imediatamente, esgotado. Porém, existe na Biblioteca Nacional²⁸ uma terceira edição que difere substancialmente das que referimos anteriormente. Com efeito, embora não apresente alterações de vulto no texto, nas notas ou no grafismo, a inclusão de imagens abertamente pornográficas indicia que houve a intervenção de um editor oportunista que, ultrapassando e copiando Inocêncio, quis ganhar dinheiro fácil, contando com um público pouco exigente e receptivo a uma iconografia explícita.

AS EDIÇÕES POSTERIORES A 1854

A edição das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, de Inocêncio Francisco da Silva, tornou-se emblemática, sendo republicada múltiplas vezes, com maior ou menor rigor, sempre clandestinamente, ao longo do século XIX e, grosso modo, da primeira metade do século XX. Em 1995, tivemos oportunidade de inventariar tais edições numa exposição da qual existe um catálogo²⁹. Porém, como entretanto detetámos outras e porque tal publicação há muito se encontra esgotada, parece-nos importante fazer uma incursão pelo seu historial.

Embora impressas na sua maioria em Lisboa, as *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas* ostentaram quase sempre no frontispício os nomes de cidades ou regiões estrangeiras, metodologia perfilhada para melhor ludibriar as entidades censórias do País. Até ao momento, tivemos acesso a edições «oriundas» de «Bruxellas» (1854, 1860, 1861, 1870, 1879, 1884, 1888, 1899 e 1900), «Bahia» (1858, 1860, 1861, impressa, na realidade, em Braga), Rio de Janeiro (1861), Cochinchina (1885), Lisboa (1890), Londres (1900), Paris (1901, 1902, 1908, 1908, 1915), «Amsterdam» (1907), Leipzig (1907) e London (1926, 1964). No vol. XVI do *Dicionário Bibliográfico Português* é afirmado que uma das edições referidas foi dada à estampa em Estremoz.

Em 1891, «Uma Sociedade de Literatos» publicou *Bocage ou Todas as suas Piadas — colecção completa de todas as suas anedotas, ditos picantes*,

²⁸ Com a cota ERO 135, FR. 649.

²⁹ Daniel Pires, *Catálogo da Exposição Comemorativa dos 230 e 190 Anos do Nascimento e Morte de Bocage*. Setúbal: Câmara Municipal, 1995.

improvisos eróticos e sonetos apimentados por ... Cerca de 10 anos mais tarde, foi dado aos prelos o *Catálogo de Livros e Estampas Consagrados às Mulheres e ao Amor*, o qual se encontrava «à venda, à socapa em algumas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra». Nele é feita referência aos seguintes textos: «A Ribeirada», «A Manteigui», «A Martinhada» e «Saque dos Conos», ao preço de 300 réis; *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, com a seguinte advertência: «É uma edição nítida de todas as poesias livres do autor», por 300 réis; *Bocage — Leitura para homens, apanhada de coisas que lhe são atribuídas*, cujo preço ascendia a 100 réis.

O período republicano conheceu duas edições autónomas das *Cartas de Olinda e Alzira*. Durante a vigência da Ditadura Militar, mais exatamente em 1932, foi publicada uma outra edição das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, com a chancela da «Editorial Galante», sediada, teoricamente, em Barcelona, um volume de 212 páginas que apresenta um prefácio assinado por C. K. Macho. Daquele ano data o *Parnaso Bocagiano*, anotado também por C. K. Macho, edição dos «amigos gostosos», 212 páginas, tal como a citada anteriormente, facto que aponta para uma edição em tudo igual, exceto no título.

O Estado Novo perseguiu de forma contumaz a obra erótica de Bocage, a qual tinha lugar cativo em todas as listas de livros proibidos. Nesse período, as edições mais acessíveis eram a que pretensamente foi impressa em London, que ostentava os anos de 1926 ou 1964, e a de São Paulo, datada de 1969. Hernâni Cidade, por seu turno, publicou, embora de forma condicionada, um volume, com a chancela da Editorial Artis (1970).

Com o advento do 25 de Abril de 1974, a Censura foi banida e os prelos portugueses abriram-se a novas edições, entre outras aquelas que ostentam a chancela da «Mocho», «Socupul», «Anagrama», «Orfeu», «Revistas e Livros», «Europa-América» e «Sistema J».

DIFICULDADES QUE A EDIÇÃO DAS *POESIAS ERÓTICAS, BURLESCAS E SATÍRICAS* ENCERRA

A primeira edição das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, publicada clandestinamente, teve lugar em 1854, ou seja, cerca de 50 anos depois do falecimento de Bocage. O seu responsável, Inocêncio Francisco da Silva, não pôde consultar nenhum autógrafo do poeta, tendo tido acesso apenas

a cópias, ou a cópias de cópias, muito afastadas dos originais, algumas claramente estropiadas, outras mal identificadas. Sobre a especificidade deste trabalho editorial se debruçou, com propriedade, Cristina Marinho:

«[...] partes dessas obras foram sendo impressas em diversos tempos [...], circularam abundantemente em papéis conservados manuscritos, oferecendo cópias mais ou menos viciadas, como é próprio de uma literatura clandestina que se constitui num deveras eloquente *understream* de difusão incontrolável do pensamento radical.»³⁰

Uma análise estilística e de conteúdo atenta permite-nos inferir que constam daquela obra poemas que não pertencem à lavra de Bocage, conclusão corroborada pelo próprio Inocêncio Francisco da Silva nas suas abundantes notas. Coexistem, com efeito, no que diz respeito à sexualidade, dois discursos antagónicos, que se excluem. Um, que faz a apologia do erotismo, que enfatiza o corpo, que o enaltece; um outro, abertamente pornográfico, unilateral por ser em função do homem, frequentemente brutal, fazendo apelo a uma linguagem grosseira e desbragada. O primeiro é de Bocage e está em sintonia com alguns poemas publicados legalmente nas *Rimas*; o segundo não lhe pertence.

Em abono desta tese, tomemos dois exemplos:

1 — A «Pavorosa ilusão da Eternidade» é um manifesto que está em franca sintonia com os princípios que norteiam o Iluminismo. Racionalista por excelência, nele são verberados, em versos lapidares, o preconceito, a hipocrisia clerical, o despotismo, a educação da juventude, a religião punitiva e ultramontana, a moral sexual vigente, que inculcava um angustiante complexo de culpa, e o medo infligido às pessoas, fragilizadas pela possibilidade de serem denunciadas e de responderem perante o Tribunal do Santo Ofício, ou perante a Intendência-Geral da Polícia, dirigida por Pina Manique. Nesse grito de revolta, o eu poético faz apelo à celebração dos rituais de Eros, à entrega recíproca, sem amarras, sem sujeições, num exercício de liberdade individual, inusitado na época, em Portugal.

³⁰ Cristina Marinho, «Ao Encontro de Valmont: Olindas e Alziras do Oculto Século XVIII Português», in *Correspondências — Usos da Carta no Século XVIII*. Lisboa: Fundação das Casas de Fronteira e Alorna e Edições Colibri, 2005, pp. 295-310.

2 — As *Cartas de Olinda e Alzira* são igualmente um texto de carácter iluminista que ostenta, *grosso modo*, os atributos da «Pavorosa ilusão da Eternidade». Constitui, por outro lado, um manifesto feminista, curiosamente o primeiro português. Nele duas mulheres insubmissas dialogam sobre o seu estatuto na sociedade e sobre a sua vida íntima, reivindicando a liberdade de afirmar o corpo, recusando o casamento à revelia dos afetos, desprezando os ditames de carácter moral e até político então existentes. É, inequivocamente, um poema subversivo porquanto põe em causa a religião punitiva e o matrimónio — dois pilares sólidos da ordem social da época — e reivindica direitos inalienáveis, os quais eram postergados em Portugal.

Tendo em consideração o teor daqueles textos, colocam-se várias questões: quem compõe um manifesto iluminista que encerra muitas das reivindicações libertadoras — só 200 anos mais tarde reconhecidas — escreve igualmente poesia pornográfica? Quem reivindica o direito ao prazer — quer da mulher quer do homem —, numa sociedade que obliterava o corpo, poderá subscrever poemas brutais como «A Ribeirada»? Poderá ser o autor de escritos nos quais a sexualidade é unilateral — em função do homem — e tantas vezes primária, circunscrita ao meramente instintivo? Poderá ainda redigir poemas em que as prostitutas são humilhadas e encaradas como seres infra-humanos?

Idênticas dúvidas foram expressas por Olavo Bilac, biógrafo de Bocage:

«Abri o livreco, e folheei-o. Entre alguns versos autênticos de Bocage, e ainda assim errados, cheios de aleijões, cobria as páginas uma germinação de pântano, anedotas insulsas, quadrinhas obscenas, motes e glosas de repugnante facécia, tudo isso flagrantemente apócrifo, de gosto plebeu, de metro cambado, de gramática mascavada, revoltantemente atribuído ao talento de um dos melhores vernaculistas, do melhor metrificador da poesia portuguesa, de quem Teófilo Braga escreve ‘que é, depois de Camões, o único poeta de quem o povo português verdadeiramente se lembra.’»³¹

³¹ Olavo Bilac, *Bocage. Conferência realizada no Teatro Municipal de S. Paulo em 19 de março de 1917*. Prefácio de Paulo Franchetti. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2001, p. 22.

Acreditamos que a dissonância de discursos é evidente. A necessidade de separar águas, em prol da verdade literária, pareceu-nos imperiosa. Deste modo, os poemas que a integram foram colocados em três núcleos distintos: o primeiro contempla aqueles que são de Bocage; o segundo, os de autoria duvidosa e o terceiro, os que não lhe pertencem.

O primeiro núcleo é constituído pela maioria dos poemas que fazem parte da edição original desta obra. A sua identificação decorre de uma análise estilística, da correção da métrica e do cotejo de temas.

Fazem parte do segundo núcleo os poemas que poderão eventualmente ser da autoria de Bocage. Tivemos em linha de conta, além dos pareceres dos responsáveis credíveis pela publicação da sua obra, dos biógrafos e dos contemporâneos do escritor, o resultado da consulta de coletâneas de manuscritos existentes nas bibliotecas e nos arquivos nacionais. Muitas destas composições foram atribuídas a Bocage por editores arrivistas — mais preocupados com o lucro fácil do que com o respeito pela sua memória, caso concreto de Desidério Marques Leão³² e de João Pedro Ferro³³ — ou pouco rigorosos, como António Maria do Couto³⁴. Recordemos, a talhe de foice, que um editor anónimo, em 1854, pirateou a edição de Inocêncio Francisco da Silva e juntou-lhe oito imagens pornográficas³⁵.

Constam do terceiro núcleo os poemas de Pedro José Constâncio, «A Ribeirada», bem como outros abertamente destoantes. Debrucemo-nos sobre os primeiros: como assinalámos, Inocêncio Francisco da Silva, quando preparava a edição das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, deparou com um caderno manuscrito que ostentava na capa o seguinte título: *Poemas de Manuel Maria Barbosa du Bocage e de Pedro José Constâncio*. No interior, encontravam-se 17, sem menção de autoria. Na impossibilidade de os discri-

³² Responsável editorial de *Obras Poéticas de Manuel Maria Barbosa du Bocage*, publicadas em três tomos nos anos de 1812, 1813 e 1842.

³³ Editor de *Saque dos Conos*, obra sucessivamente reeditada na primeira metade do século XIX.

³⁴ Coube-lhe, em 1840, a edição de *Poesias Satíricas Inéditas de Bocage*.

³⁵ Cf. o exemplar existente na Biblioteca Nacional de Portugal, «Reservados», cota ERO.

minar, porquanto os estilos eram muito semelhantes — Constâncio era um elmanista, imitava o seu mestre na perfeição —, optou por os transcrever, delegando no leitor a tarefa de os identificar. Ora, a esmagadora maioria das pessoas que adquiriram as *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas* não leu as notas circunstanciadas que as contextualizam e, consequentemente, atribuiu a Bocage a autoria de todos os textos — quer os eróticos quer os pornográficos.

Sabe-se, pelo próprio Inocência Francisco da Silva, que a saúde mental de Pedro José Constâncio era periodicamente afetada pela sífilis que o atormentava; conhece-se, por outro lado, de acordo com depoimentos da época, que os irmãos, alegando a sua insanidade, impugnaram o seu testamento, feito na cidade de Elvas, em benefício de Pedro Abreu; acresce que a análise da sua poesia, disponível em algumas antologias, impressas e manuscritas, em bibliotecas e em espólios particulares³⁶, nos permite concluir que a sua forma de perspetivar o erotismo diferia sobremaneira da perfilhada por Bocage. Um outro aspeto parece-nos relevante: o modo como a religião é equacionada por ambos é igualmente determinante para se realizar a separação do que pertence à lavra de um e à do outro. Bocage — crítico construtivo do catolicismo oficial, na esteira do Iluminismo, deísta, apologista de um Deus não punitivo e tolerante — difere claramente de Constâncio, cujo discurso é desabrido e jocoso.

A famosa «Ribeirada» foi igualmente excluída. Tivemos acesso a várias versões: a que foi impressa em 1823³⁷ e a de 1839, manuscrita³⁸, apresentavam o seguinte título: *Ribeirada: Poema épico em um só canto, pelo Prior dos Porrinhos, hospedado em Coína, e oferecido a uma sua confessada com assistência na Vila de Punhete*. O título é jocoso e o autor decidiu, prudentemente, não se identificar, receando represálias. Tendo Bocage falecido décadas antes, não havia qualquer razão para omitir o seu nome

³⁶ Por exemplo, no de Joaquim Manuel Constâncio, irmão de Pedro José Constâncio, o qual apresenta elementos biográficos importantes. Foi possível consultá-lo graças à gentileza de Carlos Bobone, proprietário da Livraria Bizantina.

³⁷ Publicada teoricamente em Königsberg, faz parte do acervo da Biblioteca Nacional com a cota L. 48759 P.

³⁸ Este manuscrito foi leilado por Pedro de Azevedo, em novembro de 2003.

porquanto nada havia a temer. Sobre este assunto, damos a palavra a Mário Cesariny de Vasconcelos:

«Se, baseado em meras conjecturas de editores marotos, devo admitir que Bocage escreveu a ‘Manteigui’ e a ‘Ribeirada’, advirto, baseado em fontes *não menos seguras*, que unicamente o fez para fazer a vida negra ao hendecassílabo: *‘As armas e os barões assinalados / Acções famosas do fodaz Ribeiro / Que da ocidental praia lusitana / Preto na cara, enorme no mangalho / Por mares nunca dantes navegados / Eu pretendo cantar em tom grosseiro / Passaram ainda além da Taprobana / Se a musa me ajudar neste trabalho / Em perigos e guerras esforçados / Pasmе absorto escutando o mundo inteiro / Mais do que prometia a força humana / A porca descrição do horrendo malho / E entre gente remota edificaram / Que entre as pernas alberga o negro bruto / Novo reino que tanto sublimaram / No lascivo apetite absoluto.’*»³⁹

O talento de Bocage desencadeou invejas contumazes que se prolongaram para além da sua morte, sendo a que foi alimentada por José Agostinho de Macedo a mais saliente: depois de uma reconciliação que não primou pela autenticidade — celebrada pouco antes de o poeta falecer, em 1805 —, aquele polemista não hesitou em o nomear, sucessivamente, de forma insultuosa; por outro lado, o desassombro, a vaidade e a emotividade epidérmica que caracterizaram o escritor estiveram na origem de vários ataques perpetrados por alguns dos seus inimigos, os quais foram publicados no tomo IV do *Almanaque das Musas*. Bingre, que conheceu muito bem os meandros dos circuitos literários, solicitado por José Feliciano de Castilho para evocar Bocage, numa carta de 5 de julho de 1847, chamou a atenção para o facto de alguns dos seus émuloс terem feito circular poemas comprometedores, assinando-os com o seu nome. Esta atitude insidiosa trouxe-lhe alguns dissabores, designadamente junto de alguns setores da nobreza que, sentindo-se atacados, o perseguiram⁴⁰.

³⁹ Mário Cesariny, *Horta de Literatura de Cordel*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, pp. 29-30.

⁴⁰ O depoimento de Bingre encontra-se em *Manuel Maria Barbosa du Bocage*, vol. III, de José Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier Editor, 1867, p. 32.

Restou-lhe então passar temporariamente à clandestinidade e esperar que os ânimos arrefecessem. Acreditamos que algumas das composições atribuídas a Bocage poderão ter sido forjadas pelos seus inimigos, entre eles, Belchior Curvo Semedo e José Agostinho de Macedo.

No presente volume, foram transcritas todas as composições que constam da edição de Inocêncio Francisco da Silva. Por outro lado, acrescentámos três sonetos que não constavam da edição original: «Ó deusa que proteges dos amantes», «Noite, amiga de amor, calada, escura» e «Voa a Lília gentil meu pensamento». O primeiro foi publicado em 1794, no tomo I das *Rimas* — uma edição desconhecida da maior parte dos biógrafos, que normalmente citam apenas as de 1791 e de 1800 —, numa fase em que o poeta, graças à proteção de José de Seabra da Silva, ainda estava nas boas graças da Censura; o segundo foi disseminado pelo País, clandestinamente, e faz parte, tal como a «Pavorosa ilusão da Eternidade», do *Livro n.º 416 da Inquisição de Coimbra*, depositado na Torre do Tombo, no Arquivo do Santo Ofício; o terceiro, que se destinava a figurar no segundo tomo das *Rimas*, publicado em 1799, foi integralmente cortado por Julião Cataldi, censor que representava o Tribunal do Santo Ofício.

METODOLOGIA E FONTES

A aferição da autoria das composições que constam da edição original das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas* — nossa fonte primária — era imperiosa, tendo em consideração as dúvidas legítimas que se perfilaram. A forma mais avisada de a fazer, assim o julgámos, foi a consulta de poemas, de carácter erótico, obsceno e pornográfico, existentes nas bibliotecas e nos arquivos nacionais. Compulsámos, deste modo, as seguintes obras:

Os 10 volumes dos cancioneiros manuscritos que pertenceram a Camilo Castelo Branco, depositados na Biblioteca Nacional de Portugal, intitulados *Obras Poéticas Várias*, Cód. 13219;

Várias antologias manuscritas existentes na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca da Ajuda, no Arquivo Nacional da Torre do

Tombo, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e na Biblioteca Municipal do Porto;

Antologia de Poesia Erótica e Satírica (dos cancioneiros medievais à actualidade), organização, prefácio e notas de Natália Correia;

Poemas eróticos avulsos do acervo da Biblioteca Nacional de Portugal, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e da Biblioteca da Ajuda;

As quatro coletâneas mencionadas que pertenceram a Inocêncio Francisco da Silva e que se encontram na Biblioteca Municipal do Porto, com a cota 1948-1951;

As biografias de José Feliciano de Castilho, de Teófilo Braga e de Adelto Gonçalves, respetivamente, *Manuel Maria Barbosa du Bocage, excertos, seguidos de uma notícia sobre a sua vida e obras...*, *Bocage: Sua Vida e Época Literária* e *Bocage: O Perfil Perdido*.

CONCLUSÕES

Urge inverter a imagem que perdura junto de setores da população menos informados: o Bocage chocarreiro, protagonista de anedotas boçais, fura-vidas, promíscuo e pornográfico. Em oposição a esta caricatura, damos ênfase ao poeta genial, ao tradutor rigoroso, ao paradigma cívico, ao cidadão que marcou múltiplas gerações de portugueses, influenciadas pela sua irreverência, frontalidade, demanda de liberdade, humor corrosivo e pela assunção inequívoca do corpo.

Esta edição da sua poesia erótica, uma das vertentes nucleares da sua obra, contribui, segundo cremos, para dar a conhecer Bocage na sua verdadeira dimensão. O aparecimento de novos documentos confirmará ou infirmará as propostas agora exaradas.

AGRADECIMENTOS

Para a concretização deste trabalho foi relevante a colaboração de várias pessoas. Registamos a notória competência científica de António Mateus Vilhena, expressa na forma como nos permitiu ultrapassar problemas — alguns deles labirínticos — no domínio da pontuação, da interpretação e da elucidação dos meandros da mitologia greco-latina; a

ponderação editorial de Duarte Azinheira, de Paula Mendes e de Susana Arnaud, e a disponibilidade incondicional de Almerinda Graça e de Ricardo Fraga Pires.

EPÍSTOLA A MARÍLIA¹

I

Pavorosa ilusão da Eternidade,
Terror dos vivos, cárcere dos mortos,
D'almas vãs sonho vão, chamado Inferno;
Sistema da política opressora,
Freio que a mão dos déspotas, dos bonzos
Forjou para a boçal credulidade;
Dogma funesto, que o remorso arraigas
Nos ternos corações, e a paz lhe arrancas;
Dogma funesto, detestável crença,
Que envenenas delícias inocentes,
Tais como aquelas que no Céu se fingem;
Fúrias², Cerastas³, Dragos⁴, Centímanos⁵,
Perpétua escuridão, perpétua chama,
Incompatíveis produções do engano,
Do sempiterno horror terrível quadro
(Só terrível aos olhos da ignorância),

¹ A «Epístola a Marília», também conhecida por «Pavorosa ilusão da Eternidade», eventualmente a obra mais emblemática de Bocage, constitui um marco relevante da história das mentalidades em Portugal. Vários processos inquisitoriais atestam que circulou profusa e clandestinamente por todo o reino, havendo até notícia da sua receção no Brasil. Esta composição catalisou, em 1797, o encarceramento de Bocage no Limoeiro.

António Maria do Couto afirmou que esta epístola foi composta pelo poeta para pôr de sobreaviso a sua amada contra as propostas ousadas de um frade Graciano, uma tese, segundo nos parece, absurda. Seguimos a lição publicada por Inocêncio Francisco da Silva, na edição clandestina das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*. Bruxelas: s. n., 1854, p. 34. Mencionar Bruxelas em vez de Lisboa como local de edição constituiu uma forma de iludir a Censura.

² Génios infernais romanos de índole punitiva. Eram três — Tisífone, Megera e Alecto — e apareciam representados empunhando tochas e chicotes, com os cabelos entrelaçados de serpentes.

³ Povos muito cruéis da Amatonta que sacrificaram os estrangeiros a Vénus; a deusa transformou-os então em touros. Na transcrição de Inocêncio, «cerastes».

⁴ Dragões.

⁵ Gigantes com 100 mãos. Referência aos hecatonquiros, que eram providos de 100 braços e de 50 cabeças. Filhos de Úrano e de Geia, coadjuvavam os Olímpicos e Zeus na sua luta contra os Titãs.

Não, não me assombram tuas negras cores,
Dos homens o pincel e a mão conheço.
Trema de ouvir sacrílego ameaço
Quem dum Deus, quando quer, faz um tirano;
Trema a superstição; lágrimas, preces,
Votos, suspiros arquejando espalhe,
Cosa as faces co'a terra, os peitos fira,
Vergonhosa piedade, inútil vénia
Espere às plantas de impostor sagrado,
Que ora os infernos abre, ora os ferrolha;
Que às leis, que às propensões da natureza
Eternas, imutáveis, necessárias,
Chama espantosos, voluntários crimes;
Que as ávidas paixões, que em si fomenta,
Aborrece nos mais, nos mais fulmina;
Que molesto jejum, roaz cilício
Com despótica voz à carne arbitra,
E, nos ares lançando a fútil bênção,
Vai do grão tribunal desfadar-se
Em sórdido prazer, venais delícias,
Escândalo de Amor, que dá, não vende.

II

Oh Deus, não opressor, não vingativo,
Não vibrando co'a dextra o raio ardente
Contra o suave instinto que nos deste;
Não carrancudo, ríspido arrojando
Sobre os mortais a rígida sentença,
A punição cruel, que excede o crime,
Até na opinião do cego escravo,
Que te adora, te incensa e crê que és duro!
Monstros de vis paixões, danados peitos
Regidos pelo sôfrego interesse
(Alto, impassivo Nume!) te atribuem
A cólera, a vingança, os vícios todos,

Negros enxames, que lhe fervem n'alma!
Quer sanhudo ministro dos altares
Dourar o horror das bárbaras cruezas,
Cobrir com véu compacto e venerando
A atroz satisfação de antigos ódios,
Que a mira põe no estrago da inocência,
Ou quer manter aspérrimo domínio,
Que os vaivéns da razão franqueiam e nutrem:
Ei-lo, em santo furor todo abrasado,
Hirto o cabelo, os olhos cor de fogo,
A maldição na boca, o fel, a espuma;
Ei-lo, cheio de um Deus tão mau como ele,
Ei-lo citando os hórridos exemplos
Em que aterrada observe a fantasia
Um Deus o algoz, a vítima o seu povo:
No sobrolho o pavor, nas mãos a morte,
Envolto em nuvens, em trovões, em raios,
De Israel o tirano onipotente
Lá brama do Sinai, lá treme a terra!
O torvo executor dos seus decretos,
Hipócrita feroz, Moisés astuto,
Ouve o terrível Deus, que assim troveja:
«Vai, ministro fiel dos meus furores!
Corre, voa a vingar-me: seja a raiva
De esfaimados leões menor que a tua;
Meu poder, minhas forças te confio,
Minha tocha invisível te precede;
Dos ímpios, dos ingratos que me ofendem,
Na rebelde cerviz o ferro ensopa;
Extermina, destrói, reduz a cinzas
As sacrílegas mãos que os meus incensos
Dão a frágeis metais, a deuses surdos;
Sepulta as minhas vítimas no Inferno,
E treme, se a vingança me retarda!...»
Não lha retarda o rábido profeta;
Já corre, já vozeia, já difunde,
Pelos brutos, atônitos sequazes,

A peste do implacável fanatismo:
Armam-se, investem, rugem, ferem, matam.
Que sanha! Que furor! Que atrocidade!
Foge dos corações a natureza;
Os consortes, os pais, as mães, os filhos,
Em honra do seu Deus, consagram, tingem
Abominosas mãos no parricídio:
Os campos de cadáveres se alastram,
Sussurra pela terra o sangue em rios,
Troam no polo altíssimos clamores.
Ah! Bárbaro impostor, monstro sedento
De crimes, de ais, de lágrimas, d'estrágos,
Serena o frenesi, reprime as garras
E a torrente de horrores que derramas,
Para fundar o império dos tiranos,
Para deixar-lhe o feio, o duro exemplo
De oprimir seus iguais com férreo jugo;
Não profanes, sacrílego, não manches
Da eterna Divindade o nome augusto!
Esse de quem te ostentas tão válido
É Deus do teu furor, Deus do teu génio,
Deus criado por ti, Deus necessário
Aos tiranos da terra, aos que te imitam,
E àqueles que não creem que Deus existe.

III

Neste quadro fatal, bem vês, Marília,
Que em tenebrosos séculos envolta,
Desde aqueles cruéis, infandos tempos,
Dolosa tradição passou aos nossos.
Do coração, da ideia, ah, desarraiga
De astutos mestres a falaz doutrina,
E de crédulos pais preocupados
As quimeras, visões, fantasmas, sonhos.
Há Deus, mas Deus de paz, Deus de piedade,

Deus de amor, pai dos homens, não flagelo;
Deus que às nossas paixões deu ser, deu fogo,
Que só não leva a bem o abuso delas,
Porque à nossa existência não se ajusta,
Porque inda encurta mais a curta vida.
Amor é lei do Eterno, é lei suave;
As mais são invenções, são quase todas
Contrárias à Razão e à Natureza,
Próprias ao bem de alguns, e ao mal de muitos.
Natureza e Razão jamais diferem:
Natureza e Razão movem, conduzem
A dar socorro ao pálido indigente,
A pôr limite às lágrimas do aflito,
E a remir a inocência consternada,
Quando nos débeis, magoados pulsos
Lhe roxeia o vergão de vis algemas.
Natureza e Razão jamais aprovam
O abuso das paixões, aquela insânia
Que, pondo os homens ao nível dos brutos,
Os infama, os deslustra, os desacorda.
Quando aos nossos iguais, quando uns aos outros
Traçamos fero dano, injustos males,
Em nossos corações, em nossas mentes,
Ês, ó remorso, o precursor do crime,
O castigo nos dás antes da culpa,
Que só na execução do crime existe,
Pois não pode evitar-se o pensamento,
E é inocente a mão que se arrepende.
Não vêm só dum princípio ações opostas:
Tais dimanam de um Deus, tais do exemplo,
Ou do cego furor, moléstia d'alma.

IV

Crê pois, meu doce bem, meu doce encanto,
Que te anseiam fantásticos terrores,
Pregados pelo ardil, pelo interesse.
Só de infestos mortais na voz, na astúcia,
A bem da tirania está o Inferno.
Esse, que pintam bátraco⁶ de angústias,
Seria o galardão, seria o prémio
Das suas vexações, dos seus embustes,
E não pena de amor, se Inferno houvesse.
Escuta o coração, Marília bela,
Escuta o coração, que te não mente:
Mil vezes te dirá: «Se a rigorosa,
Carrancuda opressão de um pai severo,
Te não deixa chegar ao caro amante
Pelo perpétuo nó, que chamam sacro,
Que o bonzo enganador teceu na ideia
Para também no amor dar leis ao mundo;
Se obter não podes a união solene
Que alucina os mortais, porque te esquivas
Da natural prisão, do terno laço
Que com lágrimas e ais te estou pedindo?
Reclama o teu poder, os teus direitos,
Da justiça despótica extorquidos:
Não chega aos corações o jus paterno,
Se a chama da ternura os afogueia;
De amor há precisão, há liberdade;
Eia pois, do temor sacode o jugo,
Acanhada donzela, e do teu pejo
Destra iludindo as vigilantes guardas,
Pelas sombras da noite, a amor propícias,

⁶ Inferno.

Demanda os braços do ansioso Elmano,
Ao risonho prazer franqueia os lares.
Consista o laço na união das almas;
Do ditoso Himeneu as venerandas,
Caladas trevas testemunhas sejam;
Seja ministro o Amor, e a Terra templo,
Pois que o templo do Eterno é toda a Terra.
Entrega-te depois aos teus transportes,
Os opressos desejos desafoga,
Mata o pejo importuno; incita,
O que só de prazer merece o nome.
Verás como, envolvendo-se as vontades,
Gostos iguais se dão e se recebem.
Do júbilo há de a força amortecer-te,
Do júbilo há de a força aviventar-te.
Sentirás suspirar, morrer o amante,
Com os seus confundir os teus suspiros,
Hás de morrer e reviver com ele.
De tão alta ventura, ah, não te prives,
Ah, não prives, insana, a quem te adora!»
Eis o que hás de escutar, ó doce amada,
Se à voz do coração não fores surda.
De tuas perfeições enfeitiçado,
Às preces que te envia, eu uno as minhas.
Ah! Faze-me ditoso, e sê ditosa.
Amar é um dever, além de um gosto,
Uma necessidade, não um crime,
Qual a impostura horríssonas apregoa.
Céus não existem, não existe Inferno:
O prémio da virtude é a virtude,
É castigo do vício o próprio vício⁷.

⁷ V. nota na p. 22.

CARTAS DE OLINDA E ALZIRA⁸

EPÍSTOLA I

Olinda a Alzira

Que estranha agitação não sinto n'alma
Depois que te perdi, querida Alzira!
De meus olhos fugiu, sumiu-se o fogo,
Que a tua companhia incendiava!
Por uma vez se foi minha alegria,
Nem a mesma já sou que outrora hei sido!
Minhas vistas ao céu lânguidas se erguem,
E a mim própria pergunto donde venha
Tão novo sentimento assoberbar-me?
Não se aquieta o coração no peito,
Não cabe nele, e viva chama no íntimo
Das entranhas ardente me devora,
Sem que eu possa atinar a causa, a origem.
Aqueles passatempos que na infância
Tão do peito queria, em ódio os tenho.
Das mesmas sup'rioras a presença,
Que dantes para mim era indif'rente,
Se me torna hoje dura, intolerável!
Aonde, aonde irão estes impulsos
Precipitar a malfadada Olinda?
Será, querida Alzira, a tua ausência
Que me faz derramar tão agro pranto?

⁸ Seguimos a lição de Inocêncio Francisco da Silva, in *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*. Bruxelas: s. n., 1854, p. 63. Datam de 1831 e de 1836 as primeiras edições clandestinas das «Cartas de Olinda e Alzira»; conhece-se uma quarta edição, do final do século XIX; do início do século XX, uma quarta; durante o período republicano, registaram-se, com a chancela da Guimarães, duas novas edições, estas, tal como a anterior, legais.

Debalde a largos passos solitária
Vago sem norte: ignoro o que procuro.
Ah! Minha cara, os males que tolero
Expressá-los não posso, nem sofrê-los!

EPÍSTOLA II

Alzira a Olinda

Conheço de teus males a veemência,
Prezada Olinda! Eu própria os hei sofrido,
Quando, da mesma idade que hoje contas,
Próvida, a Natureza começava
A preencher em mim seus fins sagrados.
Marcha ela por graus em suas obras:
Precede ao fruto a flor já matizada,
Que fora antes de flor botão mimoso.
Assim a sábia mão da Natureza,
A passos insensíveis caminhando,
Maravilhas em nós produz, que assombram.
Somos na infância apenas um bosquejo
Do que nos cumpre ser anos mais tarde.
Naquela idade a Natureza, atenta
Em conservar-nos só, não desenvolve
Sentimentos que então supérfluos foram:
Inativas nos tem, e nos conserva,
Bem como as plantas no gelado inverno.
Porém, depois que o Sol da primavera
Fecundos raios sobre nós dardeja,
Então de novas formas animado,
Pula nas veias afogueado sangue
E sem perder da infância os atrativos,
Da puberdade o lustre desfrutamos.
Então sentimos comoções insólitas,
Que origem são dos males que te oprimem,

Do amor que te domina, melancólico,
Da forte agitação que em ti pressentes.
Mas tem tudo remédio, eu hei de dar-to;
Feliz serás, se o trilho me seguides.

EPÍSTOLA III

Olinda a Alzira

Quanto gratas me são as tuas letras,
Querida Alzira! Ao coração me falas!
As tuas expressões meigas ocultam
Em si virtude tal que apenas lidas
Delas a alma se apossa sequiosa.
Tu és, prezada amiga, único arquivo
Aonde os meus segredos mais ocultos
Eu vou depositar: em ti encontro
O refrigério a males que tolero,
Sem poder conhecer a sua origem.

Se bem me lembro, outrora de ti mesma
Ouvi iguais queixumes, não sabendo
Nem eu, nem tu, donde eles procediam.
Uniu-te a sorte a Alcino, e venturosa
Sempre te ouvi chamar desde esse tempo.
Cessaram os teus males, eu os sinto...
A idade é (dizes tu) a causa deles.
Ah! Que estranha linguagem! Não concebo
Porque falas assim; pois traz a idade
Males nos tenros anos não provados?
Três lustros conto apenas; tu três lustros
Antes de te esposar também contavas;
Pôs o consórcio a teus lamentos termo,
Limitará os meus? Ah! Dize, dize
Tu, que desassossego igual sofreste,
O seu motivo, e como o apaziguaste;

Revela à tua amiga este mistério
Donde sinto pender o meu repouso.
Eu não exp'imentava o que exp'rimento:
Os meus sentidos todos alterados
Uma viva emoção põe em desordem;
Cala-me ativo fogo nas entranhas;
O coração no peito turbulento
Pula, bate com ânsia estranhamente;
O sangue, pelas veias abrasado,
Parece que me queima as carnes todas;
A tais agitações languidez terna
Sucedee, que a meus olhos pranto arranca,
E o coração desassombrar parece
Do peso da voraz melancolia.
'Té mesmo a natureza tem mudado
A configuração que eu dantes tinha:
Vão-se aumentando os peitos e tomando
Uma redonda forma, como aqueles
Que servem de nutrir-nos lá na infância.
Doutros sinais o corpo se matiza
Antes desconhecidos: alvos membros,
Lisos 'té 'qui, macula um brando pelo,
Como o buço ao mancebo, à ave a penugem.
Sobressalta-me de homens a presença,
Eles, a quem 'té agora indiferente
Tenho com afoiteza sempre olhado!
Ao vê-los, o rubor me sobe ao rosto,
A voz me treme, e articular não posso
Sons, que emperrada a língua não exprime.
Sinto desejos que expressar me custa.
Amor... E como a ideia tal me arrojo?
Será talvez amor isto que eu sinto?
Já tenho lido efeitos de seus danos;
Mas esses que o seu jugo suportaram,
Tinham com quem seu peso repartissem,
Tinham a quem chamavam doce objeto,
Quem a seu mal remédio sugerisse.

Isto era amor; mas eu amor não sinto;
A doce inclinação que dois amantes
Um ao outro consagram, desconheço.
Sim: dos homens a vista lisonjeira
É para mim; nenhum, porém, me prende;
Não sei que chama interna me afogueia...

Amor isto será? Alzira, fala,
Fala com candidez à tua amiga;
Ensina-me a curar a funda chaga
Que internamente lavra por mim toda;
Destas agitações que me flagelam,
Mostra-me a causa, mostra-me o remédio.
Tu tiveste-as também, já não te avexam;
Mostra-me por que modo as terminaste.
Talvez do que te digo farás mofa...
Ah! Vê que por meus lábios a inocência
Contigo é quem se exprime; tem dó dela,
E se os meus sentimentos são culpáveis,
Dize-mo, que abafados em meu peito
Serei vítima deles; se extingui-los
Os meus esforços todos não puderem,
Comigo hão de morrer, findar comigo.

EPÍSTOLA IV

Alzira a Olinda

Com que satisfação, com que alegria
Vejo da minha Olinda as ternas letras!
Retrato da inocência, me afiguras
O que por mim passou, estranho efeito
De um coração sensível, não manchado
Ainda pela mão da iniquidade.
Fala, não temas exprimir-te, Olinda,
Que, se culpável fores de outrem aos olhos,

Aos meus és inocente, e assim te julgo.
 Da inviolável lei da Natureza
 A que sujeita estás, bem como tudo,
 Nascem, querida amiga, os teus transportes:
 Só provêm dela, é ela que tos causa;
 Ela os mitigará em tempo breve,
 Dando-te pródiga um remédio ativo.
 A triste educação que ambas tivemos,
 Mais desenvolve os ternos sentimentos
 Dos que amar só procuram, e não podem
 Na solidão senão atormentar-se.
 Do recato das filhas temerosos,
 Pensam os rudes pais que em sopeá-las
 Alcançam extinguir o voraz fogo
 Que sopra a Natureza e que ela ateia.
 Néscios, de amor lhe formam atentados,
 Que o coração desmente e que não pode
 Saber justificar a razão mesma.
 Benignas emoções chamam flagícios,
 Que infernais penas castigar costumam,
 Sem que atinem o modo por que devam
 Torná-las puras e do crime alheias,
 Porque do crime o amor não dif'renciam,
 Amor e crime o mesmo lhes figuram.
 Ah! Que de um pai o emprego não tolera
 Máximas impostoras, vis ideias
 Que religião não sofre, e que forcejam
 Para co'a religião autorizá-las.
 Saiba-se pois 'té onde o culto, a honra
 De um Deus se estende, e quais limites devem
 Marcar-se às impressões da Natureza:
 Em vez de aferrolhar as tristes filhas,
 Busquem mostrar-lhes da virtude a senda,
 Do vício a estrada com desvelo atento.
 Pois que impureza e amor um rumo seguem,
 Consiste o mal ou o bem na escolha deste.
 Sim, cara Olinda: como tu, eu própria,

Falta da sociedade, porque nela
Viam meus pais o escolho da inocência,
As mesmas emoções senti outrora;
Nos tenros anos teus então zombavas
Do que nem mesmo decifrar podias.
Quantas vezes meu coração às claras
Te descobri, querida; e quantas vezes,
O meu desassossego não provando,
Rias dos sentimentos que em minh'alma
Entranhados estavam, sem que a causa
Deles jamais me fosse conhecida?
Agora os exp'rimentas, crês agora
O que falso julgaras, verdadeiro!...
A Natureza em ti o germe lança
Que a ajudá-la te incita: Amor te inflama,
Porque sensível és; e bem que hesites
Sobre o objeto que deve contentar-te,
Ela to mostrará em tempo breve.
Não te assustem do seu domínio as forças,
Porque do jugo seu o peso é leve.
Não mais sofreies férvidos desejos
Que o coração te anseiam, e bem pode
A languidez eterna vitimar-te,
Se de amor o remédio os não sacia.
Atenta sobre mil louções mancebos,
Cheios de encantos: olha-os indulgente,
E dentre eles escolhe um cujo peito
Tão dócil como o teu seja formado.
Olinda, ama; conhece que delícias
Amor encerra, amor, alma de tudo;
Amor, que tudo alenta e que só causa
Os gostos de uma vida abreviada.
Se contra amor ditames escutaste,
Que seus efeitos pintam horrorosos,
Não dês crédito a máximas fingidas,
Que a língua exprime e o coração reprova:
Que mal provém aos homens de que unidos

Dois amantes se jurem fé, constância?
Que um ao outro se entreguem e obedeçam
Da Natureza às impressões sagradas?
Rouba a virtude acaso a paixão doce
Que beijos mil só farta e que só pode
Nos braços de um amante saciar-se?...
Não; amor a virtude fortifica:
Mais a piedade sobre as desventuras
Que os outros sofrem, mais a humanidade
Em nós se aumenta, quando mais amamos.
Se desde o berço em nós força indizível
Sentimentos de amor vai radicanado;
Se, mal balbuciamos, quanto vemos
A falarmos de amor nos estimula;
Se a idade vai crescendo e a Natureza
Nossas feições altera, assinalando,
Com marcas bem sensíveis, que chegámos
Ao prazo em que é lei sua amar por força,
Ou desnegar então nossa existência;
Se tudo a amar convida e nos impele,
Quem ousa amor chamar crime execrando?...

Ah! Deixa, Olinda, deixa que alardeiem
Virtude austera hipócritas infames:
Sabe que, enquanto amor horrível pintam,
Enquanto aos olhos teus assim o afeiam,
De uma amante venal nos torpes braços
Vão esconder transportes que os devoram
E, por castigo seu, somente gozam
Emprestadas carícias, vis afagos.
Mas quando assim os homens dissimulam,
Para dissimulares te dão direito:
Finge como eles; ama e lho disfarça,
Que é mais um gosto amar às escondidas.
Afeta, embora, afeta sisudeza
Já que a afetar te obrigam, e em segredo
De instantes enfadonhos te indemniza:
Zomba dos seus ardis e estratagemas,

Dize, entre os braços de um amante caro,
Que mais crédulos são do que te julgam,
Se creem nos laços seus aprisionar-te.
Se os deleites de amor são só delitos
Quando sabidos são, com véu mui denso
A perspicazes olhos os encobre:
Vinga-te desses que abafar procuram
As doces emoções que n'alma sentes.

São estes os conselhos de uma amiga
Que os bens te anela, que ela saboreia.
Sabe, por fim, que quanto mais retardas
Tão ditosos momentos, sem gozá-los;
Quanto mais tempo perdes ociosa,
Sem às vozes de amor ser resignada,
Tanto mais tempo tens de lastimar-te,
Por não tê-lo em amar aproveitado.

EPÍSTOLA V

Olinda a Alzira

Alzira, sou feliz!... Quanto te devo!...
Das tuas instruções é tal o fruto!
Quanto encarava em torno era a meus olhos
De lúgubres ideias feio quadro;
Tudo o que vejo agora, alegres, vivas,
Imagens prazenteiras me suscita.
Os ternos sentimentos que provava,
Mil vezes combinando com ditames
Que desde a infância sempre m'inspiraram,
Mil vezes refletia que dos homens,
Ou de um tirano Deus, era ludíbrio.
Conceber não podia que existisse
Para experimentar contínua luta
Entre impressões da própria Natureza
E princípios chamados da virtude.

No pélago de embates tão terríveis
Flutuando, implorei o teu auxílio,
Meu coração te abri: tu leste nele
O que eu nem mesma deslindar sabia.
Tu me ensinaste a ver quanto fingidos
Os homens são, nas vozes e nos gestos;
Rasgaste aos olhos meus máscara infame
Com que têm de uso todos encobrir-se;
Das bordas me salvaste de um abismo,
Onde a infeliz Olinda ia arrojarse.

Perdoa, Deus imenso! Eu blasfemava
Contra a tua justiça; eu te supunha
Autor do mal que os homens maquinavam;
Cria-te inconsequente e despiadado,
Pois sentimentos me imprimiras n'alma
Que às tuas leis contrários me pintavam!...
Tu foste, Alzira, foste a que lançaste
Um brilhante clarão ante os meus passos...
Finalmente aprendi que a singeleza
Do mundo era banida, e o seu império
Os homens tinham dado à hipocrisia.
Ruins!... Amor por crime afiguraram,
E nem um só de amor vivia isento!...
Para eles não é crime um crime oculto,
Porque a simulação reina em sua alma,
Porque o remorso abafam em seu peito.
Amor um crime!... Os gostos mais completos
E os mais puros deleites o acompanham.
Se a ventura maior se une ao delito,
Quem há que se não diga delinquente?
Dentre as delícias que gozei, querida,
Com as tuas lições fugiu o crime.
Eu não senti no coração bradar-me
A voz desse pesar, sequaz da culpa:
No meio dos prazeres que gostava,
Graças rendi a um Deus que mos concede:
Se ele treveja sobre os criminosos,

Nunca os seus raios menos me assustaram!...

Um amante acabou o que encetaste:

Ele, cujo olhar meigo me assegura
As doces qualidades que o adornam,
Afastou-me do espírito receios,
Que de mau grado combatia ainda.
Reinava em seus discursos a franqueza,
E o fogo que brilhava nos seus olhos,
Que o rosto lhe incendeia, em seus transportes,
Que eram nascidos d'alma, me dizia:
O labéu da impostura o não denigre;
Não é como o dos outros seu carácter,
Ingénuo, afável, ah, prezada Alzira!
Se tão amável é o teu Alcino,
Ninguém como eu e tu é tão ditoso!...

Pouco preciso foi para vencer-me:

Não teve que impugnar loucos caprichos,
Com que ufanas amantes dificultam
O mútuo galardão que amor exige;
Se amor ambos int'ressa e ambos colhemos
Seus mimosos favores, por que causa
Havia de indif'rença dar indícios,
Quando o meu peito, ansioso, palpitava?
Se eu o levava da ventura ao cume,
Não me dava ele a mão para segui-lo?
Sim; nos seus braços me arrojai sem custo;
E se o pudor as faces me tingia,
Inda as chamais d'amor mais me abrasavam.
Eu nadava em desejos indizíveis,
E quantos beijos recebia, tantos
Cheios de igual fervor lhe compensava:
Seus lábios inflamados ateavam
As doces labaredas em que ardia,
E meus lábios, aos lábios seus unidos,
Sensações recebiam deleitosas,
Que me filtravam pelo corpo todo...
Tão grandes emoções exp'rimentava

Que a tanto gosto eu mesma sucumbia!
Presa a voz na garganta, não sabendo
Nem já podendo articular palavra,
Respirando ansiada, e com veemência,
Os meus sentidos todos confundidos,
Sem nada ouvir, nem ver, apenas dando
Sinais de vida, de prazer morria.
Exceto o meu amante, em tais momentos
Longe da ideia tinha o mundo inteiro:
O mundo inteiro então forças não tinha
Para do meu amante desprender-me.
Debalde ante meus passos furibundo
Monstro espantoso vira; em vão lançara
Do aberto seio a terra ondas de fogo;
Em vão coriscos mil o céu vibrara;
Dos braços do amante em tais momentos
Nada, nada podia arrebatá-me.
Oh quem pudera, Alzira, descrever-te
Que êxtase divinal veio pôr termo
A tais instantes de suaves gostos!...
Isto pode sentir-se, e não dizer-se...

Agora, e só agora, me parece
Que começo a existir: reproduziu-se
Uma total mudança na minha alma.
O mundo para mim já tem encantos;
Sob outras cores vejo mil objetos
Que a fantasia me pintou tristonhos:
Propício Amor abriu-me os seus tesouros,
A Natureza seus tesouros me abre.
Tudo te devo, amiga; em todo o tempo
A teus doces conselhos serei grata.
Oxalá ditas tantas saboreies
Quantas por ti, querida, eu própria gozo!
Oxalá sintas com Alcino os gostos
Que eu exp'rimento de um amante ao lado!
Nem ventura maior posso augurar-te,
Porque maior ventura haver não pode.

EPÍSTOLA VI

Alzira a Olinda

A temerosa Olinda é quem me escreve?
É este o seu pudor, sua inocência?
Ah! Que as minhas lições, tão bem aceitas,
Dão-me a ver que a discípula inexperta
Há de em breve ensinar a própria mestra.
Olinda não sabia o que excitava
Dentro em seu coração ternos impulsos,
Que tanto a angustiavam... Não sabia
Qual d'estranha mudança em suas formas,
Em seus membros gentis a causa fosse!
A voluptuosa Olinda, devorada
Do mais ativo fogo, ingenuamente
Consulta a sua amiga, e a um leve aceno
Corre a engolfar-se na amorosa lida.
Basta um momento a transtorná-la toda!
E porque de tão próspero sucesso
Pretendes tu, querida, dar-me a glória?
Não, não fui eu; somente a Natureza
Sabe fazer tão súbitos prodígios:
Como depressa ao mal que te inquietava,
Próvida sugeriu remédio ativo!
Como de uma boçal, incauta virgem
Uma amante formou tão extremosa!
A agradável pintura que bosquejas
Dos fêrvidos transportes que sentiste
Entre os braços do amante afortunado,
Não é, querida Olinda, tão sincera
Como sincera foi a que traçaste
De ignotas emoções a Amor sujeitas.
Já não te exprimes com igual candura:
Filha da reflexão, nova linguagem,
Por artifício mascarada em letras,
Vejo que anunciar-me antes procura,

Após do que se há feito, o que se pensa
Do que por gradações d'ação o interesse
Pouco a pouco esmiuçar, dar-me a ver todo.

Rasga o pudico véu com que debalde
Aos olhos de uma amiga esconder buscas
Voluptuosas traças que transluzem
Nas tuas expressões; quando inocente
Menos recato nelas inculcavas,
Eu lia com prazer dentro em tua alma
Os sentimentos que a afetavam todos.
Tenho direito agora a exigir-te
A ingénua confissão desses momentos,
Prelúdios do prazer em que te engolfas.
Quero saber por que impensados lances
Dum amante nos braços te arrojaste;
Como o pudor fugiu, e o que sentiste
Quando, abrasada em fêrvidos desejos
Misturados com dor indefinível,
De amor colheste atónita as primícias
E provaste entre gostos e agonias
O que uma vez, não mais, pode provar-se.
Tens um amante; eu sou a tua amiga;
Ele te dá prazer, dela o confia:
Gasta os momentos que gozar não podes,
Do gozo em recordar puras delícias.
Nem todo o tempo a amor pode ser dado.
A mor ventura que o mortal encontra,
Seja embora infeliz, ou desgraçado,
É lembrar-se que foi já venturoso;
E o não desesperar de sê-lo ainda
Um termo aos males seus põe muitas vezes.
Alzira foi do teu prazer motora,
A gratidão te obriga a dar-lhe a paga.
É nobre o meu in'resse, e não mesquinho;
Pago-me d'escutar as tuas ditas,
E cedendo a meus rogos falso pejo,
Saiba eu teus momentos deleitosos.

Mas vê que o sacrifício que te peço,
Eu própria, generosa, abro primeiro:
Primeiro eu quero tímidos receios
Calcar aos olhos teus; entra em mim mesma,
Vê como reina Amor dentro em minh'alma!
Como só ele faz meus gostos todos!
Chamem embora apáticos estoicos
Ardores sensuais os que me inflamam;
Chamem-me torpe, chamem-me impudica;
Tais vilipêndios valem o que eu gozo!
Venha a rançosa, vã teologia
Crimes fingir, criar eternos fogos;
Eu desafio os seus sequazes todos,
Eu desafio o Deus que eles trovejam!...
Nos mais puros deleites embebida,
Bem os posso arrostar, posso aterrá-los!
Não estremeças, não, amada Olinda,
Longe do Fanatismo, a turma odiosa
Que infames leis, infames prejuízos,
Quais cabeças fatais de hidra indomável,
Para o mundo assolar, tem rebentado.
Não há para os cristãos um Deus dif'rente
Do que os gentios têm, e os muçulmanos;
Dogmas de bonzos são condignos filhos
Da fraude vil, da estúpida ignorância,
Da opressora política produtos.
O que a Razão desnega, não existe.
Se existe um Deus, a Natureza o of'rece:
Tudo o que é contra ela, é ofendê-lo.
A sólida moral não necessita
De apoios vãos: seu trono assenta em bases
Que firmam a Razão e a Natureza.

Outra vez eu farei que estes ditames,
Com seguros princípios sustentados,
Destruam tua crédula imperícia,
Abafando ilusões que desde a infância
Te lançaram na mente inculca e frouxa,

Que Fúrias tem, que tem Dragões e Larvas,
Para os gostos da vida atassalhar-te,
Para a remorsos vis dar existência.
Por ora segue o culto que te apontam
As emoções da própria Natureza:
Sê religiosa e firme em praticá-las.

O meu Alcino, a quem eu devo tudo,
Num momento desfez o que em três lustros
Néscios pais procuraram sugerir-me.
Por hábito adotei de uns a doutrina,
Por gosto doutro as máximas sem custo
Dentro em meu terno peito radicaram.
Tu sabes, minha Olinda, quão perplexa
Minha alma balançava entre os combates,
Que a rude educação que recebera,
Dentro em mim mesma opunha sentimentos
Cujo estranho poder toda me enleava.

Foi neste estado de incerteza e inércia
Que Alcino desposei: oculta força
Me impelia a adorá-lo, não sabendo
De deleites que fonte inexaurível
Se ia abrir para mim entre seus braços.
Do dia nupcial todo o aparato
Olhava como um sonho!... É impossível
A estupidez, o pasmo em que me via
Traçar aos olhos teus; lembra-me apenas
A inquietação d'Alcino em todo o dia,
E a avidez de prazer em que enlevado,
Terminado o festim, já n'alta noite,
Ao toro nupcial foi conduzir-me.
Ficámos sós: eu tímida, agitada,
Em soçobro cruel (qual branda pomba
Que ao tiro assustador voa e revoa,
Aqui e ali mal pausa, se levanta
Sem guarida encontrar que ao p'rgo a salve)
Palpitava, tremia, e de meus olhos
Corria em fio inespontâneo pranto.

Eu sentia no rosto e em todo o corpo
Espalhar-se o rubor que gera o sangue,
Pelo fogo que toda me abrasava.
Não sei que meigos termos neste tempo
Soltava Alcino: eu nada percebia;
Porém, vi que a meus pés, banhado em gosto,
Chorando de prazer, súplices votos,
Ardentes expressões balbuciava.
Pelo meio do corpo com seus braços
Cingindo-me ansioso, sobre o leito
Me foi enfim lançar. Quando eu ardia
Em chamas de pudor, o mesmo incêndio
Davam a Alcino sôfregos transportes:
Suas trementes mãos me despojavam
Dos nupciais ornatos; e seus beijos
Convulsivos esforços, que lhe opunha,
Pagavam com furor; suas carícias
Amiudando afoito e temerário.
Irosa quis mostrar-me, mas os fogos
Que o pejo tinha aceso, então tomando
Mais ativo calor, porém, mais doce,
Minhas repulsas, de ternura cheias,
A maiores arrosos o excitaram;
Menos tímido, quanto eu mais irada,
Meus olhos, minhas faces e meu seio
Beijava Alcino. Eu lânguida, fitando
Nele amorosas vistas, reclinei-me,
Sem resistir-lhe mais, sobre o seu colo:
Importunos vestidos, que estorvavam
Seus inflamados beijos de tocarem
Ocultos atrativos..., longe arroja.
Então aos olhos seus (tu bem o sabes,
Quando outrora passávamos unidas
Em inocentes brincos... feliz tempo!)
Meus peitos, cuja alvura terminavam
Preciosos rubis, patentes foram.
Ao voluptuoso tato palpitante

Mais e mais se arrijaram, de maneira
 Que os lábios não podiam comprimi-los.
 Meus braços nus, meu colo, eu toda estava
 Coberta de sinais de ardentes beijos.
 Os leves trajos que ainda conservava,
 Em vão eu quis suster; rápido impulso
 Guiava Alcino: de Hércules⁹ as forças
 Ali vencera... As minhas que fariam?
 Co'as forças o pudor desfalecido,
 Deixei faltar seus olhos e seus gestos.
 «Que lindos membros!... Que divinais formas!...
 (De quando em quando extático dizia)
 «Ah! Que mimosos pés!... Oh Céu!... Que encantos!...
 Que graças aparecem espalhadas!...
 Que tesouros de amor sobre estas bases!...
 Oh que prazer!... Que vistas deleitosas!...
 Alzira, eu vejo em ti uma deidade!
 Deixa imprimir meus ósculos aonde
 Entre fios subtis se esconde o nácar!...
 Deixa esgotar a fonte das delícias!...
 Ah! Deixa-me expirar aqui de gosto!...
 Não mais rubor, Alzira, não mais pejo!...»

Eram brasas, que as carnes me queimavam,
 Seus dedos, os seus beijos, sua língua!
 Sim; sua língua, bem como um corisco,
 Abriu rápida entrada, onde engolfadas
 Todas as sensações lutavam juntas:
 Pela primeira vez dentro em mim mesma
 Senti gerar-se súbita mudança,
 Com que de envolta mil deleites vinham.
 Comunicou-me sua raiva Alcino,
 E na lasciva ação, que prosseguia,

⁹ De acordo com a mitologia greco-latina, era filho de Zeus e de Alcmena e possuía uma força incomensurável.

Tal int'resse me fez tomar que eu própria
A seus intentos me prestei de todo.
Entre incessantes gostos doces gotas
Brotavam sobre os toques impudicos;
Mas quando, ao crebro¹⁰ impulso, extasiada
Cheguei ao cume do prazer celeste,
Ardente emanção de íntimos membros,
Que eletrizavam fogos insofríveis,
Inundou o instrumento das delícias,
Como se ao crime seu vibrassem pena,
Ou antes dessem prémio. Afadigado
Na maior languidez, quase em delíquio,
Alcino veio ao meu unir seu rosto.

Neste instante, eu não sei que desejava;
Sei que o primeiro ensaio dos prazeres,
Em vez de sufocar ativas chamas,
Centelhas transformou em labaredas,
Infundiu-lhes vigor inextinguível.
A ardência dos desejos combatia
Receio oculto, sem nascer do pejo.

Num volver d'olhos se despiu Alcino,
E deu-me nu a ver quão bem talhado
D'ombros e lados, com feições formosas,
Seu corpo era gentil: válidos membros
Cobria fina pele; era robusto
E delicado a um tempo; esbelto, airoso,
Medíocre estatura, olhos rasgados,
Mimosas faces, rubicundos beijos,
Cheio de carnes, sem que fosse obeso,
Igual nas proporções... Eis um mancebo
Digno de a Marte¹¹ e a Adónis¹² antepor-se,

¹⁰ Repetido.

¹¹ Deus romano da guerra.

¹² Jovem de extrema beleza, filho de Mirra, cobiçado por Afrodite e por Perséfone.

Não tendo de um a rude valentia,
Nem tendo doutro a feminil brandura.
Então lancei curiosa ávidas vistas
Sobre ignotas feições: fiquei pasmada,
Ao ver do sexo as distintivas formas
Dobrando a extensão; dobrou meu susto,
Mormente quando, desviando Alcino
Meus pés unidos, entre meus joelhos
Seus joelhos encravou, e com seus dedos
Procurou dividir da estreita fenda
Pequenos fechos, sobre os quais, de chofre,
Assestou o canhão que me assustava.
Ao medo sucedeu uma dor viva,
Como se agudo ferro me cravassem...
Alcino impetuoso ia rompendo
A ténue fenda... Em vão, com mil gemidos
Em pranto debulhada, eu lhe pedia
Que não continuasse a atormentar-me;
O cruel, minhas lágrimas bebendo,
Respirando com ânsia e furibundo,
Com a boca calada sobre a minha,
Meus gritos abafando, me rasgava.
Mais internos pruridos flagelavam
Intactos membros, mais ardor veemente
Abrange a todos do que os outros sofrem.
Copioso suor ardente e frio,
O cansaço d'Alcino, a aflição minha,
Inculcavam assaz que eram baldados
Seus esforços cruéis para romper-me.
Tão árdua intromissão debalde havia
A custo do meu sangue repetido.
Se enorme corpo diminuta porta
Deve transpor, carece de abater-lhe,
Antes d'entrar, umbrais a que se encosta.
A violenta fricção traiu Alcino,
E o membro, que tentava trespassar-me,
Da própria sanha aos ímpetos rendido,

Sucumbiu, espumando horrendamente.
Da elétrica matéria nas entranhas
Caíram-me faíscas derretidas;
Um vulcão se ateou dentro em mim toda.
O insofrível ardor que me infundiu
Líquido tiro, ao centro já chegado,
Por onde apenas o expugnado forte,
Da inimiga irrupção indefensável,
Podia receber patente dano,
Tais estragos causou que mais valera
A entrada franquear ao sitiante.
Já dor não conhecia: chamejava
Meu próprio sangue, com violência tanta
Que lacerar-me as veias parecia.

Na estância do prazer lançara Alcino
Do Mongibello¹³ as lavas, e extingui-las
Só torrentes mais fortes poderiam.
Improviso calor calou-me o peito:
Quisera eu já expor-me aos vivos golpes;
Quisera já no meio da carnagem
A batalha suster, ganhar a morte,
Ou a vitória, de triunfos cheia.
Tardava a meus desejos ver completa
D'Alcino a empresa; eu mesma o provocara
Se, enfim refeito da ufanosa esgrima,
O não visse ameaçar um novo assalto.
A um resto de temor maldisse afoita,
E comigo jurei de não dar mostras
De leve dor, bem que me espedaçasse.

Alcino sotopõe uma almofada
Para o alvo nivelar e, separando
Quanto mais pôde nítidas colunas,
O edifício tentou pôr em ruína.

¹³ O vulcão Etna, localizado na Sicília.

Ao forte, insano impulso eu respondendo,
 (Ah! Que o valor cedeu no transe aflito!)
 O muro se escalou!... Foi tal a força
 Da agonia cruel que, esmorecendo,
 Semiviva fiquei; enquanto Alcino,
 Dobrando e redobrando acerbos golpes,
 Do reduto de amor o íntimo acesso
 Penetra entre meus ais e os meus gemidos.
 Outra vez atingiu supremo gozo,
 Gozo celestial, cujos eflúvios
 Um bálsamo espargiram delectável,
 Que sossegou a dor, chamando a vida.
 Letárgicos alentos me abismaram
 Num pélago de gostos indizíveis;
 Elevaram-me a um céu d'imensas glórias:
 Encadeei Alcino com meus braços,
 Enlacei-o com os pés entre as espaldas;
 Férvidos beijos dando e recebendo
 Com frenético ardor, com ânsia intensa,
 Chamando-lhe meu bem, minha alma e vida;
 Vozes, suspiros confundindo... tanto,
 Tanto enfim apressei dos hirtos membros
 Forçosa agitação, que num momento,
 Inefáveis delícias destilando
 Alcino em mim, e eu nele, ao mesmo tempo,
 Libámos juntos quanto prazer podem
 Os mesmos homens figurar deidades...
 Minha Olinda, que instantes!... Eu não posso
 Traçar-te a confusão de emoções novas
 Que no êxtase final me transportaram!...
 Amarga, acerba dor sucumbe ao gozo
 Da ventura sem par... Vitais alentos
 Saborear não podem tantos gostos...
 É preciso morrer entre deleites,
 E melhor fora não tornar à vida
 Que conservá-la sem morrer mil vezes.

Sete vezes Amor, chamando às armas
Seus súbditos fiéis, travou peleja;
Sete vezes Amor bradou «Vitória!»
Da indefensa coragem conduzido,
Morfeu¹⁴ veio c'roar nossas proezas.

Eis de que modo a tua Alzira soube,
D'Amor com as lições, sublime voo
Erguer afoita sobre o néscio vulgo;
Este odeia o prazer por vã modéstia,
E as pudicas vestais, escravas do erro,
Não cessam d'embair-nos, afetando
Duma virtude vã mímicas formas,
Que o que se anela mais a encobrir forçam;
Forçam em vão, que a Natureza brada,
E ao grito seu, queira ou não queira o mundo,
Curvo depõe ficções, da insânia filhas,
Tirando abrolhos que da vida lança
Na apazível estrada impostor bando.
Assim ornei a fronte radiosa
De vicejante rama, que decora
Vitórias que do erro heróis alcançam.

Toma das minhas mãos, amada Olinda,
Proveitosa lição; tu já comesças
Triunfos a ganhar, cheios de glória:
Dócil tua alma a improbos ditames,
Dócil será também, de mais bom grado,
Às piedosas leis da Natureza:
Retrocede, como eu, da inextricável
Sinuosa vereda onde perdidas
Palpamos trevas, tateando abismos;
Desaprende a fingir: só quadra ao vício

¹⁴ Um dos filhos do Sono (Hipno). Apresentava grandes asas, que movia celeremente, e tinha o atributo de adormecer aqueles que tocava com uma planta.

Acobertar-se com mendaces¹⁵ roupas.
A modéstia, o pudor gera a ignorância,
Ou do mal feito um sentimento interno;
O mais é cobardia, ignávia¹⁶ rude,
Que só numa alma vil pode arraigar-se.
Cabe a quem soube respirar, vencendo
Da impostura as traições, um ar mais puro,
Olhar d'ém torno a si, ver quão distante
Pulverulenta jaz infame turba;
Cabe ostentar o garbo e a louçania
Que espanta o vulgo, impondo-lhe o respeito
De que a nobre altivez se faz condigna.
Deixa-lhe os modos, toma o que te cumpre,
Sincera Olinda, tua amiga imita.
Eu não coro de dar-me toda a Alcino,
Nem eu coro também de confessá-lo:
Instintos naturais, se não são crimes,
Como crime será narrar seus gozos?...
Se é inocente a ação, a voz não peca;
Destarte saboreia o que estudaste,
E destarte falar, ah, não vaciles!...

Não te escuse o pensar que igual pintura
Objeto igual exige, minha Olinda.
Não; nos gostos de amor sempre há mudança,
Amor sempre varia os seus deleites.
Eu mostrei-te o modelo: em mim o encontras;
Usa da singeleza que te é própria
E abre o teu coração, cheio de gozo,
Qual, antes de o provar, ingénua abriste.
Se expor da sorte infensa a crueldade
Dá lenitivo ao mal que se exp'rimenta,
Sobreleva o prazer à extrema dita,

¹⁵ Falsas.

¹⁶ Falta de coragem.

Quando de o confiar redundar interesse.
Eia, querida! Anui aos meus desejos,
Rouba um instante a amor, dá-o à amizade.

EPÍSTOLA VII

Olinda a Alzira

Tu não podes saber, querida Alzira,
Com que alegria as cobiçadas letras
Da tua Olinda foram recebidas!
Não o podes saber, nem eu dizer-to.
Que pura locução que Amor ensina!
Quão diferente linguagem da que falam
Os livros que me dá o meu Belino!
Neles descubro o sensual estilo
Que a modéstia revolta e que não quadra
Às puras sensações que Amor excita;
Frase brutal, sem arte, e sem melindre,
Qual despejada plebe usar costuma;
Neles de Amor os gostos enxovalha
Misterioso véu, que arrancar ousam,
Com mão profana, d'ante o santuário
Que Amor encerra, e donde o deus oculto
Manda aos mortais um cento de venturas.
Deles o nume foge, e por castigo
Leva após si deleites que não provam:
Em vez de graças mil, de mil prazeres,
Priapeu¹⁷ tropel ímpios incensam.
Dá-me tédio a lição de escritos torpes,

¹⁷ De Priapo, filho de Afrodite e Dioniso, guardião das vinhas, dos pomares e dos jardins, era representado sob a forma de uma figura com o falo ereto, simbolizando, deste modo, a fecundidade.

Onde o prazer fugaz, lassos os membros,
Sob mil formas em vão se perpetua.
Lassos os membros, lassos os sentidos,
Debalde esgotam, sôfregos de gostos,
De impudicícia inumeráveis gestos.
Morre a chama que amor mútuo não sopra;
Como é vil a expressão, e é vil o gozo
Que uma Teresa¹⁸, que outras tais francesas
Em impuros bordéis gabar se ufanam!

Foi-me preciso, Alzira, usar do império
Que a um fraco sexo deleitosos modos
Fagueiros, ternos emprestar costumam,
Para do amante meu obter a custo
De obscenas produções o sacrifício,
Que o coração corrompem e devassam
Puros desejos, sentimentos doces.
Mostrei-lhe que o prazer esmorecia
De amável ilusão sem os prelúdios,
E que, apesar dos seus vivos protestos,
Se os sentidos assaz lisonjeava,
Mil emoções gostosas embotando,
Impelido a gozar continuamente,
Escravo do prazer na sua amante
Não fartaria hidrópicos desejos:
Ardentes Messalinas¹⁹ buscaria,
Entre os braços das quais mais fácil era
À vida termo pôr que saciar-se.

Cedeu às minhas súplicas, e agora
Grato me diz que, se ele da ventura

¹⁸ Personagem de *Thérèse Philosophe*, famosa obra do Marquis d'Argens. Bocage poderá ter lido a edição de Glasgow, datada de 1773, suprimida pela Real Mesa Censória por alegada obscenidade.

¹⁹ Messalina foi a terceira mulher de Cláudio, imperador romano, que a mandou executar no ano de 48 d. C. Ficou nos anais da história pela sua acentuada incontinência sexual. Catarina II, paradigma da lubricidade, recebeu o apelido de «Messalina moderna».

O caminho me abriu, eu nele o guio:
Assim, quando os sentidos fatigados
De amor se negam a esgotar delícias,
Mana do coração inexaurível
Prolífica virtude que os alenta.
Assim de gostos perenais correntes
Franqueia Amor a quem o não profana:
De Amor os gozos são como o diamante,
Que, sem o engaste que tocar-lhe veda,
Perdera a polidez, perdera o brilho.
Ame o lascivo o mau, o torpe o obsceno:
Eu em tuas expressões aprendo, Alzira,
Como a ternura impera nos sentidos,
E dum e doutro regulando as forças,
De amorosos troféus requinta a glória.

O sensual atola-se nos vícios,
Cujo infesto vapor todo o corria
De lançar-lhe no túmulo o esqueleto;
Doutra arte aquele que libar suaviza
Néctar que Amor esparge aos seus validos,
Das rugas e das cãs não teme o estrago,
Que nos últimos anos pode ainda
Em seu transporte Amor beijar na face.

Mas que exiges de mim? Pensas, Alzira,
Que a rude Olinda como tu descreva
A emanção dos gostos que se provam
Quando o primeiro amor os desenvolve
Da terna virgem no inocente peito?
Reclamas a candura de que usava
Antes de me ilustrar de Amor o facho?
Ousas mesmo increpar-me de artifício,
Porque eu não soube delicada teia
Urdir aos olhos teus, porque eu não soube
As efusões de amor envolver nela,
E, qual me envias, dar-te digna oferta?
Basta, tu mandas; vou obedecer-te.
Tenho ante os olhos instruções sobejas

Para pintar o quadro dos deleites
Que de dois entes num absortos brotam.
Tu me dás os pincéis, o molde, as cores;
E no meu coração, prezada amiga,
Fecunda o gozo meigos sentimentos,
Que só acabarão, se amor acaba!...

Que quiméricos céus forma a impostura!...
Aonde mores delícias se prometem
Que as de um amante, doutro ao lado unido?
Eu sonhava ilusões, antes que fosse
Nos mistérios de amor iniciada.
Errava de um em outro labirinto,
Donde os conselhos teus, amada Alzira,
E Amor, dando-me o fio d'Ariadne²⁰,
Me fizeram sair: deixam-me forças
Para abafar o monstro que meus dias
Tinha de funestar com vãos temores,
Filhos do erro vil, da fraude abortos.

Qual vagueia nas trevas sem acordo
Perdido o tino, aflito o caminhante,
D'alta serra entre as faldas pedregosas,
Ou de ínvia selva na espessura vasta,
Aqui tropeça, ali se encontra e bate,
Macera as mãos, o rosto, e tenteando,
Um pé lhe escapa, cai, rola-se o triste,
E num bátrato²¹ crê despedaçar-se;
Eis improvisa luz assoma ao longe;
Atenta o infeliz, toma-a por norte,
E dos p'rigos que o cercam, se vê salvo:
Tais tuas letras para mim brilharam
Na escuridão fatal, que me envolvia.

²⁰ Filha de Minos e Pasífae. Apaixonou-se por Teseu, tendo-lhe facultado um novelo de fio, que, desenrolado, lhe permitiu orientar-se e identificar o caminho de saída do Labirinto, situado no «Palácio do Minotauro», onde se encontrava encarcerado.

²¹ Precipício.

Não espacou Amor ditoso prazo
Para no grémio seu a tua Olinda,
Benfazejo, acolher. Vira eu Belino
Passar uma, e mil vezes, atentando
Com interesse em mim, atentei nele,
Em seu terno olhar e meigos gestos;
Vi que um amante o Céu me destinava:
Em breve os olhos meus lhe responderam
Às mudas expressões que os seus diziam;
Em breve as suas cartas, de amor cheias,
Fizeram dar igual calor às minhas,
Acendendo os meus férvidos transportes.

Numa cerrada noite, quando ao sono
Estava tudo entregue, Amor velando
No meu peito, e no seu, a vez primeira
Nos ajuntou enfim: ele exultava
De indizível prazer; eu me sentia
Na agitação maior de gosto e susto.
Ao dar-lhe a mão, para o guiar de manso
'Té ao aposento meu, súbito fogo
Calou-me as veias, penetrou-me toda.
Mas quando, já fechados um com outro,
Vi que seus gestos, mais que suas vozes,
Sua ternura ousada me exprimiam,
Lembrou-me o p'rgo a que me havia exposto.
Tarda lembrança, que cedia a embates
De ignoto medo, que o rubor gerava!
Queria eu impedir-lhe ardentes beijos,
Mas vedavam-no as chamas que acendiam;
E às primeiras carícias insensível,
Lutando entre o pudor, e entre o desejo,
Em mil contrárias reflexões absorta,
Meu silêncio e inação a empresas novas,
De maior valor, Belino excitaram.
Confesso que deveras quis opor-me
A seus intentos no primeiro instante;
Porém, pouco tardou que abraçada

Em chamas voluptuosas, resistindo
A seus esforços, mais lhe franqueava
Fácil acesso a próximos triunfos.

Sentado junto a mim, lançando um braço
Em redor do meu colo, até cingir-me
E obrigar-me a chegar ao seu meu rosto;
Com a mão sobre os peitos inquieta,
Que ao crebro²² palpitar os apressava,
E os lábios percorrendo os olhos, faces,
'Té fixá-los nos meus, ou por entre eles,
Confundindo os alentos, lançar chamas
Dentro em meu coração, qual facho aceso;
A ardente língua sua unindo à minha,
Ou, sobre o seio meu calando a boca,
Nele impressos deixar seus próprios beijos;
Com mão mais temerária, do vestido
Pela abertura a ocultos atrativos
Indo o fogo atear... Ah! Que eu não pude
Mais resistência opor a seus desejos!
Apenas leve fisga separando
Um dedo seu, que um raio parecia,
Tocou o sítio onde os deleites moram,
Súbito, alvorotados, uns com outros
Travando estranha luta, me levaram
Onde, fora de mim, quase sem vida,
Só quanto então gozei, gozar podia.
Dos membros todos foram engolfar-se
As sensações ali, e só tornaram
A ser o que eram quando ao mesmo tempo
Sua potência intrínseca exalando,
Fiquei de todo lânguida e abatida:
O perverso Belino, atentos olhos
Nos meus então fitando, quis ler neles

²² Repetido.

De que ficções minha alma se ocupava.
Foi extremo o rubor que de improviso
Minhas faces tingiu: lancei-lhe os braços,
Escondendo meu rosto no seu peito,
Por não poder suste-lhe as doces vistas.
A minha terna ação atraçou-me,
Que o maligno, pegando-me do rosto
Com ambas suas mãos, mais me encarava;
De confusa me ver folga, e se ufana,
Com beijos mil parece devorar-me;
Entre os seus braços mais e mais me aperta,
E pouco a pouco sobre mim se inclina;
Minha cabeça no sofá encosta,
Meus pendentes pés trava, e os submete
Entre os seus mesmos 'té que, enfim, de todo
Senti do corpo seu o peso grato.

Meu leito era defronte, mas Belino
No largo canapé circ'lo bastante
Hábil atleta achou para o combate.
Perplexa, em mil afetos engolfada,
Irada, enternecida, em cruel luta
Meus sentimentos todos labutavam;
Um tímido pudor ativos fogos
Contrariava em vão, em vão retinha
Ignotos medos, sôfregos desejos;
Suspensa e curiosa eu esperava
Gostosa cena em que prolixas noites,
Pensando o que seria, despendera.

Enquanto desta sorte embelezado
Me tinham tais ideias, já Belino,
No frenesi maior de grau ou força,
Os meus secretos votos preenchia.
Em torno da cintura levantados
Meus trajos inferiores, sobre os joelhos
Sentindo os de Belino desprendidos,
Alargando-me os pés, tomando entre eles
Vantajosa atitude a seus projetos,

Franqueando co'a mão fácil entrada
À chamejante lança, que tocava
O mesmo sítio que invadira o dedo,
Forcejou para ferir-me com seus golpes,
Com ímpeto tamanho, com tal raiva
Que nem dos gritos meus se comovia,
Nem podia o meu pranto apiedá-lo;
C'o forte impulso as movediças carnes
Levava-me às entranhas; da ferida
Corria o sangue, mas sem que pudesse
Ao ferro assolador achar bainha.
Seus dedos sanguinários finalmente
Duma e outra parte com vigor sustendo
Flexíveis membros, redobrando as forças
Da valente impulsão, a cruel lança
Rompeu cruento ingresso... trespassou-me.
Que dor, Alzira!... Dei tão alto grito
Que Belino depois disse o assustara,
Bem que fosse de meus pais distante o quarto.
Sem sentidos fiquei, enquanto o amante
Os troféus da vitória recolhia,
E só tornei a mim quando ao meu sangue
Suave irrigação veio mesclar-se,
A agitações de gosto a dor cedendo,
De gosto inexaurível, que provara.
Num momento apertada com Belino,
N'ativa sensação toquei com ele
A meta das delícias, transportada
De muito mais prazer do que a dor fora.
Neste instante convulsa e delirante,
E como se um espasmo suportasse,
Inteiriçada toda, os meus alentos
Senti reconcentrar-se num só ponto.
Findava o meu amante, inda eu gozava
(Comprimindo-o comigo) altas venturas,
De que sedenta então não poderia
Fartar-me assaz: meus braços exauridos,

Meu colo e pés, eu toda fatigada
Do veemente tremor em que lidara,
Caí prostrada, quase semimorta.

Quando a meus olhos (que caligens densas
Tinham coberto) a luz tornou de novo,
Volvi-os sobre o amante, de tal sorte
Que ao vê-lo já súplice o instigava:
Não ficava ocioso neste tempo,
Que no exame gastou do entrado forte,
Pasmado dos estragos que fizera
E dos despojos que lucrava alegre.
Da máquina que a praça expugnou firme,
A estrutura e altivez eu divisando,
Custava-me a atinar como pudera
Plantar-se o obelisco no reduto estreito.
Belino, minhas vistas compreendendo,
Fez-me sentir, forçando-me a tocá-lo,
Marmórea rigidez, cor escarlata,
Forma e calor de obus, que disparava.
Quando submisso, da peleja lasso,
O vi depois sem o estendido conto,
Branças roupas trajava, mais humilde:
Mas agora, afrontado, arremessando,
Monarca ufano, a púrpura do colo,
Com furor ao combate se aprestava.
Reverberou seu fogo em minhas faces,
E a veia e veia, delas espalhado,
De todo o corpo me filtrou os membros.

Da lascívia ao pudor jungindo o peso,
Fez-me Belino levantar, e tendo
Ele, sentado, unidos os joelhos,
Sobre eles me sentou, e franco acesso
Da lança abrindo à ponta, a foi de manso
No riste pondo, 'té que a meio conto
Nele embebida, sobre si de todo
Levando o peso meu, entrou de modo
Que fiquei 'té às vísceras varada.

A introdução tão forte pouco afeitos,
Meus delicados membros se avexaram:
Mas, curvando-me um pouco e com justeza,
Achei convir ao estojo o instrumento,
Cuja palpitação, sem ajustar-nos,
Em cadência recíproca aliada,
Bastava a provocar gosto indizível,
De modo que sem mais fadiga eu pude,
Na grata posição Belino imóvel,
Atingir o prazer mais saboroso,
Nadar em mil deleites engolfada.
Aqui, amada Alzira, essa virtude
Que apelidam pudor, foi-me odiosa.
De seus grilhões liberta, possuída
De um venéreo furor, impaciente
De comprimir a mim o caro amante,
Arranquei-me da lúbrica atitude,
Sobre ele me arrojiei, toda ansiosa
De me identificar cò meu Belino;
Estreitada com ele, abandonada
De amor à raiva que ambos incendeia,
Sobre mim o arrastei junto do leito,
Onde ao meu peito o seu, aos seus meus lábios,
Do corpo os membros todos enlaçados
Misturando nos ósculos o alento,
Nos ósculos libando doce néctar,
Em tal agitação que aos céus alçar-me,
E abater-me aos abismos parecia;
Ávida de absorver a grossa lança,
De sofrer-lhe a rijeza diamantina,
E de arrostar-lhe os golpes incessantes,
Sentindo o instante em que violento impulso
De celeste efusão marcava o termo,
Nas mãos e nos pés sós firmando o corpo,
Tanto me empertiguei que o meu amante
Sustive sobre mim, suspenso, enquanto,
Aos finais paroxismos sucumbindo,

Ao meu uniu seu último gemido,
E dentro das entranhas abrasadas
Lançando-me torrentes d'algo influxo,
Submersa me deixou num mar de gozos.

Julgas, Alzira, que entre tanto gosto
Na assídua compressão me não doíam
As maceradas, melindrosas carnes?
Ah! Que esta dor pelo prazer vencida
Irritava emoções deliciosas,
Sobrelevava às sensações mais gratas.
Qual sequioso cervo, repassado
Da calmosa avidez, suaves gotas
Rábido anela, e quanto é mais sofrida
Ardente sede tanto mais ensopa
Uma e outra vez insaciáveis fauces:
Não doutra sorte flagelados membros
Da dor pungidos de cruéis combates,
Balsâmica emoção consoladora
Com avidez secavam insofridos.
A aluvião prolífica eu sentia,
Pruridos divinais, e estremecendo
À melíflua impressão, perenais gozos
Bastante tempo após gozava ainda.
Neste instante expirou dentro em minh'alma
Temor nefando, que imolava ao culto.
Nova moral raiou de Olinda aos olhos;
Eu tive em pouco ríspidos preceitos,
Ameaças cruéis com que ralavam
Meus anos infantis. Doe-me, Alzira,
De ver tanta beleza definhada,
Da hipocrisia vítimas infaustas.
Aponta a idade em que é d'amor forçoso
As delícias gozar; em que algo viço,
Como nas plantas, nelas assinalam.
Grata reprodução consigo abafam,
Envenena-se o germe da Natura,
Infeção purulenta as vai minando,

Que seus dias termina, ou os condena
A lânguida existência: abate o corpo,
Abate o esp'rito, corroído o alento.

Inovámos a ação, eu e Belino,
E iguais em forças, sem perder coragem,
Nenhum de nós cedeu, bem que durasse
Algumas horas o combate aceso:
Mas da noite feliz o longo manto,
Que os mistérios de amor comete às trevas,
Com róseos dedos a invejosa Aurora²³
Cruel abrindo, fez dentro em meu peito
A escuridão entrar, que em torno tinha.
Foi-me odiosa a luz, que afugentava
De mim com o amor perenes delícias.

Uma e outra vez Amor tem facultado
Ao constante Belino, à terna Olinda,
Outros, como estes, prósperos momentos:
São de tormento para mim os dias
Que tê-lo junto a mim debalde busco.
Para ele o tempo que sem ver-me gasta,
Figura-lhe de um século a distância.
Já Himeneu²⁴ houvera de enlaçar-nos,
Se o mundo, Alzira, o mundo, que não cuida
Senão em maquinar sua ruína,
De longo tempo não tivesse urdido
Iníquas tramas, hórridas ciladas,
Que ao homem (digno prêmio de sua obra)
Barreiras põem na estrada da ventura.
Retrocede o infeliz dum a outro lado,
Negras voragens abre ante os seus passos

²³ Filha de Hipérion e de Tia, irmã de Hélio e de Selene, corresponde a Eos na mitologia grega. Preside ao nascimento do dia.

²⁴ Deus que conduz o cortejo nupcial, filho de uma musa e de Apolo, ou de Dioniso e Afrodite. É representado por um jovem, que transporta uma tocha, ornado de uma coroa de flores e de um véu.

Tropel de Fúrias²⁵, que consigo arrasta,
Filhas do Erro, que animou insano.

A Fortuna²⁶, que foi comigo larga,
Negou seus dons a meu querido amante.
Ele não conta nobres ascendentes,
De quem meus pais se dizem oriundos:
É quanto basta para erguer muralhas
De alcance, entre ele e mim, inacessíveis.
O ditoso himeneu não me é preciso,
O himeneu, aparato de teus votos,
Para entre os braços seus tecer afoita
Indissolúveis nós cō meu Belino:
Sou dele, é meu; os homens que se ralem.

Alzira, tu, que a amor meu peito abriste,
Abre meus olhos à Natura inteira:
Eu quero nela ver os meus destinos;
Só nela eu quero divinais verdades,
Solícita explorar, viver só nela.
Cumpre as gratas promessas que me fazes,
Deva a ti só a tua Olinda tudo.
Não há para os cristãos um Deus dif'rente
Do que os Gentios têm, e os Muçulmanos?
O que a razão desnega, não existe:
Se existe um Deus, a Natureza o of'rece;
Tudo o que é contra ela, é ofendê-lo.
Devo eu seguir o culto que me apontam
As impressões da própria Natureza?
Tenho uma religião em praticá-las?
Que mundo é este, pois, prezada Alzira?
Têm os homens levado o seu arrojo
'Té forjarem um Deus na ousada mente,

²⁵ V. n. 2, «Epístola a Marília».

²⁶ De acordo com Pierre Grimal, deusa representada com o corno da abundância, por vezes sentada, outras de pé, quase sempre cega.

Traçar-lhe cultos, levantar-lhe templos,
Atribuir-lhe leis, que a ferro e fogo
Estranhos povos a adorar constangem,
Imolando milhões à glória sua?
Nos lábios têm doçura e probidade,
No coração o fel, a raiva: os monstros
São maus por condição, ou maus por erro?

Não, eu não posso, Alzira, deste enigma
Romper o denso véu: minhas ideias
Jazem num caos de horrída incerteza:
Hesitar me não deixes por mais tempo.
Minha instrução confio aos teus cuidados;
D'amizade o esplendor, dá-te a mim toda;
Acaba de fazer-me de ti digna.

ARTE DE AMAR, OU PRECEITOS E REGRAS AMATÓRIAS
PARA AGRADAR ÀS DAMAS²⁷

IMITAÇÃO DE OVÍDIO

I

Se, lascivos do mundo, amais sem arte,
Lede meus versos, amareis com ela.
Tu, louro Apolo²⁸, me tempera a lira,
Tu, branda Vénus²⁹, a cantar me ensina.
Quanto nos reinos de Plutão³⁰ deseja
Tântalo³¹ ardente mitigar a sede;
Quanto suspira Prometeu³² que Jove³³

²⁷ Afirma Inocêncio Francisco da Silva que «A Arte de Amar» foi impressa anonimamente, pela primeira vez, em 1822. Segundo este erudito, será da autoria de Sebastião Xavier Botelho, embora Bocage a tenha retocado e introduzido nela versos seus. Cremos, porém, tratar-se de um poema composto na íntegra pelo celebrado Elmano, que apreciava sobremaneira Ovídio. Seguimos a lição de Inocêncio, *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*. Bruxelas: s. n., 1854, p. 47. Um edital de 2 de maio de 1805 estipulava que esta composição só poderia ser lida com autorização especial.

²⁸ Deus das artes e da medicina, filho de Zeus e de Latona, irmão de Diana. Era acolitado por nove musas: Clío, Melpómene, Talia, Euterpe, Terpsícore, Érato, Calíope, Urânia e Polímnia.

²⁹ Deusa latina do Amor, tem Afrodite como correspondente na mitologia grega.

³⁰ Deus dos Infernos, filho de Saturno e de Reia, uma das Titânides, e irmão de Neptuno e de Júpiter. É representado num coche puxado por cavalos negros, com uma coroa de ébano na cabeça e chaves na mão.

³¹ Filho de Pluto, uma ninfa, e de Zeus, que o condenou perpetuamente à fome e à sede. De acordo com a *Odisseia*, Marte amarrou-o firmemente com cadeias e colocou-o num lago dos Infernos, junto de um ramo com frutos. Sempre que tentava beber água ou comer, via de imediato o objeto do seu desejo afastar-se inexoravelmente.

³² Filho de um Titã, Jápeto, e de Ásia, segundo alguns mitógrafos, ou de Clímene, de acordo com outros. Subiu aos céus com o objetivo de roubar «à roda do Sol» algum fogo para o devolver aos homens, dele privados por vingança de Zeus. Este puniu-o severamente: ordenou a Mercúrio que o amarrasse no monte Cáucaso, sendo aí atacado por uma águia que lhe comia o fígado, órgão que perenemente se regenerava. Relata Ovídio que Hércules o libertou de tamanho suplício (*Metamorfoses*, livro I).

³³ Júpiter, o rei dos deuses.

Os duros ferros com que o prende, rompa,
Tanto deseja a feminina turba
Ao corpo varonil unir seu corpo,
Tanto suspira por que mão lasciva
Meiga lhe toque nas colunas lisas
E que mimoso, petulante dedo
Lhe amolgue os tesos seus virgíneos peitos.
Em junho ardente, pelo seu consorte
Clama, suspira em verde ramo a rola;
Em gelado janeiro clama triste
A doméstica tigre por marido;
Brama nos campos em sereno maio
Mansa novilha por amado touro:
Sábua Natura o débil sexo excita,
Torpes desejos com ardor provoca,
Mas sempre firme e simulada nega
Carnal impulso geração de Pirra³⁴.
Busca Diana³⁵ Endimião nos bosques,
Mas finge ousada perseguir as feras;
Ardente, Vénus só prazer respira,
Mas seus favores solicita Marte³⁶;
Serrana humilde reclinar deseja
Nos doces braços de um vaqueiro o colo,
Mas dele foge, na montanha, esquiva,
Com ele o baile festival recusa.

³⁴ Pirra, filha de Epimeteu e de Pandora, e Deucalião, filho de Prometeu e de Clímene, foram os únicos mortais que, por vontade dos deuses, sobreviveram ao dilúvio universal. De acordo com as *Metamorfoses* de Ovídio, consultaram o oráculo de Témis, sendo então aconselhados a lançarem para trás das costas os ossos de sua mãe, os quais se transformaram em pedras, que, por sua vez, se metamorfosearam em homens e mulheres.

³⁵ Deusa latina da natureza, dos bosques e das montanhas, filha de Júpiter e de Latona. Divindade também associada à caça, tem a sua correspondente grega em Ártemis. Uniu-se a Endimião, sendo vasta a sua prole.

³⁶ Deus romano da guerra e da primavera, filho de Juno. Corresponde, na mitologia grega, a Ares.

II

Tu, pródigo Licurgo³⁷, ou quem primeiro
À vaga turba legislou dos homens,
Severo alçando temeroso ferro,
Duro reprimes da Natura os gritos;
À face mulheril, imóvel dantes,
Pudibundo rubor e pejo destes;
Mas, ah, não tema varonil caterva
Femíneo pejo, sendo eu o seu mestre!
Corta o duro machado erguido tronco,
Mas vejo sempre pulular vergônteas;
Diques forçosos contra o mar se elevam,
Mas além deles delfins mansos nadam.
Pode mais do que as leis a Natureza,
Pratica o mundo só o que ela dita;
Faz-se escondida enquanto a não descobrem;
Eu, subtil mestre, a descobri-la ensino.
Ah! Não me chamem críticos austeros
Dos bons costumes corruptor profano!
Ah! Não me mande César irritado
No frio Euxino a viver c'os Getas³⁸.
Outra coisa não faz duro colono
Com liso arado, quando rompe a terra:
Dura côdea o calor nativo impede,
O ferro a rasga, e o calor transpira.

³⁷ Figura de existência duvidosa para alguns estudiosos, foi, segundo outros, um conceituado legislador de Esparta, cujas doutrinas contribuíram decisivamente para o esplendor desta cidade-estado grega.

³⁸ Públio Ovídio Nasão, poeta latino (43 a. C.-17 ou 18 d. C.), autor de *Metamorfoses*, *Fastos* e *Arte de Amar*; influenciou acentuadamente a obra de Bocage. Foi condenado ao ostracismo, sendo forçado a ir viver entre os Getas, na cidade de Tomis (atual Constança, Roménia), junto ao Mar Negro, a que os latinos chamavam Ponto Euxino.

III

Vós, mancebos, correi, correi ligeiros,
Do Tibre às margens férteis e mimosas:
Tão imóveis me ouvi, mas não tão surdos;
Direi primeiro como Amor se enleia,
Depois como se faz propícia Vénus.
Tu, ó Jove imortal, tu, pai dos deuses,
Sábio me inspira, que não basta Apolo.
É verde louro fugitiva Dafne³⁹,
Amor ingrato do queixoso Febo⁴⁰,
Tu, selvático filho de Saturno⁴¹,
Só tu não temes desdenhosas iras:
Ou, chuva d'ouro, a bela Dánae⁴² molhas,
Ou, touro manso, linda Europa⁴³ roubas.
A face mulheril formosa e pura
Cobrem de pejo avermelhadas rosas;
Ou dedo juvenil, destro, as desfolhe,
Ou cáldo vapor soprando as murche:
Então lasciva, sem rebuço exposta,
Fácil se entrega, sem temor se arroja.
Então tu, louro Apolo, serás Dafne,
A ninfa fugitiva será Febo.
Após o bruto filho de Neptuno⁴⁴

³⁹ Por fugir às solicitações de Apolo, foi metamorfoseada em louro, razão pela qual este deus é representado com uma coroa da referida planta. Era filha de Peneu.

⁴⁰ Apolo.

⁴¹ O filho de Saturno é Júpiter, divindade latina, correspondente na mitologia grega a Zeus.

⁴² Filha de Acrísio, rei de Argos, e de Eurídice. Um oráculo predisse que aquele monarca seria assassinado por um neto. Acrísio, então, encerrou a filha numa torre de bronze para evitar que ela tivesse qualquer contacto com humanos. Porém, Júpiter, transformado em chuva de ouro, logrou introduzir-se no seu refúgio e seduziu-a.

⁴³ Filha de Agenor e de Telefaassa, irmã de Cadmo, foi raptada por Zeus, que se disfarçou de touro. Desta união nasceram Minos, Sarpédon e Radamante.

⁴⁴ Polifemo, um ciclope com apenas um olho que se alimentava de carne humana. Ulisses cegou-o com uma enorme estaca. Relacionou-se amorosamente com Galateia, filha de Nereu e de uma divindade do mar.

Correrá Galateia os verdes mares:
Assim fuge de Circe⁴⁵ o grego Ulisses⁴⁶,
Assim fuge de Dido⁴⁷ o pio Eneias.
Porém, primeiro, subtilmente a inflama;
Se acaso ardente, devorante fogo
Torrar os bofes, consumir entranhas,
Natura acode com forçoso impulso
E mais depressa se afugenta o pejo,
Mais depressa o calor do Sol derrete
Pálida massa de esfregada cera;
Mais cedo rompe ariete forçoso
Torres antigas, ruinosos muros.

IV

Se branco rosto que formoso esmaltam
Preciosos rubis, azuis safiras;
Face morena que engraçados ornam
Dois pretos olhos, com que as Graças⁴⁸ brincam;
Se airoso gesto, movimento lindo,
Se honesto modo, se sisudo termo
Feriu teus olhos no teatro ou templo,
Eia, mancebo, tens amores, corre!...
Em pé ligeiro te sublima e ergue;
Da vasta chusma simulado escapa,
Ou destro finjas cérebro revoltado,
Ou falso mostres abafado o peito;

⁴⁵ Filha do Sol e de Perse, vivia num palácio na ilha de Ea, rodeada de animais selvagens, outrora viajantes imprudentes por si metamorfoseados, num toque de mágica. É a célebre feiticeira que Ulisses seduziu (cf. *Odisseia*).

⁴⁶ A personagem principal da célebre *Odisseia*.

⁴⁷ Filha de Belo (Mattan I), rei de Tiro, fundadora de Cartago. Apaixonou-se por Eneias, de acordo com Virgílio, que os imortalizou na *Eneida*.

⁴⁸ Aglaia, Talia e Eufrosine, filhas de Júpiter e de Vénus, divindades que se caracterizavam pela sua beleza.

Logo, modesto, dirigindo os olhos
À branda Tirse, para os seus repara;
Vê se inocentes ao acaso vagam,
Ou se inquietos com destino giram;
Se porventura teu rival encontra,
Ânimo forte, desmaiar não deves;
Mais honrosa será tua vitória,
Tens para o carro triunfal cativo.

V

Era consorte de Vulcano⁴⁹ Vénus,
Mas de favores seus é digno Marte;
Com vergonha do sórdido ferreiro,
Preso nas redes fica o deus da guerra.
Quais no prado melíferas abelhas
Correm voando duma flor em outra,
Nem sobre o casto rosmaninho pousam,
Nem sobre o timo matinal descansam,
Tais, ó mancebos, mulheris desejos
Correndo voam de um amor em outro.
Nem destro Ulisses seu correr impede,
Nem rico Midas⁵⁰ suas asas prende.
Ó tu, cerúlea, cristalina Tétis⁵¹,
Quando revolta, não serás tão vaga?
Ó tu, soberbo, furioso Noto⁵²,
Quando liberto, não serás tão doido?

⁴⁹ Deus do fogo, filho de Júpiter e de Juno. Fabricava os raios para o pai e tinha as suas forjas nas ilhas de Líparo.

⁵⁰ Rei da Frígia, filho de Górdio. Recebeu principescamente, nos seus estados, Sileno — sátiro de lendária fealdade. Como recompensa, foi-lhe concedido o dom de converter em ouro tudo em que tocasse (cf. *Metamorfoses* de Ovídio).

⁵¹ Filha de Nereu e de Dóris, de extrema formosura, foi cobiçada por Júpiter.

⁵² Deus do vento do Sul, na Roma antiga.

São mais constantes de um carvalho altivo
As livres folhas, quando Bóreas⁵³ sopra,
Tremulam menos nos extensos mares
Flâmulas soltas que meneia o vento.
Se tu, mancebo, por acaso agradas,
Vive seguro, em teu rival não cuides;
É velho amante, tu amante novo:
Pode mais do que amor a novidade;
De novo ardia por Helena⁵⁴ Páris,
Por isso foi de Menelau contrário.

VI

Mas é preciso que, subtil e ardido,
Primeiro excites a atenção de Tirse.
Com gesto alegre teu amor exprime,
Falem teus olhos, todo o corpo fale;
Mudo lhe diz que te assombra, e pasmam
Do seu semblante a formosura e a graça.
Ora de espanto se amorteça a face,
Ora se acenda com venéreo fogo.
O mesmo efeito teus contrários fazem,
Todos o orgulho mulhieril incensam:
O forte sexo para si reserva
De Febo os louros, de Mavorte⁵⁵ as palmas.
Em carros triunfais nunca viu Roma
Matrona ilustre de cesárea⁵⁶ casa;
Sós dentre a chusma mulhieril as Musas

⁵³ Deus do vento do Norte, na Roma antiga.

⁵⁴ Personagem de inequívoca beleza, filha de Tíndaro e de Leda, casou com Menelau, rei de Esparta. Alvo do rapto de Teseu, foi libertada; mais tarde, voltou a ser raptada, desta vez por Páris, que a conduziu para Troia. Na *Iliada* é descrita a guerra que se seguiu.

⁵⁵ Marte, deus da guerra, filho de Juno.

⁵⁶ Relativo a César, ou à Roma imperial.

À sombra dormem de apolíneos louros;
Ao sexo lindo só agradam mirtos,
Verdes arbustos que cultiva Vénus.
Só dentre a chusma varonil, Cupido⁵⁷
Da cípria deusa pode entrar no templo:
A porta guardam Fúrias⁵⁸ irritadas,
Que em vez de lanças arrepelam serpes,
Com dente venenoso rasgam, mordem
Alheio sexo que arrostá-las ousa.
Posto que fosse lindo o amor de Vénus,
Morreu da sua mordedura Adónis⁵⁹;
Provando a fúria da raivosa Alecto⁶⁰,
Foi convertido em tenra flor Narciso⁶¹.

VII

Mas onde corre meu batel ligeiro!
Ferrando a vela para trás voltemos.
Mancebos que me ouvis, sabeis somente
Que neste laço se surpreendem todas.
Se acaso entrasse nesta rede de ouro,
Lucrecia⁶² mesma ficaria presa;

⁵⁷ Filho de Vénus, era representado como um juvenzinho que atingia com os seus dardos o coração dos mortais, suscitando neles um incontrolável desejo amoroso. É o correspondente latino de Eros.

⁵⁸ V. n. 2, da primeira página de «Epístola a Marília».

⁵⁹ Mancebo que se caracterizava pela sua extrema gentileza, era filho de Cíniras, rei de Chipre, e de Mirra, sua filha.

⁶⁰ Uma das três Fúrias (v. n. 2, da primeira página da «Epístola a Marília»).

⁶¹ Filho do deus de Cefiso e de Liriope, uma ninfa. A sua beleza ateou paixões avassaladoras às quais ele não correspondeu, desencadeando deste modo a fúria das suas admiradoras. A visão da sua beleza, refletida pela água de uma fonte, tornou-o autista, enlevado exclusivamente na sua contemplação (v. Ovídio, *Metamorfoses*).

⁶² Mulher de Tarquínio Colatino, da família de Tarquínio, o Soberbo, falecida em 510 a. C. Violada por Sexto Tarquínio, suicidou-se com um punhal, tendo este episódio dado

Não seria Penélope⁶³ tão casta,
Se os seus amantes lhe chamassem bela.
Esta glória somente querem todas,
Com fervoroso ardor todas a buscam;
Nem sobre as margens do Eufrates⁶⁴ César
Mais pela glória marcial suspira.
Apraz a Vénus variar de forma,
Também Cupido de ser vário gosta;
Um gesto sempre doce se aborrece,
Às vezes vale muito um desagrado.

VIII

De teu rival, mancebo, nota o modo
E tu sempre diverso modo segue:
Não basta ser somente amante novo,
É também necessária nova forma:
Se ele inquieto namora, tu sisudo;
Se indecente se mostra, tu modesto;
Se triste se apresenta, tu alegre;
Se acanhado se mostra, tu mais livre;
Mas toma sempre virtuoso gesto,
Só lhe pareça teu amor fraqueza.
Não há no mundo tão lascivo monstro
Que a virtude não preze mais que o vício;
E julga sempre a feminina turba

origem à queda daquela dinastia política. Esta tragédia, narrada por Tito Lívio, é objeto de uma obra de Shakespeare, *A Violação de Lucrecia*. Bocage traduziu «A Morte de Lucrecia», um excerto do livro II dos Fastos de Ovídio (V. Rimas II, edição de 1799, pp. 186-293).

⁶³ Filha de Icário e mulher de Ulisses, lendária pela sua fidelidade conjugal, imortalizada na *Odisseia*. Encontrando-se o marido ausente, para afastar os homens que a cobiçavam, declarou entregar-se apenas quando acabasse de tecer a mortalha de seu sogro, trabalho em que andava ocupada. Contudo, desfazia de noite todo o trabalho efetuado durante o dia. Com o regresso de Ulisses, os seus sedutores foram mortos.

⁶⁴ Rio da Mesopotâmia.

Deles alheio quem se mostra casto.
 A flama do ciúme também queima
 E torra brandas mulheris entranhas;
 Nem víbora raivosa que pisada
 Do vago caminhante se exaspera,
 Nem besta furiosa em cujas fauces
 O nu selvagem crava a seta aguda
 Mais iradas se acendem do que a turba,
 Quando ciosa se exaspera e arde.
 O ciúme foi ferro a cujo golpe
 Banhou teu sangue, ó forte Pirro⁶⁵, as aras;
 Foi ele a chama que abrasou Sémele⁶⁶;
 Em feroz urso transformou Calisto⁶⁷;
 (Eu mesmo, eu mesmo... Mas a dor me impede,
 Tu, soberbo rapaz da Idália⁶⁸, o dize!
 Ah! Formosa Corina⁶⁹! Não te engano,
 Só me abraso por ti, só por ti morro!...)
 Porém, sulquemos novos mares, fuja
 Nosso veloz batel longe da praia.

IX

Mancebo, deixa o teu rival; só cuida
 Em combater da bela Tirse o peito.
 Do teatro se corre o largo pano;

⁶⁵ Filho de Aquiles e de Deidamia. Como Hermíone, sua mulher, era estéril, concebeu com Andrómaca três filhos. Hermíone decidiu vingar-se, encarregando Orestes de o matar.

⁶⁶ Filha de Cadmo e de Harmonia, uniu-se a Zeus de quem teve Dioniso. Foi siderada pelos raios daquele deus, em virtude de um ardil da ciumenta Hera.

⁶⁷ Hera, consorte de Zeus, devido aos ciúmes que sentia de Calisto, decidiu metamorfoseá-la em urso.

⁶⁸ Idália é um de outros nomes de Vénus; o «rapaz da Idália» é Adónis, cuja morte foi provocada pelo ciúme de Marte, amante da deusa.

⁶⁹ Personagem que terá estado na origem do exílio de Ovídio. É pelo poeta mencionada na sua poesia.

Aberta a cena, principia o drama.
Temerário, não debes ver tranquilo
Da peça teatral o sábio jogo:
É Cupido rapaz, não tem sossego,
Não perde a ocasião o que amor busca;
Para os olhos de Tirse te encaminha,
Neles a cena figurada nota;
Se por acaso lágrimas derrama,
Tu de pranto também as faces banha;
Finge ao menos secar com alvo lenço
O terno pranto que verter não podes;
Se irritada parece, toma fogo,
Se com assombro pasma, tu te assombra.

X

Mas que novo segredo Amor me inspira!
Que sábias regras, que preceitos novos!
Filho de Vénus e de Marte filho,
De teus altos mistérios serei vate!
Forma novos oráculos em Cipro⁷⁰,
Por eles tenha esquecimento Delfos⁷¹.
Namorado mancebo, Amor te fala,
Ouve com filial respeito as vozes.
Posto que tu na cena Dóris⁷² ouças,
Altos prodígios, maravilhas novas,
A voz soltando bela e sonora,
Com que suspenda sibilantes ventos,

⁷⁰ A ilha de Chipre. Camões nomeia-a em *Os Lusíadas*, v, 5: «De Cipro, Gnido, Pafos e Citera [...]».

⁷¹ Cidade da Fócida, erigida sobre o monte Parnaso, na qual se encontrava um famoso santuário dedicado a Apolo.

⁷² Filha de Oceano e mulher de Nereu, mãe das Nereides, divindades marítimas em número de 50 ou 100.

Não pasmes, nunca chores, ser não queiras
Réu desditoso de tão negro crime;
Cheia Tirse de inveja, não perdoa,
Mais depressa seria o mar estável.
A nação feminil sustenta sempre
Entre si crua, sanguinosa guerra:
Inda no berço brandamente dorme,
Inda c'ò leite maternal se nutre,
Já da cova sombria o negro monstro
Que come verdes enroscadas serpes,
Salta com venenosa língua, e lambe
Seu terno peito, seu formoso rosto;
Na boca lhe vomita cru veneno,
Que para o brando coração lhe corre
E, nas veias subtis introduzido,
C'ò rubro sangue lhe circula e pulsa;
Não só famílias com famílias rompem
A paz benigna que na terra expira;
Entre as mesmas irmãs se acende a guerra,
Por isso é hoje negro seixo Aglauro⁷³.
Até nos céus o vago monstro gira,
Minerva⁷⁴ e Juno⁷⁵ fez rivais de Vénus;
Não caíram troianos altos muros,
Só porque Páris⁷⁶ foi roubar Helena!
Mil adúlteros tinham sem castigo
Furtado esposas, maculado leitos;

⁷³ Transformada por Hermes numa estátua de pedra (v. Ovídio, *Metamorfoses*). No original de Inocência, uma gralha, repetida nas duas edições datadas de 1854: «Aglaúra».

⁷⁴ Filha de Júpiter, deusa da sabedoria, da guerra e das artes, correspondente à grega Atena. O Pártenon albergava uma majestosa estátua sua, esculpida por Fídias.

⁷⁵ Mulher e irmã de Júpiter, considerada a rainha do céu, era a protetora do casamento e da mulher.

⁷⁶ Filho de Príamo e de Hécuba, raptou Helena, facto que deu origem à Guerra de Troia.

No pomo da Discórdia⁷⁷ veio envolta
A faísca fatal que abrasou Troia⁷⁸.

XI

Contudo, posto que raivosas todas
Entre si mutuamente se enfureçam,
Mancebo, não presumas que sem pena
Vejam de amor qualquer irmã queixosa.
Não houve ninfa nos tessálios⁷⁹ campos
Que não movessem tristes queixas d'Eco⁸⁰;
Só Liríope⁸¹ vê com dor Narciso,
Em branca flor Narciso as ninfas gostam⁸².
Quando o monstro voraz que sai dos mares
Só contra o filho de Teseu⁸³ famoso;
Quando os frisões⁸⁴ medrosos se perturbam,
Ligeiros se embaraçam, quebram rédeas,
Hipólito⁸⁵ gentil por terra lançam,

⁷⁷ Divindade romana, correspondente a Éris, na mitologia grega. Deusa expulsa do Olimpo por Zeus devido à permanente desarmonia que provocava entre as divindades. Revoltada por não ter sido convidada para a boda de Tétis e Peleu, lançou sobre a mesa do banquete um pomo de ouro, com as seguintes palavras: «Para a mais formosa». Hera, Atena e Afrodite enfrentaram-se hostilmente, cabendo a Hermes, por ordem de Zeus, a decisão final: entregou-o a Afrodite. A partir deste episódio, foi cunhada a expressão «o pomo da discórdia».

⁷⁸ Referência à Guerra de Troia, contada na *Iliada*, epopeia atribuída a Homero.

⁷⁹ Da Tessália, região do norte da Grécia.

⁸⁰ Ninfa convertida pela irada Juno numa voz condenada a repetir para sempre as últimas sílabas das palavras pronunciadas. Sentia por Narciso um grande amor, que não passou de desejo vão.

⁸¹ Filha de Oceano e de Tétis, mãe de Narciso.

⁸² Saboreiam.

⁸³ Filho de Egeu e de Etra. Teve uma vida atribulada, na qual manifestou a sua incommensurável coragem. Venceu vários monstros, dos quais o Minotauro é o mais conhecido. Concebeu dois filhos: Demofonte e Ácamas.

⁸⁴ Raça de cavalos da Frísia.

⁸⁵ Filho de Teseu, rei de Atenas. Repudiou Fedra, sua madrastra, a qual, despeitada, o acusou de a ter tentado seduzir. O pai procurou então vingança, pedindo ajuda a Neptuno,

Raivosos seu formoso corpo pisam,
A crua turba mulheril de Atenas
Festivos gritos para o céu levanta,
As tranças orna de jasmims e rosas,
Vai dar a Vénus no seu templo as graças.

XII

Ó vós, monstros cruéis, geração dura!
Malignas Fúrias com formoso aspeto!
Sacerdote de Amor, agora o digo,
Hoje se saiba como sois geradas.
Supremo Jove, que tirou do caos
A bruta massa de que o mundo é feito,
Quando os homens formou, disse-lhes logo:
«De nova espécie produzi sementes;
Exista um novo sexo, em cujo seio
O nativo calor as desenvolva:
Formoso, que a prazeres vos excite,
Maligno, que a um cego amor vos leve;
Os membros todos de seu corpo forme
Formosa Vénus em Citera⁸⁶, ou Cipro,
Às Fúrias fique reservado o peito.»
Mancebos!... Eis aqui por quem Cupido
Em subtis redes vos enleia todos.
Mas não vos tinja rubro pejo as faces:
Até por elas foi novilho Jove⁸⁷.
Se é tecido seu peito nos Infernos,
É formada no Céu sua cintura:
Hipólito, Narciso lições sejam,

que lhe enviou um monstro marinho. Aterrorizados com a presença de tão horrível ser, os cavalos de Hipólito arrastaram-no pela cidade, provocando a sua morte.

⁸⁶ Ilha para onde foi levada Vénus, depois de ter nascido das ondas.

⁸⁷ Júpiter metamorfoseou-se em touro para, deste modo, se aproximar de Europa e a raptar.

Com eles aprendei a não ser duros.
Posto que incestuosa chama queime,
Devore o falso coração de Fedra,
Mostrai por ela que sentis ternura:
Acompanhe seu pranto o pranto vosso.
Tão felizes agouros vendo Tirse,
De vosso peito cego amor espera.

XIII

Longo tempo Tritão⁸⁸ ardeu nos mares
Por Tisbe⁸⁹, de Nereu⁹⁰ cerúlea filha;
Dos seus amores rindo a esquiva ninfa
Melhor ouvia o murmurar das ondas.
Bem como de voraz golfinho fuge
Turba medrosa de miúdos peixes,
Do mancebo Tritão cruel fugia
Assim, nos reinos de Neptuno⁹¹, Tisbe.
Eis que um dia Proteu⁹², pastor que guarda
Das águas o marítimo rebanho,
Cuja molhada fronte cingem moles
E verdenegros juncos que o mar cria
Em trémulo penhasco e, ondeando, enfeitam
A leve coma paludosos ramos,
Atrás do gado nadador cantava:
«Ah! mísero Tritão, se queres Tisbe,

⁸⁸ Deus marinho, filho de Neptuno e da ninfa Salácia, ou, segundo outros mitógrafos, de Posídon e de Anfitrite.

⁸⁹ Ficaram famosos os seus amores com Píramo, em tudo semelhantes aos de Romeu e Julieta, imortalizados por William Shakespeare (V. *Metamorfoses* de Ovidio).

⁹⁰ Deus marinho, filho de Oceano e de Tétis, ou de Ponto e de Geia. Desposou Dóris, com quem concebeu as Nereides.

⁹¹ Filho de Saturno e de Reia, era o deus do mar.

⁹² Filho de Posídon e de Tétis. Nasceu com o dom de conhecer o futuro e de se metamorfosear.

Em leve pó mudada Troia vinga.»
Os eternos oráculos não mentem,
Deixou de ser esquiva a loura Tisbe.
Quando Circe nas praias se queixava
Do fugitivo, do perjuro Ulisses,
Tritão, da sua cor enternecido,
Vingança lhe promete: chama os ventos,
Do sagrado Oceano agita as ondas,
No fundo seio as gregas naus soçobra.
Mais preciso não foi: Tisbe se rende,
Do louco amante para os braços corre,
Mil beijos lhe recebe, e mil lhe imprime...
Deveis, mancebos, presumir o resto:
Em breve tempo todo o mar povoam
Filhinhos de Tritão, de Nereu netos.

XIV

Eis em resumo as regras necessárias,
A fim de conseguir feminino afeto:
Delas aprendereis, destros mancebos,
A serdes cautos, prevenindo os laços
Armados por Amor à inexperience,
Pendurando assim troféus inúmeros,
Ao carro triunfal da vossa glória.

FRAGMENTO DE ALCEU, POETA GREGO⁹³
TRADUZIDO DA IMITAÇÃO FRANCESA DE MR. PARNY⁹⁴

I

Imaginas, meu bem, supões, ó Lília,
Que os benéficos Céus, os Céus piedosos
Exigem nossos ais, nossos suspiros
Em vez de adorações, em vez d'incensos?
Crédula, branda amiga, é falso, é falso:
Longe a cega ilusão. Se ambos sumidos
Em solitário bosque, e misturando
Doces requiebrós c'os murmúrios doces
Dos transparentes, gárrulos⁹⁵ arroios,
Sempre me ouvisses, sempre me disseses
Que és minha, que sou teu, que mal, que ofensa
Nosso inocente ardor faria aos Numes?

⁹³ Nasceu no século VII a. C., em Mitilene, na ilha grega de Lesbos. Escreveu, a par de hinos aos deuses, canções de banquete e composições sobre a vida aristocrática, poesia de intervenção política, que esteve na origem da sua condenação ao ostracismo, decretado pelo Partido Democrático, no qual pontificava Pitaco, considerado um dos sete sábios gregos. Da sua obra, apenas se conhecem fragmentos de odes e de hinos. Foi o criador do metro alcaico.

Seguimos a lição de Inocêncio Francisco da Silva in *Poesias Eróticas...*, 1854, p. 43.

⁹⁴ Poeta francês nascido em 1753, em Saint-Paul, ilha de Bourbon. Constitui uma voz singular da literatura francesa do século XVIII, opinião expressa por, entre outros, Voltaire e André Chénier. Pertenceu à Maçonaria, professou o anticlericalismo, comum na época, e advogou a independência americana. O seu ideal fraterno manifestou-se igualmente no apoio à causa antiesclavagista. Cavaleiro e, mais tarde, visconde, publicou, em 1787, *Oeuvres (Opuscules Poétiques et Poésies Érotiques)*. O seu poema *La Guerre des Dieux* foi suprimido pela Real Mesa Censória, por edital de 7 de junho de 1803. A partir de 1813, recebeu uma pensão de 3 mil francos, que lhe foi atribuída por Napoleão, tendo falecido no ano seguinte.

Bocage traduziu deste autor as odes «Aos Amigos», «Se os Deuses me conferissem» e «Brando leito de verdura»; «A Armia», «A Márcia» e a alegoria «O Zéfiro e a Rosa» são imitações deste autor.

No livro *Poesias de Bocage — Censura das Mesmas*, é publicada a composição «A Água Estagnada — Alegoria tirada de uns versos de Mr. Parny».

⁹⁵ Palradores.

Se acaso, reclinando-te comigo
Sobre viçoso tálamo de flores,
Turvasse nos teus olhos carinhosos
Suave languidez a luz suave;
Se os doces lábios teus entre meus lábios
Fervendo, grata Lília, me espargissem
Vivíssimo calor nas fibras todas;
Se pelo excesso de inefáveis gostos
Morrêssemos, meu bem, duma só morte
E se Amor outra vez nos desse a vida
Para expirar de novo, em que pecara,
Em que afrontara aos céus prazer tão puro?
A voz do coração não tece enganos,
Não é réu quem te segue, ó Natureza;
Esse Jove⁹⁶, esse deus, que os homens pintam
Soberbo, vingador, cruel, terrível,
Em perpétuas delícias engolfado,
Submerso em perenal tranquilidade,
Co'as ações humanas não se embaraça:
Fitos seus olhos no universo todo,
Em todos os mortais, num só não param.
As vozes da razão profiro, oh Lília!
É lei o amor, necessidade o gosto;
Viver na insipidez é erro, é crime,
Quando amigo prazer se nos franqueia.

II

Eia! Deixemos à vaidade insana,
Correndo-se da rápida existência,
Sem susto para si criar segunda;
Deixemos-lhe entranhar por vãs quimeras,

⁹⁶ Júpiter, o rei dos deuses, equivalente na mitologia grega a Zeus.

Pela imortalidade os olhos ledos,
E do seu frenesi, meu bem, zombemos.
Esse abismo sem fundo, ou mar sem praia
Onde a morte nos lança, e nos arroja,
Guarda perpetuamente tudo, ó Lília,
Tudo quanto lhe cai no bojo imenso.
Enquanto dura a vida, ah, sejam, sejam
Nossos os prazeres, os Elísios⁹⁷ nossos!
Os outros não são mais que um sonho alegre,
Uma invenção dos reis, ou dos tiranos,
Para curvar ao jugo os brutos povos,
E o que a superstição nomeia Averno⁹⁸,
E à multidão fanática horroriza;
As fúrias, os dragões e as chamas fazem
Mais medo aos vivos do que mal aos mortos.

⁹⁷ Lugar dos bem-aventurados no além, segundo a mitologia grega; significa, neste contexto, o deleite supremo.

⁹⁸ O Inferno.

SONETOS

1

Magro, de olhos azuis, carão moreno⁹⁹,
Bem servido de pés, meão n'altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno;

Incapaz de assistir num só terreno,
Mais propenso ao furor do que à ternura,
Bebendo em níveas mãos por taça escura
De zelos infernais letal veneno;

Devoto incensador de mil Deidades
(Digo de moças mil) num só momento,
Inimigo de hipócritas e frades;

Eis Bocage, em quem luz algum talento:
Saíram dele mesmo estas verdades
Num dia em que se achou cagando ao vento.

⁹⁹ Soneto publicado em vida do poeta, no ano de 1804, na edição do terceiro volume das «Rimas», intitulado *Poesias dedicadas à Ilustríssima e Ex.^{ma} Condessa de Oyenhausen*. Para evitar a interferência da censura, atenta à sua obra sobretudo depois da sua detenção em 1797, Bocage alterou os versos 11 e 14: «E somente no altar amando os frades» e «Num dia em que se achou mais pachorrento». A presente versão só conheceu os prelos, clandestinamente, em 1854, por iniciativa de Inocêncio Francisco da Silva, editor literário das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, obra que no frontispício ostentava «Bruxellas» como local de edição.

Entre os poetas portugueses que, tendo o de Bocage como fonte de inspiração, compuseram autorretratos contam-se, por exemplo, Alexandre O'Neill, Natália Correia, Pedro Tamen, José Carlos Ary dos Santos e José Carlos González.

Todos os sonetos publicados neste capítulo, à exceção do terceiro e do quarto, fazem parte das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas de Bocage*. Bruxelas: s. n., 1854.

Amar dentro do peito uma donzela;
 Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura;
 Falar-lhe, conseguindo alta ventura,
 Depois da meia-noite na janela;

Fazê-la vir abaixo, e com cautela
 Sentir abrir a porta, que murmura;
 Entrar pé ante pé, e com ternura
 Apertá-la nos braços casta e bela;

Beijar-lhe os vergonhosos, lindos olhos,
 E a boca, com prazer o mais jucundo,
 Apalpar-lhe de neve os dois pimpolhos;

Vê-la rendida enfim a Amor fecundo;
 Ditoso levantar-lhe os brancos folhos:
 É este o maior gosto que há no mundo.

Voa a Lília gentil meu pensamento¹⁰⁰
 Nas asas de Esperanças sequiosas;
 Amor, à frente¹⁰¹ de Ilusões ditosas,
 O chama e lhe acelera o movimento.

Ígneo desejo audaz, que em mim sustento,
 Mancha o puro candor das mãos mimosas,
 Os olhos cor dos céus, a tez de rosas,
 E o mais, onde a ventura é um momento.

Eis que pesada voz, terrível grito
 Soa em minha alma, o coração me oprime,
 E austero me recorda a lei e o rito.

Devo abafar-te, Amor, Paixão sublime?
 Ah! Se amar como eu amo é um delito,
 Lília formosa aformoseia o crime.

¹⁰⁰ Soneto publicado postumamente por Rodrigo Vicente de Almeida in *Poesias Inéditas de Bocage*. Lisboa: Henrique Zeferino, 1896, tendo sido republicado no ano de 2004, na *Obra Completa* de Bocage, edição literária de Daniel Pires, p. 13. Foi censurado por Julião Cataldi, em representação do Santo Ofício. Segundo aquele censor, encerra um «fogo lascivo», «imagens indecentes» e desafia a natureza e a religião. O respetivo manuscrito faz parte do acervo da Biblioteca da Ajuda, com a cota 54-IV-34 // 2. Era uma das composições que originalmente constituíam o segundo tomo das *Rimas* e que, de acordo com a vontade expressa do autor, deveria ficar colocada a seguir ao soneto «Voi, brandos Meninos».

O facto de o manuscrito se encontrar na Biblioteca da Ajuda, e não no arquivo da Real Mesa Censória, poderá indiciar que a família real, ou alguém muito próximo, por exemplo, José de Seabra da Silva, quis dar um parecer acerca da sua interdição.

¹⁰¹ Inicialmente foi escrito «fronte», palavra depois corrigida.

Noite, amiga de Amor, calada, escura¹⁰²,
 Eia, engrossa os teus véus, os teus horrores,
 Enquanto vou gozar de mil favores
 Sobre o doce teatro da ternura.

Marília, mais gentil, e até mais pura
 Que as ledas Graças¹⁰³, que as mimosas flores,
 Velando às mudas horas dos Amores,
 Receia o casto pejo, que murmura.

Em deleitoso e tácito retiro,
 Suspensa entre o temor, entre o desejo,
 Flutua a bela, a cuja posse aspiro;

Ah! Já nos braços meus a aperto e bejo!
 Já, desprendendo um lânguido suspiro,
 No seio do prazer se absorve o pejo.

¹⁰² Poema que circulava clandestinamente, nos finais do século XVIII, a par da «Pavorosa ilusão da Eternidade», também conhecida por «Epístola a Marília». Encontra-se uma cópia desta composição na Torre do Tombo, arquivo do Santo Ofício, *Caderno n.º 124 do Promotor da Inquisição de Coimbra*, atual *Livro n.º 416 da Inquisição de Coimbra*, f. 211 v.º

¹⁰³ Eufrosine, Talia e Aglaia, as Graças ou Cárites, eram filhas de Zeus e de Eurínome. Divindades da beleza, são representadas nuas, com o semblante risonho e de mãos dadas.

Ó deusa ¹⁰⁴ que proteges dos amantes ¹⁰⁵
 O destro furto, o crime deleitoso,
 Abafa com teu manto pavoroso
 Os importunos astros vigilantes.

Quando adoçar meus lábios anelantes
 No seio de Ritália melindroso,
 Estorva que os maus olhos do invejoso
 Turbem de Amor os sôfregos instantes.

Tétis ¹⁰⁶ formosa, tal encanto inspire
 Ao namorado Sol teu níveo rosto,
 Que nunca de teus braços se retire;

Tarde ao menos o Carro, à Noite oposto ¹⁰⁷,
 Até que eu desfaleça, até que expire
 Nas ternas ânsias, no inefável gosto.

¹⁰⁴ A Noite, deusa das trevas, filha do Céu e da Terra. Desposou Érebo, filho dos Infernos, sendo representada com vestidos negros, pontuados por estrelas.

¹⁰⁵ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1800, p. 120.

¹⁰⁶ Filha de Nereu e de Dóris, de extrema formosura, foi cobiçada por Júpiter.

¹⁰⁷ O Carro que transporta Aurora, filha de Titã e da Terra.

Esquentado frisão¹⁰⁸, brutal masmarro¹⁰⁹
 Girava em Santarém¹¹⁰ na pobre feira;
 Eis que divisa ao longe em couva seira¹¹¹
 Seus bons irmãos seráficos de barro.

O bruto, que arremeda um boi de carro
 Na carranca feroz, parte à carreira,
 Os sagrados bonecos escaqueira
 E arranca de ufanía um longo escarro.

N'alma o santo furor lhe arqueja e berra;
 Mas vós enchei-vos de íntimo alvoroço,
 Povos que do burel¹¹² sofreis a guerra,

Que dos bonzos de barro o vil destroço
 É presságio talvez de irem por terra
 Membrudos fradanhões de carne e osso¹¹³!

¹⁰⁸ Raça de cavalos originária da Frísia.

¹⁰⁹ Frade leigo.

¹¹⁰ Bocage recolhia a casa de José Salinas de Benevides, sempre que a sua irreverência e o seu quotidiano heterodoxo desafiavam a ordem social vigente.

No segundo tomo das *Rimas*, publicado em 1799, o poeta considerou-o seu «oficioso amigo, uma das pessoas mais beneméritas, e qualificadas de Santarém.».

¹¹¹ Espécie de cabaz.

¹¹² Pano grosseiro de lã de que era feita a roupa dos frades Capuchos.

¹¹³ Publicado pela primeira vez por António Maria de Couto, *Poesias Satíricas Inéditas*, p. 20. Republicado por Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias Eróticas...*, 1854, p. 120, lição que seguimos.

Nojenta prole¹¹⁴ da rainha Ginga¹¹⁵,
 Sabujo ladrador, cara de nico,
 Loquaz saguim, burlesco Teodorico¹¹⁶,
 Osga torrada, estúpido rezinga:

Eu não te acuso de poeta pinga;
 Tens lido o mestre Inácio e o bom Supico¹¹⁷;
 De ocas ideias tens o casco rico,
 Mas teus versos tresandam a catinga.

Se a tua Musa nos outeiros campá,
 Se ao Miranda fizeste ode demente
 E o mais que ao mundo estólido se encampa,

É porque sendo, ó Caldas, tão-somente
 Um cafre, um gozo, um néscio, um parvo, um trampa,
 Queres meter nariz em cu de gente¹¹⁸.

¹¹⁴ Soneto que tem Domingos Caldas Barbosa (Rio de Janeiro, 1738-Lisboa, 1800) como alvo. Músico e poeta, era a figura que tutelava literariamente a «Academia das Belas-Letras», a qual era patrocinada pelo conde de Pombeiro. Compunha eximamente modinhas, que estavam em voga na corte portuguesa. Licenciado em Cânones (1767) e em Leis (1769) pela Universidade de Coimbra, era filho de um português e de uma escrava negra.

¹¹⁵ Ana de Sousa, angolana que se insurgiu contra a soberania portuguesa.

¹¹⁶ Provavelmente o padre jesuíta Inácio Martins, que ampliou a obra de Marcos Jorge, *Doutrina Cristã Ordenada à Maneira de Diálogo, para os Meninos Ensinar*, a qual foi proibida depois da expulsão dos jesuítas.

¹¹⁷ Com alguma probabilidade, Pedro José Supico de Moraes, moço de câmara de D. João V, autor de *Colecção Moral de Apótemas ou ditos agudos e sentenciosos* e de *Colecção Moral de Apótemas Memoráveis*.

¹¹⁸ V. nota da p. 238.

*Aludindo à tragédia «Zaída», de José Agostinho de Macedo, pateada nas primeiras representações*¹¹⁹

Na cena em quadra trágico-invernosa
Zaída se impingiu (fradesco drama!)
Apareceu depois, com sede à fama,
Tragédia mais igual, mais lastimosa.

O autor pranteia em frase aparatosa
Esfaqueado arrais, pimpão d'Alfama;
Corno o protagonista e puta a dama¹²⁰,
O macho é Simeão e a mula é Rosa;

Espicha o rabo (eu tremo ao proferi-lo!)
Espicha o rabo ali o herói na rua,
Qual Muratão¹²¹ nos areais do Nilo!

Elmiro na tarefa continua,
Já todos pela escolha e pelo estilo
Rosnam que a nova peça é obra sua.

¹¹⁹ *Zaída*, peça da autoria de Elmiro Tagídeo, ou seja, José Agostinho de Macedo. Encenada em maio de 1803 —havendo dela notícia na *Gazeta de Lisboa*, de 3 de junho do referido ano —, foi amplamente pateada nas suas primeiras representações. Também Pato Moniz, delfim de Bocage, satirizou virulentamente este episódio, como se pode ler na obra de Inocêncio Francisco da Silva, *Memórias para a Vida Íntima de José Agostinho de Macedo*, p. 426. A peça de Macedo foi publicada nas *Obras Inéditas de José Agostinho de Macedo*, pp. 209-269, edição da Academia das Ciências, em 1901. A ação tem lugar no Egito e foca a relação trágica entre um sultão, Mandolim, e Zaída, sua filha, por ele assassinada. V. os poemas «Cortando dez sermões a canivete» e «O bochechudo frade, que tem proa», p. 244.

¹²⁰ Inocêncio Francisco da Silva, para evitar a ação da censura, alterou este verso na edição da obra completa de Bocage, vol. 1, publicada em 1853, p. 371: «É alvar o galã, ratinha a dama». Hernâni Cidade seguiu a mencionada lição.

¹²¹ Uma das personagens da peça.

Aos membros da Academia das Belas-Letras

Não tendo que fazer Apolo¹²² um dia
 Às Musas disse: «Irmãs, é benefício
 Vadios empregar; dêmos ofício
 Aos sócios vãos da magra Academia:

«O Caldas¹²³ satisfaça à padaria;
 O França¹²⁴ denjoar tenha exercício
 E o autor do entremez do Rei Egípcio¹²⁵
 O Pégaso¹²⁶ veloz conduza à pia;

«Vá na Ulisseia¹²⁷ tasquinhar o ex-frade¹²⁸,
 Da sala o Quintanilha¹²⁹ acenda as velas,
 Em se juntando alguma sociedade;

«Bernardo¹³⁰ néncias faça e cague¹³¹ nelas;
 E Belmiro¹³², por ter habilidade,
 Como dantes trabalhe em bagatelas.»

¹²² Deus das artes e da medicina, filho de Júpiter e de Latona, irmão de Diana. Era acolitado por nove musas: Clio, Melpómene, Talia, Euterpe, Terpsícore, Érato, Calíope, Urânia e Polímnia.

¹²³ Domingos Caldas Barbosa (Rio de Janeiro, 1738-Lisboa, 1800).

¹²⁴ Luís José Correia de França e Amaral (Lisboa, 1725-Lisboa, 1808).

¹²⁵ O padre Joaquim Franco de Araújo Freire Barbosa, autor da tragédia *Sesóstris*, publicada em 1791.

¹²⁶ Cavalo com asas, nascido do sangue vertido pela Medusa, quando Perseu lhe cortou a cabeça. Aquando do seu nascimento, feriu a Terra, dando origem à famosa fonte de Hipocrene.

¹²⁷ Lisboa, fundada, de acordo com a tradição, por Ulisses. Camões, em *Os Lusíadas* (III, 74), também recorre a esta designação: «O santíssimo corpo venerado / Do Sacro Promontório conhecido / À cidade Ulisseia foi trazido.»

¹²⁸ José Agostinho de Macedo (Beja, 1761-Pedrouços, 1831).

¹²⁹ José Tomás da Silva Costa Quintanilha (?-faleceu depois de 1834).

¹³⁰ Manuel Bernardes, que apenas compunha cantos fúnebres. Bocage fustigou-o também nos poemas «Contra Elmano urrando avança», «Em ermo cemitério, em hora escura» e «É mentira: não foi o vil coveiro».

¹³¹ Inocêncio Francisco da Silva grafou «roa» para evitar a intervenção da censura (v. *Poesias...*, t. I, p. 343). A mesma opção foi feita por Hernâni Cidade.

¹³² Belchior Manuel Curvo Semedo (Montemor-o-Novo, 1866-Lisboa, 1838).

Vera efígie do Dr. Luís Correia da França Amaral¹³³, que poderá servir de busca a toda a pessoa que nesta cidade o queira procurar, etc.

Rapada, amarelenta cabeleira¹³⁴,
Vesgos olhos, que o chá e o doce engoda,
Boca que à parte esquerda se acomoda
(Uns afirmam que fede, outros que cheira);

Japona que da Ladra andou na feira;
Ferrugento faim¹³⁵, que já foi moda
No tempo em que Albuquerque fez a poda
Ao soberbo Hidalcão¹³⁶ com mão guerreira;

Ruço calção, que esporra¹³⁷ no joelho,
Meia e sapato, com que ao lodo avança,
Vindo a encontrar-se c'o esburgado artelho;

Jarra, com apetites de criança;
Cara com semelhança de besbelho:
Eis o bedel do Pindo, o doutor França.

¹³³ Nascido em Lisboa, no ano de 1725, foi membro da «Academia dos Ocultos», da «Arcádia Lusitana», da «Academia das Humanidades» e posteriormente da «Nova Arcádia», com o pseudónimo literário de Melizeu Silénio. Formou-se em Cânones na Universidade de Coimbra. Era um inimigo visceral de Bocage, que violentamente atacou no *Almanaque das Musas*. Bocage, por sua vez, visou-o em vários sonetos: «Cara de réu, com fumos de juiz», «Rapada, amarelenta cabeleira», «Melizeu, o menor entre os nascidos», «É mentira: não foi o covil coveiro». Bocage também se refere a esta figura em «Contra Elmano urrando avançar». Faleceu na capital, em 1808.

¹³⁴ Poema póstumo. António Maria do Couto, que tornou público pela primeira vez este soneto, apresenta a seguinte epígrafe: «Vera efígie do Dr. L. C. de França e A., a qual poderá servir de busca a toda a Pessoa, que nesta cidade o queira procurar» (e acrescentava Bocage) cujo título todo é seu, «e deem o soneto a qualquer galego que lá vai ter com ele.»

¹³⁵ Amaral usava sempre à cintura uma curta espada.

¹³⁶ Ismail Adil Shah, que dominava Goa antes de este território ser conquistado, em 1510, por Afonso de Albuquerque.

¹³⁷ Inocência Francisco da Silva, para evitar a ação predadora da censura, grafou «espipa». Eis a forma como avisou os futuros leitores de Bocage: «O primeiro verso do primeiro terceto não vai conforme ao original porque a decência não tolera o emprego do vocábulo que foi mister substituir.»

É pau e rei dos paus, não marmeleiro¹³⁸
 Bem que duas gamboas lhe lobrigo;
 Dá leite, sem ser árvore de figo,
 Da glande o fruto tem, sem ser sobreiro;

Verga, e não quebra, como o zambujeiro;
 Oco, qual sabugueiro, tem o umbigo;
 Brando às vezes, qual vime, está consigo;
 Outras vezes mais rijo que um pinheiro;

À roda da raiz produz carqueja;
 Todo o resto do tronco é calvo e nu;
 Nem cedro, nem pau-santo mais negreja!

Para *carvalho* ser falta-lhe um *u*:
 Adivinhem agora que pau seja,
 E quem adivinhar meta-o no cu.

¹³⁸ Poema cujo manuscrito aparece, por vezes, sem atribuição de autor.

Tendo o terrível Bonaparte¹³⁹ à vista,
 Novo Aníbal¹⁴⁰ que esfalfa a voz da Fama,
 «Ó capados heróis! (aos seus exclama
 Purpúreo fanfarrão, papal sacrista)

O progresso estorvai da atroz conquista
 Que da filosofia o mal derrama!...»
 Disse, e em fêrvido tom saúda e chama,
 Santos surdos varões por sacra lista;

Deles em vão rogando um *pío*¹⁴¹ arrojo,
 Convulso o corpo, as faces amarelas,
 Cede triste vitória, que faz nojo!

O rápido francês vai-lhe às canelas;
 Dá, fere, mata; ficam-lhe em despojo¹⁴²
 Relíquias, bulas, merdas, bagatelas¹⁴³.

¹³⁹ Napoleão Bonaparte, que invadiu Roma no dia 11 de fevereiro de 1797, tendo-se o papa, Pio VI, refugiado em Siena.

¹⁴⁰ Referência a Aníbal Barca, célebre general cartaginês.

¹⁴¹ O papa Pio VI.

¹⁴² Variante de outros manuscritos: «Zumba, catumba, ficam-lhe em despojo».

¹⁴³ O último verso é diferente na edição de José Feliciano de Castilho, t. II, 1867, p. 99: «Tiaras, mitras, bulas, bagatelas.». Aquele escritor não cita fontes, afigurando-se-nos que a intervenção é da sua autoria. António Maria de Couto, na sua edição, p. 23, temendo eventualmente a censura, apresenta o último verso desta forma: «R... B... M... Bagatelas».

No departamento de «Reservados» da Biblioteca Nacional, existe uma «Carta do Papa Pio VI para D. Maria I, informando-a dos acontecimentos ocorridos aquando da entrada dos exércitos franceses em Roma, dando-lhe notícia do seu desterro, e pedindo auxílio». Foi enviada de Siena, no dia 29 de março de 1798 (Ms. 254, n.º 54).

Turba esfaimada, multidão canina¹⁴⁴,
 Corja que tem por Deus ou Momo¹⁴⁵ ou Baco,
 Reina e decreta nos covis de Caco¹⁴⁶
 Ignorância daqui, dali rapina.

Colhe de alto sistema e lei divina
 Imaginário jus com que encha o saco;
 Textos gagueja em vão Doutor macaco¹⁴⁷
 Por ouro que promete alma sovina.

Círculo umbroso de venais pedantes,
 Com torpe astúcia de maligno zorra
 Usurpa nome excelso e graus flamantes:

Ora mije na súcia, inda que eu morra!
 Corno, arrocho, bambu nos elefantes,
 Cujo vulto é de anões, a tromba é porra!

¹⁴⁴ Bocage iniciou-se numa loja maçónica de Lisboa, de que era Venerável Bento Pereira do Carmo e Orador José Joaquim Ferreira de Moura, pai do visconde de Vila Moura, futuros deputados às Cortes em 1821 e em 1823. Desentendendo-se vivamente com um dos membros daquela loja, compôs o presente soneto que, enfurecido, pouco depois, rasgou. Porém, um seu correligionário, felizmente, já o copiara, pelo que a posteridade o regista.

¹⁴⁵ Na *Teogonia*, de Hesíodo, surge como filha da Noite. Personifica o sarcasmo.

¹⁴⁶ Filho de Vulcano, que roubou parte da manada de Hércules, escondendo-a na sua gruta. Descoberto o furto, depois de encarniçada luta, foi morto por aquela legendária personagem. Virgílio e Ovídio aludem a Caco, respetivamente na *Eneida* e nos *Fastos*.

¹⁴⁷ José Joaquim Ferreira de Moura.

Não chores, cara esposa, que o Destino¹⁴⁸
 Manda que parta, à guerra me convida;
 A honra prezo mais que a própria vida,
 E se assim não fizera, fora indigno.

«Eu te acho, meu conde, tão menino
 Que receio... — Ah! Não temas, não, querida,
 A francesa nação será batida,
 Este peito, que vês, é diamantino.

«Como é crível que sejas tão valente?...»
 — Eu herdei o valor de avós e pais,
 Que essa virtude tem a ilustre gente.

«Porém, se as forças forem desiguais?...»
 — Irra, condessa! És muito impertinente!
 Tornarei a fugir, que queres mais?

¹⁴⁸ Na mencionada edição de António Maria do Couto, este soneto apresenta a seguinte contextualização: «Em diálogo, a certo fidalguinho que, pedindo para vir de licença da guerra do Rossilhão, por cá se deixou ficar até que o obrigaram a voltar; o estilo é rasteiro, atentas as pessoas que falam.».

Vai cagar o mestiço, e não vai só;
 Convida a algum que esteja no Gará¹⁴⁹,
 E com as longas calças na mão já
 Pede ao cafre canudo¹⁵⁰ e tambió¹⁵¹;

Destapa o banco, atira o seu fuscó¹⁵²,
 Depois que ao liso cu assento dá,
 Diz ao outro: «Ó amigo, como está
 A Rita¹⁵³? O que é feito da Nhonhó¹⁵⁴?

Vieste do palmar? Foste a Pangim¹⁵⁵?
 Não me darás notícias da Russu¹⁵⁶,
 Que desde o outro dia inda a não vi?»

Assim prossegue, e farto já de gu¹⁵⁷,
 O branco e respeitável canarim¹⁵⁸
 Deita fora o cachimbo, e lava o cu.

¹⁴⁹ Bairro pobre de Goa.

¹⁵⁰ Cigarro enrolado em folha de bananeira.

¹⁵¹ Vaso de cobre ou metal amarelo que se usa para transportar a água com que se lava o rosto ou o corpo.

¹⁵² Flatulência, em concani, língua falada em Goa.

¹⁵³ Mulher cristã.

¹⁵⁴ Chinesa, eventualmente oriunda de Macau. No dialeto que ali se fala, «nhonha» significa «senhora».

¹⁵⁵ Capital de Goa.

¹⁵⁶ Bailadeira.

¹⁵⁷ Excrementos.

¹⁵⁸ Natural da ex-Índia Portuguesa.

Arreitada¹⁵⁹ donzela, em fofa leito¹⁶⁰
 Deixando erguer a virginal camisa,
 Sobre as roliças coxas se divisa
 Entre sombras subtis pachocho estreito:

De louro pelo um círculo imperfeito
 Os papudos beicinhos lhe matiza;
 E a branda crica, nacara e lisa,
 Em pingos verte alvo licor desfeito.

A voraz porra as guelras encrespando
 Arruma a focinheira, e entre gemidos
 A moça treme, os olhos requebrando;

Como é inda boçal perde os sentidos,
 Porém, vai com tal ânsia trabalhando,
 Que os homens é que vêm a ser fodidos.

¹⁵⁹ Excitada.

¹⁶⁰ Existe uma cópia manuscrita deste poema, anónima, na Torre do Tombo, arquivo da Real Mesa Censória, cx. 339, documento 3276. Apresenta variantes relativamente à presente lição.

Não te crimino a ti, plebe insensata¹⁶¹,
 A vã superstição não te crimino;
 Foi natural, que o frade era ladino
 E experta em macaquices a beata.

Só crimino esse herói de bola chata,
 Que na escola de Marte¹⁶² inda é menino,
 E ao falso pastor, pastor sem tino,
 Que tão mal das ovelhas cura e trata¹⁶³.

Item¹⁶⁴ crimino o respeitável Cunha¹⁶⁵
 Que a frias petas crédito não dera,
 A ser filósofo, como se supunha;

Coitado! Protestou com voz sincera
 Fazer geral, contrita caramunha,
 Porém ficou pior que dantes era¹⁶⁶!

¹⁶¹ V. nota na p. 250, que contextualiza este acontecimento ocorrido por volta de 1795.

¹⁶² O deus romano da guerra. Correspondia a Ares na mitologia grega. Referia-se ironicamente a D. José da Costa, sexto conde de Soure, tenente-general, governador de Évora, a primeira pessoa que, com a sua filha, Maria José da Costa, beijou os pés da «santa», foram por ela abençoados e tocaram com lenços nas suas chagas, prodigiosamente feitas com nitratos de prata.

¹⁶³ O arcebispo de Évora, D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, da Casa dos Condes de S. Miguel.

¹⁶⁴ Do mesmo modo.

¹⁶⁵ António da Cunha Sotto Maior, sargento-mor do regimento de cavalaria da Praça de Évora, o segundo eleito que teve o «privilégio» de beijar, chorando, os pés da «santa».

¹⁶⁶ No Departamento de «Reservados» da Biblioteca Nacional encontram-se uma *Notícia Histórico-Crítica Acerca da Intitulada Beata de Évora* (Ms., 184, n.º 3) e, de António José Moreira, o manuscrito *História da Célebre Beata de Évora* (Códice 8058). O códice 854, f. 159, descreve igualmente este episódio.

A um bacharel que casou com uma velha para lhe empolgar 600 mil réis que a mesma tinha de tença

Pilha aqui, pilha ali, vozeia autores¹⁶⁷,
Montesquieu¹⁶⁸, Mirabeau¹⁶⁹, Voltaire¹⁷⁰ e vários¹⁷¹;
Propõe sistemas, tira corolários
E usurpa o tom d'enfáticos doutores;

Ciência de livreiros e impressores
Traz da vasta memória nos armários,
E, tratando os Cristãos de visionários¹⁷²,
Só rende culto a Vénus e aos Amores;

A mulher, que a barriga lhe tem forra
Do jugo da vital necessidade,
Deixa em casa gemer como em masmorra:

Este biltre, labéu da humanidade,
É um tal bacharel Leitão de borra,
Lascivo como um burro, ou como um frade.

¹⁶⁷ Publicado postumamente, pela primeira vez, por Pato Moniz. Este editor fez apelo à sua memória, pois não encontrou o respetivo manuscrito. Em nota de rodapé, escreve: «Este verso é inteiramente outro; e também alterei o antecedente, porque sem alteração não devia o soneto ser impresso.» Eis o respetivo teor: «É um tal zote, um bacharel de borra / Tem de um burro o juízo e a castidade.».

Inocência, no primeiro volume da sua edição de 1853, seguiu aquela lição. Porém, nas *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, publicadas clandestinamente, no ano seguinte, facultamos a versão por nós adotada, a qual reconstitui, *ipsis verbis*, a versão original.

¹⁶⁸ Filósofo francês (1689-1755) que se notabilizou por ser autor, entre outras, das obras *O Espírito das Leis* (1748) e *Cartas Persas* (1721), sendo esta lida clandestinamente, em Portugal. Nela, dando a palavra a um jovem persa, Montesquieu empreende a crítica dos valores ocidentais, designadamente do Catolicismo.

¹⁶⁹ Político francês (1749-1791). Liderou a Assembleia Nacional, na sequência da eclosão da Revolução Francesa. A sua eloquência ficou célebre.

¹⁷⁰ O filósofo do Iluminismo mais proeminente quer em França quer em Portugal, na época, e a personalidade que, eventualmente, mais influenciou a sociedade europeia no século XVIII.

¹⁷¹ Nota de António Maria do Couto: «Falava citando sempre muitos autores.»

¹⁷² Nota do mesmo editor: «Religião, nula.».

Num capote embrulhado, ao pé de Armia¹⁷³,
 Que tinha perto a mãe o chá fazendo,
 Na linda mão lhe fui (oh céus!) metendo
 O meu caralho, que de amor fervia:

Entre o susto, entre o pejo a moça ardia,
 E eu solapado, os beijos remordendo,
 Pela fisga da saia a mão crescendo
 A chamada sacana lhe fazia:

Entra a vir-se a menina... Ah! Que vergonha!
 «Que tens?» — lhe diz a mãe sobressaltada:
 Não pode ela encobrir na mão langonha.

Sufocada ficou, a mãe corada;
 Finda a partida e, mais do que medonha,
 A noite começou da bofetada.

¹⁷³ Soneto atribuído por Inocêncio Francisco da Silva a Bocage, publicado em *Poesias Eróticas...*, 1854, p. 114. Na obra *Poesia Portuguesa Erótica e Satírica — Séculos XVIII e XIX*, organizada por José Martins Garcia, encontra-se uma imagem da autoria de Henrique Manuel alusiva a este soneto. Lisboa: Edições Afrodite, 1975.

Tu, ó demente velho descarado ¹⁷⁴,
 Escândalo do sexo masculino,
 Que por alta justiça do Destino
 Tens o impotente membro decepado;

Tu, que em torpe furor incendiado
 Sofres d'ímpia paixão amor maligno
 E a consorte gentil, de que és indigno,
 Entregas a infrutífero castrado;

Tu, que tendo bebido o mênstruo imundo,
 Esse amor indiscreto te não gasta
 D'ímpia mulher o orgulho furibundo,

Em castigo do vício que te arrasta,
 Saiba a ínclita Lísia ¹⁷⁵ e todo o mundo
 Que és vil por génio, que és cabrão, e basta!

¹⁷⁴ Este soneto foi publicado pela primeira vez por António Maria do Couto, nas *Poesias Satíricas Inéditas de Manuel Maria Barbosa du Bocage. Coligidas pelo Professor de Grego do 1.º Liceu Nacional de Lisboa...*, Lisboa: Tip. de A. J. da Rocha, 1840, p. 28. Apresentava nesta edição a seguinte dedicatória: «A um músico velho chamado L. F.». Note-se que António Maria do Couto não primava pelo rigor, como se infere da leitura das suas edições. Foi republicado por Inocêncio Francisco da Silva in *Poesias Eróticas...*, p. 117.

¹⁷⁵ A Pátria.

Bojudo fradalhão de larga venta,
 Abismo imundo de tabaco esturro,
 Doutor na asneira, na ciência burro,
 Com barba hirsuta que no peito assenta:

No púlpito um domingo se apresenta,
 Prega nas grades espantoso murro
 E, acalmado do povo o grã sussurro,
 O dique das asneiras arrebenta:

Quatro putas mofavam de seus brados,
 Não querendo que gritasse contra as modas
 Um pecador dos mais desaforados:

«Não (diz uma) tu, padre, não me engodas:
 Sempre me há de lembrar, por meus pecados,
 A noite em que me deste nove fodas!»

Nesta, cuja memória esquece à Fama,
 Feira que a Santarém¹⁷⁶ vem de ano em ano,
 Jazia co'uma freira um franciscano;
 Eram de barro os dois, de barro a cama:

Co'a mão, que à virgindade injúrias trama,
 Pretendia o cabrão ferrar-lhe o pano;
 Eis que um negro barrasco, um Frei Tutano
 O espetáculo vê, que os rins lhe inflama:

«Irra! Vens-me aticar, gente danada!
 Não basta a felpa dos buréis opacos,
 Com que a carne rebelde anda ralada?

Fora, vis tentações, fora, velhacos!...»
 Disse e, ao ríspido som de atroz patada,
 O escandaloso par converte em cacos.

¹⁷⁶ Seguimos a lição de Inocêncio, *Poesias Eróticas* (...), 1854, p. 121. António Maria de Couto, nas *Poesias Satíricas Inéditas de Manuel Maria Barbosa du Bocage*, p. 19, enquadra o presente soneto do seguinte modo: «Na feira de Santarém, estando o autor em casa do Sr. Salinas Benevides, e na qual um frade que passeava, desagradando-lhe uns bonecos (dizia o Frade) escandalosos, os quebrara.»

QUADRAS

I

Entre um frade e entre um burro¹⁷⁷
Há tanta conformidade
Que ou o frade é pai do burro,
Ou o burro é pai do frade.

II

Casou um bonzo da China
Cõuma mulher feiticeira:
Nasceram três filhos gémeos,
Um burro, um frade e uma freira.

III

Dizem que Flávio glutão¹⁷⁸
Em Bocage aferra o dente,
Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente.

¹⁷⁷ Esta quadra e a seguinte foram publicadas por Inocêncio Francisco da Silva in *Poesias Eróticas...*, ed. cit., p. 198.

¹⁷⁸ Quadra publicada por Bocage in *Rimas II*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 238. O primeiro verso aparece, por vezes, com um teor diferente: «Dizem que o Caldas glutão». Bocage terá alterado o nome para evitar a ação da censura. Esta composição constituiu uma resposta a uns versos de Domingos Caldas Barbosa, seu rival e figura tutelar da Academia das Belas-Letras: «De todos sempre diz mal / O ímpio Manuel Maria; / E se de Deus o não disse, / Foi porque o não conhecia.» (Fonte: Inocêncio Francisco da Silva, in *Poesias Eróticas...*, ed. cit., p. 202.

DÉCIMAS ¹⁷⁹

I

Mote

O INFERNO DO CIÚME

Glosas

1

Esse abismo, esse Orco¹⁸⁰ eterno
Não é filho da Razão,
Os pavores da ilusão
É que pariram o Inferno.
Pelo siso me governo,
Que louco e falso o presume;
Mas, se não creio esse lume,
Nem esse invento maldito,
Por exp'riência acredito
O inferno do Ciúme.

2

Em vão pregador rançoso
Lá do púlpito vozeia,
Quando a triste imagem feia
Traça do inferno horroroso:
É sistema fabuloso,

¹⁷⁹ Publicada por Inocêncio Francisco da Silva nas *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*.
Bruxelas: s. n., 1854, p. 168.

¹⁸⁰ O Inferno.

Que à Razão embota o gume;
Não, não há tartáreo lume
Que devore a Humanidade.
Sabeis vós o que é a verdade?
O inferno do Ciúme.



POEMAS ATRIBUÍDOS A BOCAGE
DE AUTORIA DUVIDOSA

SONETOS

1

Veio Muley-Achmet marroquino¹⁸¹
Com duros trigos entulhar Lisboa;
Pagava bem, não houve moça boa
Que não provasse o casso adamantino:

Passou a um seminário feminino,
Dos que mais bem providos se apregoa,
Onde a um frade bem fornida ilhoa
Dava d'êsmola cada dia um pino.

Tinha o mouro fodido largamente
E, já basofiando com desdouro,
Tratava a nação lusa d'impotente;

Entra o frade e, ao ouvi-lo, como um touro,
Passou tudo a caralho novamente
E o triunfo acabou no cu do mouro¹⁸².

¹⁸¹ A *Gazeta de Lisboa* de dezembro de 1795 noticia a estada em Portugal de um negociante de trigo marroquino, Muley-Diezit; Carl Ruders, por sua vez, refere, na obra *Viagem em Portugal, 1798-1802* (p. 143), um comerciante maometano, Hagi Abdelkrim Benlibi, que tinha muitas amantes e que residia na capital.

¹⁸² Inocência afirma que esta composição poderá ser igualmente da autoria do desembargador Domingos Monteiro d'Albuquerque e Amaral (Murça, 1744-Lisboa, 1830).

Uma noite o Scopezzi¹⁸³ mui contente¹⁸⁴
 (Depois de borrifar a sacra espada,
 Que traz da rubra fita pendurada
 Com cuspo e vinho, que vomita quente)

Conversava co'a esposa em voz tremente
 Sobre a grande ventura inesperada
 De ser a sua Plácida adorada
 Por um Marquês tão rico e tão potente.

A velha lhe replica: «Isso é verdade;
 Enquanto moça for, nunca o dinheiro
 Faltará nesta casa em quantidade.

Mas tu sempre és o taulão¹⁸⁵ primeiro,
 Pois, tendo cabrão sido noutra idade,
 És agora o maior alcoviteiro!»¹⁸⁶

¹⁸³ Pessoa que tinha como tarefa controlar as prostitutas de Lisboa, ou que, pelo menos, fazia parte das forças repressivas, coordenadas pelo intendente-geral da polícia, Diogo Inácio de Pina Manique.

¹⁸⁴ Poema assinado numa antologia manuscrita existente na Biblioteca Nacional de Portugal por Targini (v. Códice 3766, f. 30). Francisco Maria Bento Targini, 1.º visconde e 1.º barão de S. Lourenço, nasceu em 1756 e faleceu em 1827.

¹⁸⁵ Palavra formada de «taful», ou seja, peralta.

¹⁸⁶ Inocêncio Francisco da Silva considera que este poema é de autoria duvidosa (*Poesias Eróticas...*, p. 138).

Dizem que o rei cruel do Averno¹⁸⁷ imundo¹⁸⁸
 Tem entre as pernas caralhaz lanceta,
 Para meter do cu na aberta greta
 A quem não foder bem cá neste mundo.

Tremei, humanos, deste mal profundo,
 Deixai essas lições, sabida peta;
 Foda-se a salvo, coma-se a punheta,
 Este o prazer da vida mais jucundo.

Se pois guardar devemos castidade,
 Para que nos deu Deus porras leiteiras,
 Senão para foder com liberdade?

Fodam-se, pois, casadas e solteiras;
 E seja isto já, que é curta a idade
 E as horas do prazer voam ligeiras.

¹⁸⁷ O Inferno.

¹⁸⁸ Soneto que glosa o mote «As horas de prazer voam ligeiras.». Foi considerado duvidoso por Inocêncio Francisco da Silva, p. 127, da edição citada.

Cagando estava a dama mais formosa¹⁸⁹,
 E nunca se viu cu de tanta alvura;
 Mas ver cagar, contudo, a formosura
 Mete nojo à vontade mais gulosa!

Ela a massa expulsou fedentinosa
 Com algum custo, porque estava dura;
 Uma carta d'amores de alimpadura
 Serviu aquela parte mal cheirosa.

Ora mandem à moça mais bonita
 Um escrito d'amor, que lisonjeiro
 Afetos move, corações incita,

Para o ir ver servir de reposteiro
 À porta, onde o fedor e a trampa habita,
 Do sombrio palácio do alcatreiro!

¹⁸⁹ Soneto atribuído a Bocage. Segundo Inocêncio, poderá ser da autoria do Abade Jazente, ou seja, Paulino António Cabral de Vasconcelos. Natália Correia não tem dúvidas: foi composto por aquele religioso. Os primeiros quatro versos são de uma composição de Tomé Pinheiro da Veiga, nascido eventualmente em 1571 e falecido em 1656. Com efeito, na sua obra *Colecção de Manuscritos Inéditos Agora Dados à Estampa — III — Fastigimia*, editada pela Biblioteca Pública Municipal do Porto, em 1911, na p. 372, é-nos apresentado um soneto cuja primeira estrofe apresenta o seguinte teor: «Cagando estava a Dama mais formosa, / que nunca cu se viu de mor alvura, / e ver estar cagando a formosura / porá fastio à vontade mais gulosa.» Os versos que se seguem diferem substancialmente daqueles que são aqui transcritos.

Quando do grã Martinho¹⁹⁰ a fatal Parca¹⁹¹
 O termo fez soar no seu chocalho,
 Levou três dias a passar caralho
 Do medonho Caronte¹⁹² a negra barca.

Eis no terceiro dia o padre embarca,
 E o velho, que a ninguém faz agasalho,
 Em prémio quis só ter do seu trabalho
 O gáudio de ver porra de tal marca.

Pegou-se ao cão trifauce¹⁹³ a voz na goela,
 Ao ver de membro tal as dianteiras,
 E Plutão¹⁹⁴ a mulher pôs de cautela;

Porém Dido¹⁹⁵ gritando às companheiras:
 «Agora temos porra! A ela, a ela,
 Que as horas do prazer voam ligeiras!»

¹⁹⁰ Personagem principal de *A Martinhada*, obra de Caetano José da Silva Souto Maior. O referido livro retrata as proezas sexuais do frade Martinho de Barros, confessor de D. João V. O autor, também conhecido por «Camões do Rossio», era bacharel em Cânones, tendo-se formado na Universidade de Coimbra. Desempenhou as funções de juiz do crime da Mouraria e de corregedor do Rossio, tendo pertencido à Academia Real de História.

Inocêncio Francisco da Silva considera duvidosa a autoria deste soneto (*Poesias Eróticas...*, p. 140).

¹⁹¹ De acordo com a mitologia, eram três as Parcas: Cloto, Láquesis e Átropo, filhas de Érebo e da Noite. A primeira empunhava a roca, a segunda fazia girar o fuso e a última cortava o fio da vida. Presidiavam, respetivamente, ao nascimento, ao casamento e à morte.

¹⁹² Génio do Inferno. Tinha como função levar na sua barca as almas para a outra margem do rio dos mortos.

¹⁹³ Cérbero, o cão de três cabeças que se encontrava vigilante à porta dos Infernos.

¹⁹⁴ Deus dos Infernos, filho de Saturno e de Reia, uma das Titânides, e irmão de Neptuno e de Júpiter. É representado num coche puxado por cavalos negros, com uma coroa de ébano na cabeça e chaves na mão.

¹⁹⁵ Filha de Belo, rei de Tiro, fundadora de Cartago. Apaixonou-se por Eneias, de acordo com Virgílio, que os imortalizou na *Eneida*.

Lá quando em mim perder a humanidade¹⁹⁶
 Mais um daqueles que não fazem falta,
*Verbi gratia*¹⁹⁷ o teólogo, o peralta,
 Algum duque, ou marquês, ou conde, ou frade,

Não quero funeral comunidade
 Que engrole *sub venites*¹⁹⁸ em voz alta;
 Pingados gatarrões¹⁹⁹, gente de malta,
 Eu também vos dispenso a caridade.

Mas quando ferrugenta enxada idosa
 Sepulcro me cavar em ermo outeiro,
 Lavre-me este epitáfio mão piedosa:

«Aqui dorme Bocage, o putanheiro,
 Passou vida folgada e milagrosa,
 Comeu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro.»

¹⁹⁶ Lição de Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias Eróticas*. Bruxelas: 1854, p. 116. António Maria do Couto em *Poesias Satíricas Inéditas de (...)*, Lisboa: Tipografia A. J. da Rocha, 1840, p. 16, apresenta uma versão diferente.

Note-se a semelhança deste poema com o que inserimos na p. 241, da autoria de Belchior Curvo Semedo; esta composição poderá ser da lavra de um inimigo de Bocage.

¹⁹⁷ Por exemplo.

¹⁹⁸ Orações proferidas por alma dos defuntos.

¹⁹⁹ Nota de Desidério Marques Leão, *Obras de Bocage*, t. VI, p. 20: «Neste tempo, mandava a irmandade da Misericórdia enterrar os pobres mortos de noite, em tumbas; cada uma era conduzida por quatro homens, vestidos de capas de baeta preta [que só lhes chegavam aos joelhos] com capuzes, que metiam na cabeça; os rapazes os apupavam de noite quando iam com a tumba, chamando-lhes gatos-pingados, e era isto uma fonte de repetidas e burlescas rixas e desordens.»

Piolhos cria o cabelo mais dourado²⁰⁰,
 Branca remela o olho mais vistoso;
 Pelo nariz do rosto mais formoso
 O monco se divisa pendurado;

Pela boca do rosto mais corado
 Hálito sai, às vezes asqueroso;
 A mais nevada mão sempre é forçoso
 Que de sua dona o cu tenha tocado;

Ao pé dele a melhor natura mora,
 Que deitando no mês podre gordura,
 Fétido mijo lança a qualquer hora;

Caga o cu mais alvo merda pura;
 Pois se é isto o que tanto se namora,
 Em ti mijo, em ti cago, ó formosura?

²⁰⁰ Soneto atribuído, segundo Inocêncio Francisco da Silva (p. 208), quer a Bocage, quer ao Abade de Jazente. Natália Correia afirma que é da lavra do segundo. É reproduzido, em castelhano, na obra *Poesias Picarescas*, de Quevedo (1580-1645), como se fosse um inédito deste escritor espanhol. Outro soneto, «Não lamentos, ó Nise, o teu estado», aparentemente de Bocage, também é reproduzido naquele volume (v. o poema «Não lamentos, ó Nise, o teu estado»). Na Torre do Tombo, no arquivo da Real Mesa Censória (cx. 339, n.º 3276), encontra-se um manuscrito anónimo com este poema, que apresenta variantes relativamente à presente lição.

Se o grã serralho²⁰¹ do Sufi²⁰² potente,
 Ou do Sultão feroz que rege a Trácia²⁰³,
 Mil Vénus da Geórgia²⁰⁴, ou da Circássia²⁰⁵,
 Nuas prestasse ao meu desejo ardente;

Se negros brutos, que parecem gente,
 Ministros fossem de lasciva audácia,
 Inda assim do ciúme a pertinácia
 No peito me nutrira ardor pungente.

Erraste em produzir-me, ó Natureza,
 Num país onde todos fodem tudo,
 Onde leis não conhece a porra tesa!

Cioso afeto, afeto carrancudo!
 Zelar moças na Europa é árdua empresa;
 Entre nós ser amante é ser cornudo²⁰⁶.

²⁰¹ Harém.

²⁰² Antigo nome de certos reis da Pérsia.

²⁰³ Região que atualmente pertence à Turquia, à Grécia e à Bulgária.

²⁰⁴ Território situado a sul do Cáucaso.

²⁰⁵ Região situada a noroeste do Cáucaso.

²⁰⁶ Inocêncio Francisco da Silva considera que este soneto é de autoria duvidosa (*Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, p. 143).

Se tu visses, Josino, a minha amada²⁰⁷
 Havias de louvar o meu bom gosto,
 Pois seu nevado, rubicundo rosto
 Às mais formosas não inveja nada:

Na sua boca Vénus faz morada,
 Nos olhos tem Cupido²⁰⁸ as setas posto,
 Nas mamas faz lascívia o seu encosto,
 Nela, enfim, tudo encanta, tudo agrada.

Se a Ásia visse coisa tão bonita,
 Talvez lhe levantasse algum pagode
 A gente que na foda se exercita!

Beleza mais completa haver não pode,
 Pois mesmo o cono seu, quando palpita,
 Parece estar dizendo: «Fode, fode!»

²⁰⁷ Inocêncio Francisco da Silva considera que este poema é de autoria duvidosa (*Poesias Eróticas...*, p. 145).

²⁰⁸ Divindade romana, filho de Marte e de Vénus, presidia ao Amor. Era representado por um menino nu e, por vezes, vendado, que transportava um arco e uma aljava, com setas ardentes. Correspondia-lhe Eros na mitologia grega.

Porri-potente herói que uma cadeira²⁰⁹
 Susténs na ponta do caralho teso,
 Pondo-lhe em riba mais por contrapeso
 A capa de baetão²¹⁰ da alcoviteira,

Teu casso²¹¹ é como o ramo da palmeira,
 Que mais se eleva, quando tem mais peso;
 Se o não conservas açaimado e preso,
 É capaz de foder Lisboa inteira!

Que forças tens no hórrido marsapo,
 Que, assestando a disforme cachamorra,
 Deixa conos e cus feitos num trapo!

Quem, ao ver-te o tesão, há não discorra
 Que tu não podes ser senão Priapo²¹²,
 Ou que tens um guindaste em vez de porra?

²⁰⁹ Segundo Inocêncio Francisco da Silva, a autoria deste poema é duvidosa (*Poesias Eróticas...*, p. 126).

²¹⁰ Pano muito grosso.

²¹¹ Palavra de origem italiana, que significa pénis.

²¹² Filho de Afrodite e de Dioniso, guardião das vinhas, dos pomares e dos jardins, era representado sob a forma de uma figura com o falo ereto, simbolizando, deste modo, a fecundidade.

Dizendo que a costura não dá nada²¹³,
 Que não sabe servir quem foi senhora,
 A impulsos da paixão fornicadora
 Sobe d'alcoviteira a moça a escada:

Seus desejos lhe pinta a malfadada,
 E a tabaquentia velha sedutora
 Diz-lhe: «Veio, menina, em bela hora,
 Que essas que aí tenho, já não ganham nada.»

Matricula-se aqui a tal pateta,
 Em punhetas e fodas se industria,
 Enquanto a mestra lhe não rifa a greta;

Chega, por fim, o fornicário dia,
 E em pouco a menina de muleta
 Passeia do hospital na enfermaria.

²¹³ Segundo Inocência Francisco da Silva, a autoria deste soneto é duvidosa (v. *Poesias Eróticas...*, p. 141).

Esse disforme e rígido porraz²¹⁴
 Do semblante me faz perder a cor,
 E, assombrado d'espanto e de terror,
 Dar mais de cinco passos para trás.

A espada do membrudo Ferrabraz²¹⁵
 Decerto não metia mais horror:
 Esse membro é capaz até de pôr
 A amotinada Europa toda em paz.

Creio que nas fodais recreações
 Não te hão de a rija máquina sofrer
 Os mais corridos, sórdidos cações²¹⁶.

De Vénus²¹⁷ não desfrutas o prazer,
 Que esse monstro que alojas nos calções
 É porra de mostrar, não de foder.

²¹⁴ Publicado nas *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, edição de 1854, p. 113.

²¹⁵ Ferrabraz de Alexandria, uma figura gigantesca, personagem de um poema épico do século XIII.

²¹⁶ Rameiras.

²¹⁷ Deusa latina do Amor, que tem a sua correspondente grega em Afrodite.

Dormia a sono solto a minha amada²¹⁸,
 Quando eu pé ante pé no quarto entrava,
 E ao ver a linda moça, que arreitava,
 Sinto a porra de gosto alvoroçada;

Ora do rosto seu vejo a nevada
 Pudibunda bochecha, que encantava;
 Outrora nas maminhas demorava
 Sófrega, ardente vista embasbacada;

Porém, vendo sair dentre o vestido
 Um lascivo pezinho torneado,
 Bispo-lhe as pernas e fiquei perdido:

Vai senão quando o meu caralho amado,
 Bem como Eneias acordava Dido²¹⁹,
 Salta-lhe ao pelo, por seguir seu fado.

²¹⁸ Soneto copiado por Inocêncio Francisco da Silva de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage. Afirma aquele bibliógrafo, na p. 214 das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*: «[...] todos os sonetos compreendidos nas páginas 146 a 162, isto é, os sonetos xxxvi a lII, foram por nós trasladados há quase trinta anos de um caderno que continha promiscuamente obras de Bocage e de Pedro José Constâncio, mas sem a devida separação; tornando-se por isso dificultoso, senão impossível, discriminar com certeza entre elas as que pertencem a um ou outro dos dois poetas; muito mais quando os estilos de ambos oferecem às vezes tal semelhança que deixa indeciso o juízo mais experimentado.

Por conseguinte pareceu preferível a ideia de os reproduzir aqui na sua totalidade; o leitor poderá fazer a respeito de cada um as observações que a sua crítica lhe sugerir e estremá-los-á como for do seu agrado.»

²¹⁹ Filha de Belo, rei de Tiro, fundadora de Cartago. Apaixonou-se por Eneias, de acordo com Virgílio, que os imortalizou na *Eneida*.

«Mas se o pai acordar!... (Márcia dizia²²⁰
 A mim, que à meia-noite a trombicava)
 Hoje não...» (continua, mas deixava
 Levantar o saíote, e não queria!)

Sempre em pé a dizer: «Então, avia...»
 Sesso²²¹ à parede, a porra me aguentava;
 Uma coisa notei, que me arreitava,
 Era o calçado pé, que então rangia;

Vim-me, e assentado num degrau da escada,
 Dando alimpa ao caralho e mais à greta,
 Nos preparámos para mais porrada:

Por variar nas mãos meti-lhe a teta;
 Tosse o pai, foge a filha... Oh vida errada!
 Lá me ficou em meio uma punheta!

²²⁰ Soneto copiado por Inocêncio de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage.

²²¹ Traseiro, nádegas.

Uma empada de gálico²²² à janela²²³,
 Fazendo meia, alinhavando trapos,
 Enquanto a guerra faz tudo em farrapos,
 Pondo o honrado a pedir, e a virgem bela!

Vai a trombuda, sórdida michela²²⁴
 Fazendo guerra a marujais marsapos,
 E sem que destes mil lhe façam papos,
 C'o sesso também dá às porras trela;

Tudo em metal por dois canais ajunta;
 Recrutadas nunca teme e do Castelo²²⁵
 Se ri, que aos beaguins²²⁶ as mãos lhes unta;

Nas públicas funções vai dar-se ao prelo;
 Minh'alma agora, meu leitor, pergunta
 Se o ser puta não é ofício belo?

²²² Doença venérea. A *Gazeta de Lisboa*, de 27 de setembro de 1795, anuncia a publicação de um «Completo Tratado de Gonorreia (a que o vulgo chama esquentamento) de todas as suas consequências com outros sintomas primitivos do morbo gálico, o qual consta das observações do célebre inglês Samuel Foart Simmons, vertidas em português e muito ampliadas por Bento José Lopes, médico no Porto.».

²²³ Soneto copiado por Inocêncio de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage.

²²⁴ Meretriz.

²²⁵ A Intendência-Geral da Polícia, sediada no Castelo, dirigida por Diogo Inácio de Pina Manique.

²²⁶ Oficial inferior de justiça que fazia as citações, ou efetuava as detenções. Respondia perante o Castelo, ou seja, a sede da Intendência-Geral da Polícia, dirigida por Diogo Inácio de Pina Manique.

Pela escadinha de um coirão subindo²²⁷,
 Parei na sala, onde não entra o pejo;
 Chinelo aqui e ali suado vejo,
 E o fato de cordel pendente, rindo.

Quando em miséria tanta refletindo
 Estava, me apareceu ninfa do Tejo,
 Roendo um fatcaz²²⁸ de pão e queijo,
 E para mim num ai vem reboando;

Dá-me um grito a razão: «Eia, fuja,mos,
 Minha porra infeliz, já deste inferno...
 Mas tu respingas? Tenho dito, vamos...»

Eis a porra assim diz: «Com ódio eterno
 Eu e os sócios colhões em ti mijamos;
 Para baixo do umbigo eu só governo.»

²²⁷ Soneto copiado por Inocêncio de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage. É da autoria de Pedro José Constâncio, como se pode inferir da consulta de um volume manuscrito que pertenceu a Inocêncio e se encontra na Biblioteca Municipal do Porto, cota 1948-1951, t. 1, p. 33.

²²⁸ Porção grande, naco.

Fiado no fervor da mocidade²²⁹,
 Que me acenava com tesões chibantes,
 Consumia da vida os meus instantes,
 Fodendo como um bode, ou como um frade.

Quantas pediram, mas em vão, piedade,
 Encavadas por mim balbuciantes!
 Fincado a gordos sessos alvejantes,
 Que hemorroidas não fiz nesta cidade!

À força de brigar fiquei mamado;
 Vista ao caralho meu, que de gaiteiro
 Está sobre os colhões apatetado:

Ó Nume tutelar do mijadeiro!
 Levar-te-ei, se tornar ao teso estado,
 Por ofrenda espetado um parrameiro²³⁰.

²²⁹ Soneto copiado por Inocêncio de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage. Considerando o estilo, julgamos que este e os poemas seguintes (17-22) deverão ter sido compostos por Pedro José Constâncio.

²³⁰ As partes íntimas das mulheres.

«Ora deixe-me, então... faz-se criança²³¹?
 Olhe que eu grito, pela mãe chamando!»
 — Pois grite (então lhe digo, amarrotando
 Saiote, que em baixá-lo irada cansa).

Na quente luta lhe desgrenho a trança,
 A anágua lhe levanto, e fumegando,
 As estreitadas bimbis separando,
 Lhe arrimo o caralhão, que não se amansa.

Tanto, a ser gíria, não gritava a bela,
 Que a cada grito se escorvava a porra,
 Fazendo-lhe do cu saltante pela!

— Há de pagar-me as mangações de borra,
 Basta de cono, ponha o sêxo à vela,
 Que nele quero ir visitar Gomorra²³².

²³¹ Soneto copiado por Inocêncio de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage.

²³² Cidade destruída pelo fogo divino, tal como Sodoma, devido à promiscuidade e aos excessos dos seus habitantes.

Vem cá, minha Maria, tão roliça²³³,
 Co'as bochechas da cor do meu caralho,
 Que eu quero ver se os beijos embaralho
 Co'esses teus, onde amor a ardência atixa.

Que abrimentos de boca! Tens preguiça?
 Hospeda-me entre as pernas este malho,
 Que eu te ponho já tesa como um alho;
 Ora chega-te a mim, leva esta piça...

Ora mexe... Que tal sabe, amiga?
 Então, foges cò sêso? É forte história!
 Ele é bom de levar, não, não é viga.

«Eu grito!» (diz a moça merencória)²³⁴
 Pois grita, que espetada nesta espiga
 Com porrais salvas cantarei vitória.

²³³ Soneto copiado por Inocêncio de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage.

²³⁴ Melancólica.

Quando no estado natural vivia ²³⁵
 Metida pelo mato a espécie humana,
 Ai da gentil menina desumana
 Que à força a greta virginal abria!

Entrou o estado social um dia:
 Manda a lei que o irmão não foda a mana,
 É crime até chuchar uma sacana
 E pesa a excomunhão na sodomia.

Quanto, lascivos cães, sois mais ditosos!
 Se na igreja gostais de uma cachorra,
 Lá mesmo, ante o altar, fodeis gostosos,

Enquanto a linda moça, feita zorra,
 Voltando a custo os olhos voluptuosos,
 Põe no altar a vista, a ideia em porra.

²³⁵ Soneto copiado por Inocêncio de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage.

Levanta Alzira os olhos pudibunda²³⁶
 Para ver onde a mão lhe conduzia;
 Vendo que nela a porra lhe metia,
 Fez-se mais do que o nácar rubicunda.

Toco o pentelho seu, toco a rotunda
 Lisa bimba, onde Amor seu trono erguia;
 Entretanto em desejos ela ardia,
 Brando licor o pássaro lhe inunda;

C'o dedo a greta sua lhe coçava;
 Ela, maquinalmente a mão movendo,
 Docemente o caralho me embalava:

«Mais depressa» — lhe digo então morrendo,
 Enquanto ela sinais do mesmo dava;
 Mística púvia assim fomos comendo.

²³⁶ Soneto copiado por Inocêncio de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage.

Com que mágoa o não digo! Eu nem te vejo²³⁷,
 Meu caralho infeliz! Tu, que algum dia
 Na gaiteira amorosa filistria²³⁸
 Foste o regalo do meu pátrio Tejo!

Sem te importar o feminino pejo,
 Trás²³⁹ a mimosa virgem, que fugia,
 Fincado à terna, afadigada Armia,
 Lhe pespegavas no coninho um beijo.

Hoje, canal de fétida remela,
 O misantropo do país das bimbis,
 Apenas olhas cândida donzela!

Deitado dos colhões sobre as tarimbas,
 Só co'a memória em feminil canela
 Às vezes pívica casual cachimbas.

²³⁷ Soneto copiado por Inocêncio de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage. No Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Real Mesa Censória, cx. 339, documento 3275, encontra-se com teor semelhante: «Este que aqui vês, formosa dama». Foi publicado postumamente in *Poesias Joviais*, por António Lobo de Carvalho. Sevilha: s. n., 1852.

²³⁸ Folguedo.

²³⁹ Atrás de.

OUTROS POEMAS

Era alta noite, e as beiras dos telhados
 Pingando mansamente convidavam
 A gente toda a propagar a espécie;
 Brandas torrentes que do céu caíam
 Pelas ruas abaixo sussurravam;
 Dormia tudo, e a ronda do Intendente²⁴¹
 Que o grão Torquato rege, o pai das putas,
 Esbirro-mor, mecenas das tabernas,
 Recolhido se havia aos pátrios lares.
 Era tudo silêncio, e só se ouvia
 De quando em quando ao longe uma matraca.
 Soava o sino grande dos Capuchos²⁴²,
 Vão-se os frades enguendo, era uma hora.
 Não podia faltar: Nise formosa,

²⁴⁰ Poema também conhecido por «Noite de inverno», publicado, pela primeira vez, em *Saque dos Conos ou relação do que aconteceu às moças do Porto pela entrada do exército francês, em março de 1808*, obra de João António Frederico Ferro, que incluía igualmente a «Pavorosa ilusão da Eternidade».

Antes da edição citada de Inocêncio Francisco da Silva — *Poesias Eróticas...*, p. 29, por nós aqui perfilhada, conheceu, pela segunda vez, os prelos na obra *Ribeirada — Poema Épico*, da qual consta igualmente, além daquele que lhe dá o título, os poemas «Saque dos Conos», «Capítulo Geral dos Frades» e «Manteigui», Königsberg: s. n., 1823.

Na Biblioteca Pública de Braga, encontram-se duas cópias manuscritas deste poema, intituladas «Noite de inverno» e «A Noite bem Passada», respetivamente, Ms. 96 // 1 e Ms. 570 // 3. Na Biblioteca Municipal do Porto, está depositada uma antologia poética, que pertenceu a Inocêncio Francisco da Silva, a qual inclui um poema, atribuído a Bocage, intitulado «Noite de Prazer». O tema é idêntico; porém, os versos diferem substancialmente, inclusivamente o nome da personagem — Márcia (cf. ms. 1949).

De acordo com Inocêncio Francisco da Silva, este poema «segundo pessoas muito autorizadas», «não é obra do nosso poeta e sim do seu contemporâneo e amigo Sebastião Xavier Botelho».

²⁴¹ Diogo Inácio de Pina Manique, intendente-geral da Polícia do Reino, cargo que desempenhou de 1780 a 1805, ano em que faleceu.

²⁴² Da Ordem dos Capuchos ou, menos provavelmente, dos Capuchinhos Italianos, sediados num edifício mandado construir por D. João V, na Calçada dos Barbadinhos a Santa Apolónia. Os segundos retiraram-se para Itália, em 1834, na sequência da extinção das Ordens Religiosas em Portugal.

Pela primeira vez m'estava esperando.
De repente me visto e salto fora
Da pobre cama, aonde envolto em sonhos
Mil imagens a mente me fingia.
Visto roupa lavada e me perfume,
Num capote me embuço, a espada tomo,
Que nunca me serviu, mas que em tais casos
Metete a todos respeito; e qual Quixote²⁴³,
Que, havendo já perdido o caro Sancho,
Sem nada rechar de assalto busca
Altos moinhos, que valente ataca,
Tal eu figuro achar a cada esquina
Um Rodamonte²⁴⁴, e pronto me disponho
A lançá-lo por terra, em pó desfeito.
Assim gastei o tempo, até que chego
Ao sítio dado, onde meu bem m'espera.

Mal a porta emboquei, dentro em mim sinto
Um fogo ativo, que me abrasa todo.
Eis de Nise a criada, abelha-mestra
Que à mira estava ali, a mão me aperta,
Vai-me guiando, e diz: «Suba de manso,
Que aí dorme a senhora.» A poucos passos,
Por acaso ao subir lhe apalpo as coxas...
Oh cáspite²⁴⁵! Que sesso²⁴⁶! Era alcatreira,
Nunca vi cu tão duro, era uma rocha.
Foi o tesão então em mim tão forte
Que as mãos lhe encosto aos ombros, nela salto,
Que enfadada dizia: «Olhe o brejeiro!...
Tire-se lá, que pode ouvir minha ama!...»
Ao dizer isto, a voz lhe fica presa,

²⁴³ Alusão à célebre obra de Cervantes, publicada em duas partes, nos anos de 1605 e 1615, na cidade de Madrid.

²⁴⁴ Valentão.

²⁴⁵ Interjeição admirativa.

²⁴⁶ Traseiro.

Soluça, treme toda, estende os braços,
Aperta as pernas, encarquilha o cono,
Que distava do cu polegada e meia.
Qual moinho de cartas, que os rapazes
Em tempo de verão põem nas janelas,
Tal a moça rebola, e eu posto em cima,
Sem nada lhe dizer, tinha vertido
Na larga dorna a larga apoiadura.
Acabada a função, em que a moçoila
(Segundo confessou) deu três por uma,
Num quarto me encaixou, onde os Amores
Tinham sua morada, onde Cupido
Havia receber em seus altares
Em breve espaço meus amantes votos.

Dormia tudo em casa: eis Nise bela
Um pouco envergonhada, assim ficando
Mais vermelha que a rosa, a mim se chega,
Nos meus braços se lança: então lhe toco
No tenro, e branco seio palpitante;
Trémula a voz, que o susto lhe embargava,
Mal me pôde dizer: «Meu bem, minh'alma
Quanto pode o amor num peito firme!
Bem vêes ao que me arrisco: eu bem conheço
Quanto ofendo o meu sexo, e as leis da honra
Bem sei que despedaço!... Mas não temo
Que te esqueças de mim, que ufano zombes
Duma infeliz mulher amante, e fraca!...»
Enquanto assim falava, me prendia
Nise c'os braços seus e aos meus joelhos
As pernas encostava, que eu conheço
Pelo tato que são rijas e grossas.
Mal podia conter-me: o céu chuvoso
Pelas telhas caía; o vento rijo
Pelas frestas zunia; a casa toda
Com cheiro de alfazema; a cama fofa,
Tudo enfim era amor, tudo arreitava.
Entro a beijar-lhe as mãos feitas de neve,

Descubro-lhe com jeito o tenro peito,
 Que ansioso palpita, que resiste,
 Que não murcha ao tocar-se; oh quanto é bela!
 No seio virginal, onde dois globos
 Mais brancos do que jaspe estão firmados,
 Ansioso beijando-os, pouco a pouco
 Se fizeram tão rijos que mal pude
 Comprimi-los c'os beiços; neste tempo
 Pelo fundo da saia subtilmente
 Lhe introduzi a mão, com que esfregava
 O pentelho em redondo mais hirsuto
 Que até'li encontrei; e como a crica
 Vertido tinha já pingas ardentes,
 Certos sinais que os férvidos prazeres
 Dentro n'alma de Nise à luta andavam,
 Tal fogo em mim senti que de improviso
 Sem nada lhe dizer me fui despindo,
 'Té ficar nu em pelo, e o membro feito,
 Na cama m'ençaixei, qu'a um lado estava.
 Nise, cheia de susto, e casto pejo,
 De receio e luxúria combatida,
 Junto a mim se assentou, sem resolver-se.
 Eu mesmo a fui despindo e fui tirando
 Quanto cobria seu airoso corpo.
 Era feito de neve: os ombros altos,
 O colo branco, o cu roliço e grosso,
 A barriga espaçosa, o cono estreito,
 O pentelho mui denso, escuro e liso,
 Coxas piramidais, pernas roliças,
 O pé pequeno... Oh céus! Como é formosa!
 Já metidos na cama em nívea holanda²⁴⁷,
 Erguido o membro 'té tocar no umbigo,

²⁴⁷ Tecido muito fino fabricado na Holanda.

Qual Amadis de Gaula²⁴⁸ entrei na briga:
Pentelho com pentelho ambos unidos,
Presa a voz na garganta, ardente fogo
Exalávamos ambos; Nise bela,
Ou fosse natural, ou fosse d'arte,
O peito levantado, ansiosa, aflita,
Tremia, soluçava e os olhos belos
Semimortos erguia; a cor do rosto
Pouco a pouco murchava; era tão forte,
Tão ativo o prazer que ela sentia
Que, cingindo-me os rins còs alvos braços,
Tanto a si me prendia que por vezes
O movimento do cu me embaraçava:
Co'as alvas pernas me apertava as coxas,
Titilava-lhe o cono, e reclinada
Quase sem tino a lânguida cabeça,
Chamando-me seu bem, sua alma e vida,
Faz-me ternas meiguices, brandos mimos;
Férvidos beijos, mutuamente dados,
Anelantes suspiros se exalavam:
Era tudo ternura; e em breve espaço
Ao som de queixas mil, com que intentava
Mostrar-me Nise um dano irreparável,
Me senti quase morto em todo o corpo;
Uma viva emoção senti gostosa
Dentro em minh'alma: férvidos prazeres
O peito vivamente me agitavam:
Os olhos, e a voz amortecida,
Os braços frouxos, quase moribundos,
Lânguido o corpo todo, enfim mal pude
Saber o que fazia... Eis de improviso,
Tornando a mim mais forte e mais robusto,

²⁴⁸ O herói de uma obra em prosa, *Amadis de Gaula*, que se inspira na lenda do rei Artur. Escrita provavelmente no século XIV, foi publicada pela primeira vez, em 1508, por Montalvo, mas nunca se conseguiu apurar a sua autoria (portuguesa ou castelhana).

Tentei de novo o campo da batalha:
Qual o bravo guerreiro, que se abrasa
No cáldo vapor, que exala o sangue
Que ele mesmo espargiu entre as falanges
De inimigos cruéis, que vence e mata,
Assim eu, abrasado em vivo fogo
Que de Nise saía, me não farto
Da guerra que intentei: de novo a aperto,
De novo beijo os seus mimosos braços,
Beijo-lhe os olhos, a mimosa boca,
Os níveos peitos, a cintura airosa;
Nise outro tanto me fazia alegre,
Estreitava-me a si por vários modos:
Ora posto eu por baixo, ela por cima,
Para dar doce alívio aos membros lassos;
Ora posto de ilharga, sem que nunca
O voraz membro do lugar saísse,
Onde uma vez entrara altivo e forte,
O membro, que em tal caso era mais duro
Que alva coluna de marmóreo jaspe;
Até que enfim, depois de não podermos
Nem eu, nem Nise promover mais gostos,
O brando sono, sobre nós lançando
Os seus doces influxos brandamente,
Os olhos nos cerrou. Uns leves sonhos
Vieram animar nossos sentidos,
'Té que chegou a fresca madrugada,
Em que à casa voltei, donde saíra;
E tornando outra vez à pobre cama,
Dormi o dia inteiro a sono solto.

A MANTEIGUI²⁴⁹: POEMA EM UM SÓ CANTO

ARGUMENTO

*Da grande Manteigui, puta rafada,
Se descreve a brutal incontinência;
Do cafre infame a porra desmarcada,
Do cornífero esposo a paciência;
Como à força de tanta caralhada,
Perdendo o negro a rígida potência,
Foge da puta, que sem alma fica,
Dando mil berros por amor da pica.*

²⁴⁹ Ana Maria Monteiro de Brito, o verdadeiro nome de Manteigui, era filha de Manuel Monteiro Correia e de Mariana Lopes de Brito; casou-se, no dia 7 de agosto de 1774, em Damão, de onde era natural, com Jacques Filipe de Mondotegui. Caracterizava-se pela sua rara beleza, à qual dificilmente os homens podiam resistir. Foi amante do governador de Goa, Frederico Guilherme de Sousa, o qual, prodigamente, promoveu o marido a tenente-coronel e, em seguida, o nomeou diretor da feitoria portuguesa de Surate.

O conteúdo deste poema — situado nos antípodas da concepção de Bocage sobre o erotismo, manifestada em textos como, entre outros, a «Pavorosa ilusão da Eternidade» e «Cartas de Olinda e Alzira» — permite-nos concluir que Bocage poderá ter sido alheio à sua composição. Mário Cesariny é mais assertivo: «Se, baseado em meras conjecturas de editores marotos, devo admitir que Bocage escreveu a 'Manteigui' e a 'Ribeirada', advirto, baseado em fontes *não menos seguras*, que unicamente o fez para fazer a vida negra ao hendecassílabo (*Horta de Literatura de Cordel*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1983, pp. 29-30).

Em 1823, registou-se a sua primeira publicação em letra de forma, sendo um dos textos que fazia parte da obra *Ribeirada — Poema Épico*, alegadamente, dada aos prelos em Königsberg, devendo, porém, o local de edição ter sido Lisboa.

Este poema circulou quer sob o nome de Bocage, quer anonimamente.

CANTO ÚNICO

I

Canto a beleza, canto a putaria
De um corpo tão gentil, como profano:
Corpo que, a ser preciso, engoliria
Pelo vaso os martelos de Vulcano²⁵⁰;
Corpo vil, que trabalha mais num dia
Do que Martinho trabalhou num ano
E que atura as chumbadas e pelouros
De cafres, brancos, maratas²⁵¹ e mouros.

Nas suas notas à edição das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, Inocêncio Francisco da Silva afirma, sem fundamento, que Bocage compôs «A Manteigui» por se sentir despeitado perante a negativa da dama às suas propostas amorosas. Ainda segundo aquele bibliógrafo, este poema desencadeou a ira do governador, amante daquela diva, sendo a causa da deportação do escritor para Macau. Os factos, contudo, não afinam por este diapasão: a sua chegada a Goa é simultânea com a partida de Manteigui para Surate, pelo que, na melhor das hipóteses, Bocage apenas a terá visto uma ou duas vezes. No que diz respeito à sua deserção, que o fez percorrer a Índia, a China e demandar Macau, tratou-se de uma decisão meramente pessoal, na linha daquela que, em 1784, o fizera abandonar a Academia de Guardas-Marinhas. Prevaleceu, então, a sua total incapacidade para se adaptar aos rígidos preceitos castrenses e a sua proverbial insatisfação. Por outro lado, recorde-se que o governador regressou a Portugal dois anos antes da deserção de Bocage.

Das «Miscelâneas de Pereira Merello», famoso colecionador do século XIX, fazem parte cinco sonetos sobre esta formosa dama, atribuídos erroneamente a Bocage: «À Manteigui», «Não te peço fortuna poderosa», «Se pode, Manteigui gentil e bela», «Não me não pesa de haver deixado» e «Quer esteja no leito descansado». Foram reproduzidos por Teófilo Braga em *Bocage — Sua Vida e Época Literária*, Porto, Livraria Chardron, 1902, pp. 70-72, e encontram-se igualmente nesta obra, p. 255.

Seguimos a mencionada edição de Inocêncio Francisco da Silva, p. 19.

²⁵⁰ Deus romano do fogo, filho de Júpiter e de Juno, desposou Vénus. Cobia-lhe fabricar os raios de Júpiter nas suas forjas.

²⁵¹ Habitantes de Maharashtra, uma região da Índia.

II

Vénus, a mais formosa entre as deidades,
Mais lasciva também que todas elas;
Tu, que vinhas de Troia às soledades
Dar a Anquises²⁵² as mamas e as canelas,
Que gramaste do pai das divindades
Mais de seiscentas mil fornicadelas,
E matando uma vez da crica a sede,
Foste pilhada na vulcânea rede:

III

Dirige a minha voz, meu canto inspira,
Que vou cantar de ti, se a Jacques²⁵³ canto,
Tendo um corno na mão em vez de lira,
Para livrar-me do mortal quebranto.
Tua virtude em Manteigui respira,
Com graça, qual tu tens, motiva encanto
E bem pode entre vós haver disputa
Sobre qual é mais bela, ou qual mais puta.

²⁵² Príncipe de Troia, filho de Cápis e de Temiste. Da sua união com Afrodite — equivalente na mitologia romana a Vénus — nasceu Eneias. Vangloriando-se de ter tido um filho de uma deusa, foi severamente punido por Júpiter, que o atingiu com um raio, causando-lhe uma deformidade física.

²⁵³ Jacques Mondetegui, marido da famigerada Manteigui.

IV

No cambaico²⁵⁴ Damão, que escangalhado
Lamenta a decadência portuguesa,
Este novo Ganesha²⁵⁵ foi procriado,
Peste d'Ásia em luxúria e gentileza;
Que ermitão de cilícios macerado
Pode ver-lhe o carão sem porra tesa?
Quem chapeleta não terá de mono,
Se tudo que ali vê é tudo cono?

V

Seus meigos olhos, que a foder ensinam,
'Té nos dedos dos pés tesões acendem;
As mamas, onde as Graças²⁵⁶ se reclinam,
Por mais alvas que os véus, os véus ofendem;
As doces partes, que os desejos minam,
Aos olhos poucas vezes se defendem,
E os Amores, de amor por ela ardendo,
As piças pelas mãos lhe vão metendo.

²⁵⁴ Relativo ao golfo de Cambaia, situado no oceano Índico, no qual se encontra Damão, território de onde Manteigui era natural.

²⁵⁵ Um dos deuses da religião hindu, filho de Shiva e de Parvati. Caracteriza-se pela sua sabedoria e beleza. Por lapso, em ambas as edições publicadas em 1854 por Inocêncio aparece «ganós».

²⁵⁶ Aglaia, Talia e Eufrosine, filhas de Júpiter e de Vénus, divindades que se caracterizam pela sua beleza.

VI

Seus cristalinos, deleitosos braços,
Sempre abertos estão, não para amantes,
Mas para aqueles só que, nada escassos,
Cofres lhe atulham de metais brilhantes;
As níveas plantas²⁵⁷, quando move os passos,
Vão pisando os tesões dos circunstantes,
E quando em ledos de amores canta,
Faz-lhe a porra o compasso co'a garganta.

VII

Mas para castigar-lhe a vil cobiça,
O vingativo Amor, como agravado,
Fogo infernal no coração lhe atiza
Por um sórdido cafre asselvajado.
Tendo-lhe visto a tórrida língua,
Mais extensa que os canos d'um telhado,
Louca de comichões a indigna dama
Salta nele, convida-o para a cama.

²⁵⁷ Pés.

VIII

Eis o bruto se coça de contente;
Vermelha febre sobe-lhe ao miolo;
Agarra na senhora, impaciente
D'erguer-lhe as fraldas, de provar-lhe o bolo,
Estira-a sobre o leito, e de repente
Quer do pano sacar o atroz *mampolo*:
Porém, não necessita arrear cabos,
Lá vai o langotim com mil diabos.

IX

Levanta a tromba o ríspido elefante,
A tromba, costumada a tais batalhas,
E apontando ao buraco palpitante,
Bate ali qual aríete nas muralhas;
Ela enganchando as pernas delirante:
«Meu negrinho (lhe diz) quão bem trabalhas!
Não há porra melhor em todo o mundo!
Mete mais, mete mais, que não tem fundo.

X

«Ah! se eu soubera (continua o coiro
Em torrentes de sémen já nadando),
Se eu soubera que havia este tesouro,
Há que tempos me estava regalando!
Nem fidalguia, nem poder, nem ouro
Meu duro coração faria brando;
Lavara o cu, lavara o passarinho,
Mas só para foder cò meu negrinho.

XI

«Mete mais, mete mais... Ah Dom Fulano!
Se o tivesses assim, de graça o tinhas!
Não viveras em um perpétuo engano,
Pois vir-me-ia também quando te vinhas.
Mete mais, meu negrinho, anda, magano;
Chupa-me a língua, mexe nas maminhas...
Morro de amor, desfaço-me em langonha...
Anda, não tenhas susto, nem vergonha.

XII

«Há quem fuja de carne, há quem não morra
Por tão belo e dulcíssimo trabalho?
Há quem tenha outra ideia, há quem discorra
Em coisa que não seja de mangalho?
Tudo entre as mãos se me converta em porra,
Quanto vejo transforme-se em caralho:
Porra e mais porra no verão, e no inverno,
Porra até nas profundas do Inferno!...

XIII

«Mete mais, mete mais (ia dizendo
A marafona ao bruto, que suava,
E convulso fazia estrondo horrendo
Pelo rústico som com que fungava);
Mete mais, mete mais, que estou morrendo!...»
«Mim não tem mais!» O negro lhe tornava;
E triste exclama a bêbeda fodida:
«Não há gosto perfeito nesta vida!»

XIV

Neste comenos o cornaz marido,
O bode racional, veado humano,
Entrava pela câmara atrevido
Como se entrasse num lugar profano;
Mas vendo o preto em jogos de Cupido²⁵⁸,
Eis sai logo, dizendo: «Arre, magano!
Na minha cama! Estou como uma brasa!
Mas, bagatela, tudo fica em casa.»

XV

A foda começada ao meio-dia
Teve limite pelas seis da tarde;
Veio saltando a ninfa de alegria
E da sórdida ação fazendo alarde.
O bom consorte, que risonha a via,
Lhe diz: «Estás corada! O Céu te guarde;
Bem boa alpista ao pássaro te coube!
Ora dize, menina, a que te soube?»

²⁵⁸ Cupido, filho de Marte e de Vénus, presidia ao Amor. Era representado por um menino, nu, algumas vezes com uma venda, que transportava um arco e uma aljava, com setas ardentes. Correspondia, na mitologia grega, a Eros.

XVI

«Cale-se, tolo» (a puta descarada
Grita num tom raivoso e lhe rezinga)
O rei dos cornos a cerviz pesada
Entre os ombros encolhe, e não respinga;
E o coirão, da pergunta confiada,
Outra vez com o cafre, e mil se vinga,
Até que ele, faltando-lhe a semente,
Tira-lhe a mama e foge de repente.

XVII

Deserta por temor d'esfalfamento,
Deserta por temer que o coiro o mate,
Ela então de suspiros enche o vento,
E faz alvoroçar todo o Surate²⁵⁹.
Vão procurá-lo de cipaio²⁶⁰ um cento,
Trouxeram-lhe a cavalo o tal saguate²⁶¹;
Ela o vai receber, e o grão nababo²⁶²
Pasmou disto e quis ver este diabo.

²⁵⁹ Cidade do estado de Gujarate, situada perto de Damão.

²⁶⁰ Soldado indiano que fazia parte do exército colonial.

²⁶¹ Presente.

²⁶² Governador de província na Índia muçulmana.

XVIII

Pouco tempo aturou de novo em casa
O cão, querendo logo a pele forra,
Pois a puta co'a crica toda em brasa,
Nem queria comer, só queria porra.
Voou-lhe, qual falcão batendo a asa,
E o coirão, sem achar quem a socorra,
Em lágrimas banhada, acesa em fúria,
Suspira de saudade, e de luxúria.

XIX

Coirões das quatro partes do Universo,
De gálico²⁶³ voraz envenenados,
Se deste canto meu, deste acre verso
Ouvirdes porventura os duros brados,
Em bando marcial, coro perverso,
Vinde ver um cação²⁶⁴ dos mais pescados,
Vinde cingir-lhe os louros, e devotos
Beijar-lhe as aras, pendurar-lhe os votos.

²⁶³ Doença venérea.

²⁶⁴ Prostituta.

DÉCIMAS

A UM TABELIÃO VELHO QUE CASOU COM MOÇA NOVA ²⁶⁵

1

Um tabelião caduco,
Com mulher moça casado,
Vai *portar* no seu estado
Por fé o sinal de cuco.
Como já não deita suco,
Por mais que puxe os atilhos,
Não lhe hão de faltar casquilhos
Para a moça, amantes novos
Que lhe vão galando os ovos,
E ele vá criando os filhos.

2

Ele diz que assim o quer,
Mas de raiva dará pulos,
Vendo que são *atos nulos*
Os *atos* que ele fizer.
Sem ter *direito* à mulher
Que será deste demónio?
Logo então qualquer bolónio ²⁶⁶
Lhe desmancha o casamento
Porque não tem *instrumento*
Com que prove o matrimónio.

²⁶⁵ Considerando a ausência de fluidez e de ritmo, tão apurados em Bocage, duvidamos de que este poema e os seguintes tenham sido por ele compostos.

²⁶⁶ Simplório.

3

Tenha embora muita renda,
Seja lavrador morgado,
Mas para homem casado
Sempre tem pouca fazenda.
É provável se arrependa
A pobre da rapariga,
Que se agatanhe e maldiga,
Quando na noite da boda
Correr a seara toda
E não encontrar espiga.

4

Inda que não tome a mona
Por ter fibra já cansada,
Mal pode assistir à entrada
De Carlos em Barcelona:
Que o leve ao porto de Ancona
Não terá vento ponteiro,
E andando sempre em cruzeiro
Que fará este homem raro?
Ser como os cães que têm faro:
Conhecê-lo pelo cheiro.

Por mais que à moça infeliz
 Faça protestos de amor,
 Sempre se quer fiador
 De homem sem bens de raiz;
 Só crerá no que ele diz
 Se *escritura* lhe fizer;
 E ele pode-lhe fazer
 Uma dúzia e uma centena,
 Mas nunca molhando a pena
 No tinteiro da mulher.

São tristes da moça os fados,
 Pois lhe não consentem que ela
 Avance pela Arreitela
 'Té Pica de Regalados;
 Logo entre estes dois casados
 Se trava renhido pleito,
 Mas se por *agravo* o feito
 Ele leva à Relação,
 Lá ninguém lhe dá razão,
 Sem que mostre o seu *direito*.

II

Venha cá, sô boticário²⁶⁷,
Você sabe em que se mete,
De tão rafado cadete
Sendo terceiro, está vário?
Advirta que é necessário
Reportar ações insanas;
Estude em fazer tisanas,
Algum purgante ligeiro,
Mas não seja alcoviteiro
Muito menos de sacanas.

III

P'ra que viva a cozinheira²⁶⁸
Que tão boas *papas* fez!
Confesso por esta vez
Que bem me sabe e me cheira.
O Papa em sua cadeira,
Vestido de estola e capa,
Não faz coisa tão guapa;
A cozinheira faz mais;
O Papa faz Cardeais,
A cozinheira faz *papas*.

²⁶⁷ A ausência de fluidez e de coesão interna apontam para a não autoria de Bocage.

²⁶⁸ Décima publicada pela primeira vez por António Maria do Couto, sendo por este contextualizada da seguinte forma: «Por ocasião de Bocage estar hóspede em casa de um amigo; e trazendo-lhe a criada para seu almoço um prato de papas de milho. Aproveita-se bem um equívoco.».



DIÁLOGO ENTRE O POETA E O TEJO

Poeta

Tejo, que tens, estás quedo²⁶⁹?
Não banhas hoje esta praia?
De que o teu valor desmaia?

Tejo

Eu to digo, mas segredo:
Confesso que tenho medo
Do teu ranchinho infernal.

Poeta

O teu susto é natural,
Parecem três furiazinhas,
Mas contudo são mansinhas,
Não mordem, nem fazem mal.

²⁶⁹ Segundo António Maria do Couto, esta composição foi «improvisada a certo rancho de feias, que se iam banhar no Tejo em maré vazante.»



São uns cornos mui benfeitos,
Uns cornos mui delicados,
São cornos que torneados
Se podem trazer aos peitos;
Cornos que sobem direitos,
Pela sua varonia,
E sem mais cronologia
Tem ²⁷⁰ gravados na armadura
Os timbres da fidalguia.

²⁷⁰ No singular, para não ferir a métrica.



IMPROVISO

À meia-noite²⁷¹
Saiu de um cano
Cheio de merda
Crispiniano.

Eis que da ronda
Tropel insano
Divisa ao longe
Crispiniano.

Capuz o cobre;
«És franciscano?»
— Sou (lhe responde)
Crispiniano.

Chega o alcaide,
Dá-lhe um abano:
Sai da gravata
Crispiniano.

²⁷¹ Improvise feito aquando da detenção de António Crispiniano Saunier por ordem da ronda do bairro. Este pseudopoeta, que usava sempre gravatas muito berrantes e ridículas, dedicou a Bocage a *Epístola, ou Ternas Expressões em Verso, Proferidas pelo Pastor Ersáunio e Dedicadas ao Pastor Elmano*, publicada em Lisboa, pela Impressão Régia, em 1803. A presente composição foi atribuída quer a Bocage quer ao seu amigo António Bersane Leite de Paula.

ELEGIA À MORTE DE UMA FAMOSA ALCOVITEIRA²⁷²

Génio só dado a sórdidas torpezas,
Que usas comprar na imunda Cotovia²⁷³
Chochos agrados de venais belezas:
Solto o cabelo, as carnes arrepia
Na morte desta ilustre recoveira,
E inspira-me tristíssima elegia.

Honrada, e a mais sabida alcoviteira,
A ti consagro este cipreste umbroso
Com que te enramo a esquelida caveira,
Enquanto pelo rio pantanoso
A ouvir-te leva o pálido Caronte²⁷⁴
Severas leis de Minos²⁷⁵ rigoroso.

Alçando para o ar a crespa fonte,
Os ouvidos estende às vozes minhas,
Quando no mundo os teus louvores conte.

Vós, moças do Bairro Alto e Fontainhas,
Vós testemunhas sois da grande falta
Que chorando contaís entre as vizinhas.

Ai! Que há de ser de vós, gente de malta!
Eu vejo em vossas faces o desgosto,
E a dor que os corações vos sobressalta!

Morreu a vossa mãe, o vosso encosto,
Que vos ganhava o pão honradamente,
Inda que com suor do vosso rosto!

Não mais vereis entre a mundana gente
Daquela honrada boca o grato riso,

²⁷² Poema de autoria duvidosa, parecer que Inocêncio Francisco da Silva igualmente subscreveu na mencionada edição das *Poesias Eróticas*, p. 217.

²⁷³ Zona de Lisboa particularmente frequentada por prostitutas.

²⁷⁴ Génio do Inferno. Tem como função levar na sua barca as almas para a outra margem do rio dos mortos.

²⁷⁵ Lendário rei de Creta que governou com equidade e tolerância. Atribuía-se a excelência das suas leis ao facto de terem sido inspiradas por Zeus.

Que descobria um solitário dente!

Morreu a discrição, foi-se o juízo,
Vós o sabeis: melhor que esta viúva
Ninguém fez um recado de improviso.

Embrulhada na capa ao vento, à chuva,
Ela comprar-vos-ia, caridosa,
As ginja, os melões, a pera, a uva.

Vendo qualquer de vós triste e chorosa,
Ela desassossega, ela trabalha,
Por livrar-vos da pena lamentosa.

Conhecia os tafuis²⁷⁶ já pela malha,
Ela vos apartava dos sovinas
Para aqueles que dão maior medalha.

Chupista de dinheiro e de tolinas,
Por todas repartindo esta pendanga,
Ela era o vosso bem e as vossas minas.

C'os homens depravados tinha zanga,
Gostava da modéstia e da virtude
Dos que dão a beijar cordão e manga.

Se a mandavam beber, era um almude,
E às vezes não parava até que a boca
Se lhe punha mais grossa do que grude.

A que a buscava, e que não era louca,
A recolhia em casa, e pela mama
Apenas lhe levava coisa pouca.

Sempre de todas dava boa fama,
De fregueses lhe armava quantidade,
'Té as pôr sobre si com casa e cama.

Nos ganhos não levou nunca metade:
Qualquer coisa aceitava, porque pensa
Que o mais era faltar à caridade.

Dotada foi de caridade imensa:
Sempre ao lado se achou da sua amiga

²⁷⁶ Peraltas.

No tempo da saúde e da doença.
 Aquela moça gordalhuda o diga:
 Ela pode pintar mais vivos quadros
 Desta estimável, desta amante liga;
 No tempo em que ela andou vagando os adros,
 Mil vezes lhe curou c'os seus inventos
 Cruéis camadas de piolhos ladros;
 Ela mesma c'os dedos fedorentos
 Cheia de amor, de caridade cheia,
 Lhe ministrava os fétidos unguentos.
 À frouxa luz da trémula candeia,
 Que tem no chamejar seus intervalos,
 As chagas cura, a porquidade asseia:
 De alvíssima pomada untando os calos,
 As partes amacia que mordera
 O dente de ardentíssimos cavalos.
 Jamais no seu trajar luxo tivera,
 Nem na sua cabeça houve polvilhos,
 Depois que seu marido lhe morrera.
 Foi a primeira em dar ensino aos filhos.
 Procurai este trilho verdadeiro
 Vós, ó pais, que seguis dif'rentes trilhos.
 Uma filha que Deus lhe deu primeiro,
 Arrimada a deixou com loja aberta;
 Teve um filho que foi alcoviteiro.
 Eia, pais de famílias, olho alerta:
 Se quereis vossos filhos empregados,
 Tendes século bom, e é moca certa.
 Dispôs da sua terça, que, tirados
 Os gastos funeraiis que lhe fariam
 Os devotos irmãos, gatos-pingados,
 Os seus testamenteiros comprariam
 C'ò resto uma barraca em que decente
 Uma casa d'alcouce erigiriam,
 Que haveriam *[sic]* noviças e regente;
 Proveu logo este cargo na coveira,
 Por ser mais respeitosa, e mais prudente;

A Santarena fica tesoureira;
 Chamou para escrivã a Inácia China;
 Felícia de Chaté madre rodeira.
 Ninguém melhor os seus vinténs destina,
 Porque para solteiras e casadas
 Vejam que seminário de doutrina!
 Entre as últimas vozes já truncadas,
 Chamando a filha com afago e rogo,
 Ficaram entre os braços enlaçadas.
 «A mecha (lhe diz ela) junto ao fogo
 É fácil de pegar...» Ia adiante,
 Porém, não disse mais, que morreu logo.
 De palidez cobriu-se-lhe o semblante,
 Ouviram-se ao redor gritos imensos
 Da turba feminil, pouco constante.
 Ternos suspiros pelos ares densos
 Vão abraçar o seu cadáver frio,
 Cobrem-se os olhos de engomados lenços.
 Cortou a Parca²⁷⁷ desta vida o fio,
 O esp'rito nu, da carne desatado,
 Lá vai cruzando o lutulento rio.
 Oh dia com razão amargurado!
 Enquanto nos lembrar tão triste imagem,
 Sempre serás dos bons tafuis chorado.
 Cobrir tu viste com pesada lagem
 Aquela que nos fez o benefício
 De nos dar uma casa d'estalagem.
 Ninguém soube melhor do seu ofício,
 Nem se achara tão destra alcoviteira
 Somente com trinta anos d'exercício.
 E vós, mulheres que gostais d'asneira,
 Honrai as suas cinzas, os seus ossos,

²⁷⁷ De acordo com a mitologia grega, havia três Parcas: Cloto, Láquesis e Átropo. Eram filhas de Érebo e da Noite. A primeira empunhava a roca, a segunda fazia girar o fuso e a última cortava o fio da vida.

E respeitai-lhe a fúnebre caveira.
A morte dá nos velhos e nos moços:
Ninguém se escapa da carranca feia
Depois de preso em seus calabres²⁷⁸ grossos.
Conservai pois esta fatal ideia,
E rodeando o corpo desditoso,
Acendei cada qual uma candeia,
E fazei-lhe um sepulcro aparatoso.

²⁷⁸ Cordas de grande envergadura.



POEMAS ATRIBUÍDOS INDEVIDAMENTE A BOCAGE

SONETOS

1

Não lamentos, ó Nise, o teu estado²⁷⁹;
Putas tem sido muita gente boa,
Putíssimas fidalgas tem Lisboa,
Milhões de vezes putas tem²⁸⁰ reinado:

Dido²⁸¹ foi puta, e puta dum soldado;
Cleópatra²⁸² por puta alcança a c'roa;
Tu, Lucrecia²⁸³, com toda a tua proa,
O teu cono não passa por honrado;

Essa da Rússia imperatriz famosa²⁸⁴,
Que inda há pouco morreu (diz a *Gazeta*²⁸⁵)
Entre mil porras expirou vaidosa,

Todas no mundo dão a sua greta:
Não fiques pois, ó Nise, duvidosa,
Que isto de virgo e honra é tudo peta.

²⁷⁹ O poema «No te quejes oh Nise! de tu estado» — tal como a tradução do soneto «Piolhos cria a cabelo mais dourado» — é reproduzido em castelhano na obra *Poesias Picarescas de Quevedo*, publicada na segunda metade do século XIX. Catarina II da Rússia, nele mencionada, nasceu cerca de dois séculos depois do escritor espanhol.

Inocência Francisco da Silva debruça-se sobre a autoria deste poema: «Pede a verdade que se diga que Manuel Maria foi inteiramente estranho a esta composição. Conforme o testemunho irrefragável dos contemporâneos mais bem instruídos nestas particularidades, o seu verdadeiro autor foi João Vicente Pimentel Maldonado.» (v. *Poesias Eróticas...*, p. 195).

²⁸⁰ No singular, para não ferir a métrica.

²⁸¹ Filha de Belo, rei de Tiro, fundadora de Cartago. Apaixonou-se por Eneias, de acordo com Virgílio, que os imortalizou na *Eneida* (livro IV).

²⁸² Rainha do Egito, filha de Ptolomeu XII (69-30 a. C.). Para melhor reinar, seduziu César e, posteriormente, Antônio, dirigentes romanos que ocupavam o seu país.

²⁸³ Bocage traduziu «A Morte de Lucrecia», poema de Ovídio.

²⁸⁴ Imperatriz russa que esteve no poder de 1762 a 1796. A ela se deve o prosseguimento da ocidentalização da Rússia, iniciado por Pedro, O Grande. É considerada um dos paradigmas do despotismo iluminado.

²⁸⁵ A *Gazeta de Lisboa*, periódico ocioso que se publicou de 1715 a 1830.

Se quereis, bom Monarca²⁸⁶, ter soldados
 Para compor lustrosos regimentos,
 Mandai desentulhar esses conventos
 Em favor da preguiça edificadas:

Nos Bernardos²⁸⁷ lambões e asselvajados
 Achareis mil guerreiros corpulentos;
 Nos Vicentes²⁸⁸, nos Nérís²⁸⁹ e nos Bentos²⁹⁰
 Outros tantos, não menos esforçados.

Tudo extingui, senhor; fiquem somente
 Os Franciscanos, Lóios²⁹¹ e Torneiros,
 Do Centímiano²⁹² aspérrima semente:

Existam estes lobos carniceiros,
 Para não arruinar inteiramente
 Putas, pívias, cações e alcoviteiros.

²⁸⁶ Difícilmente Bocage terá composto este poema, tendo em consideração as suas relações privilegiadíssimas com os beneditinos e os oratorianos, que o receberam calorosamente quando foi transferido para os seus conventos, vindo dos cárceres da Inquisição. Acresce que António Freire de Carvalho, vicentino, era seu correligionário da maçonaria. Note-se ainda que Bocage dedicou poemas a membros daquelas ordens religiosas, entre outros a epístola que abre o segundo tomo das *Rimas*, uma homenagem a António Álvares. Por outro lado, durante a vida de Bocage reinaram dois monarcas: D. José, falecido quando o poeta tinha 11 anos, e D. Maria I. O facto de o autor do poema se dirigir a um monarca poderá provar que Bocage não foi o seu autor.

Na p. 164 do t. xxv da *Livreria Clássica*, Castilho afirma: «Supõe-se andar impresso numa coleção de poesias idênticas, publicadas em Paris, por um sujeito do Maranhão.»

Constam das antologias manuscritas dos séculos XVIII e XIX existentes na Biblioteca Nacional inúmeros poemas críticos do quotidiano das ordens religiosas (Cód. 8611). A composição «Desterrado anda o jesuíta», da autoria de «Certo abade», apresenta claras afinidades com este soneto (v. Cód. 8603, f. 559), tal como o de António Lobo de Carvalho, «Acabou de Lisboa a Seriedade», cujo último verso é «Cornos, putas, ladrões e alcoviteiras.»

²⁸⁷ Pertencentes à Ordem de São Bernardo ou de Cister.

²⁸⁸ Do Mosteiro de São Vicente de Fora.

²⁸⁹ Da congregação fundada por S. Filipe Néri, ou seja, os Oratorianos.

²⁹⁰ Beneditinos, isto é, da Ordem de S. Bento.

²⁹¹ Membros da congregação de S. João Evangelista.

²⁹² Centímanos, na mitologia grega, são gigantes com 100 mãos e 50 cabeças.

Pela Rua da Rosa eu caminhava²⁹³
 Eram sete da noite, e a porra tesa;
 Eis puta, que indicava assaz pobreza,
 Co'um lencinho à janela me acenava.

Quais conselhos? A porra fumegava;
 «Hei de seguir a lei da Natureza!»
 Assim dizia, e efetuou-se a empresa;
 Prepúcio para trás a porta entrava.

Sem que saúde, a moça prazenteira
 Se arrima com furor não visto à crica,
 E a bela a mole-mole o cu peneira:

Ninguém me gabe o rebolar d'Anica²⁹⁴;
 Esta puta em foder excede a Freira,
 Excede o pensamento, assombra a pica!

²⁹³ Poema da autoria de Pedro José Constâncio, como se pode inferir da consulta de um volume manuscrito que pertenceu a Inocêncio Francisco da Silva e se encontra na Biblioteca Municipal do Porto, cota 1948-1951, vol. 1, p. 119.

²⁹⁴ Na Biblioteca da Ajuda, encontra-se uma obra intitulada «A uma mulata por nome Anica». Poderá ter relação com a personagem deste poema.

«Apre! Não metas todo... Eu mais não posso²⁹⁵...»

Assim Márcia formosa me dizia;

— Não sou bárbaro (à moça eu respondia),

Brandamente verás como te coço;

«Ai! por Deus, não... não mais, que é grande, e grosso!...»

Quem resistir ao seu falar podia!

Meigamente o coninho lhe batia;

Ela diz: «Ah meu bem! Meu peito é vosso!»

O rebolar do cu (ah!) não te esqueça...

Como és bela, meu bem! (então lhe digo)

Ela em suspiros mil a ardência expressa;

Por te unir faz muito ao meu umbigo;

Assim, assim... menina, mais depressa!...

Eu me venho... Ai Jesus!... vem-te comigo!

²⁹⁵ Soneto copiado por Inocêncio de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage. É da autoria de Pedro José Constâncio, como se pode ver pela consulta de um volume manuscrito que pertenceu a Inocêncio e se encontra na Biblioteca Municipal do Porto, cota 1948-1951, vol. 1. Existem semelhanças desta composição com a de Aretino, «Dammi la lingua, appunta i piedi al muro» (v. *Les Sonnets Luxurieux*, p. 67).

Eram oito do dia; eis a criada ²⁹⁶
 Me corre ao quarto e diz: «Aí vem menina,
 Em busca sua: faces de bonina,
 Olhos que quem os viu não quer mais nada.»

Eis me visto, eis me lavo, e esta engraçada
 Fui ver *in continenti*; oh céus, que mina!
 Que breve pé! Que perna tão divina!
 Que maminhas! Que rosto! Oh, que é tão dada!

A porra nos calções me dava urros;
 Eis a levo ao meu leito, e ela rubente
 Não podia sofrer da porra os murros:

«Ai!... ai!... (de quando em quando assim se sente)
 Uma porra tamanha é dada aos burros,
 Não é porra capaz de foder gente.»

²⁹⁶ Soneto copiado por Inocêncio de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage. É da autoria de Pedro José Constâncio, como se pode ver pela consulta de um volume manuscrito que pertenceu a Inocêncio e se encontra na Biblioteca Municipal do Porto, cota 1948-1951, v. 1, p. 33.

Eram seis da manhã; eu acordava²⁹⁷
 Ao som de mão que à porta me batia;
 Ora vejamos quem será... dizia,
 E assentado na cama me zangava.

Brando rugir de seda se escutava
 E sapato a ranger também se ouvia...
 Salto fora da cama... Oh! Que alegria
 Não tive, olhando Armia, que arreitava!

Temendo venha alguém, a porta fecho;
 Co'um chupão lhe saudei a rósea boca
 E na rompiente mama alegre mexo:

O caralho estouvado o cono aboca,
 Bate a gostosa greta o rubro queixo,
 E as matinas de amor a porra toca.

²⁹⁷ Soneto copiado por Inocêncio de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage. É da autoria de Pedro José Constâncio, como se pode ver pela consulta de um volume manuscrito que pertenceu a Inocêncio e se encontra na Biblioteca Municipal do Porto, cota 1948-1951, vol. 1, p. 138.

Cante a guerra quem for arrenegado²⁹⁸,
 Que eu nem palavra gastarei com ela;
 Minha Musa será sem par canela
 Co'um felpudo coninho abraçado:

Aqui descreverei como arreitado,
 Num mar de bimbis navegando à vela,
 Cheguei, propício o vento, à doce, àquela
 Enseada d'Amor, rei coroadado;

Direi também os beijos sussurrantes,
 Os intrincados nós das línguas ternas,
 E o aturado fungar de dois amantes:

Estas glórias serão na fama eternas;
 Às minhas cinzas me farão descantes
 Fêmeos vindouros, alargando as pernas.

²⁹⁸ Soneto copiado por Inocêncio Francisco da Silva de um caderno que continha indistintamente poemas de Pedro José Constâncio e de Bocage. Natália Correia, baseando-se num manuscrito da biblioteca de Cardoso Martha, afirma que o poema é da autoria do primeiro (v. *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, p. 296).

Eu foder putas?... Nunca mais, caralho²⁹⁹!
 Hás de jurar-mo aqui, sobre estas Horas³⁰⁰,
 E vamos, vamos já!... Porém, tu choras?
 «Não senhor (me diz ele), eu não, não ralho.»

Batendo sobre as Horas como um malho,
 «Juro (diz ele) só foder senhoras,
 Das que abrem por amor as tentadoras
 Pernas àquilo que arde mais que o alho.»

Co'a força do jurar esfolheando
 O sacro livro foi, e a ardente sede
 O fez em mar de ranho ir soluçando...

Ah! Que fizeste?... O céu teus passos mede!
 Anda, herético filho miserando,
 Levanta o dedo a Deus, perdão lhe pede!

²⁹⁹ Soneto da autoria de Pedro José Constâncio, copiado por Inocêncio Francisco da Silva de um caderno que continha indistintamente poemas seus e de Bocage.

³⁰⁰ Livro para uso dos fiéis que continha um calendário, os ofícios da missa e as vésperas. Alguns são de um valor inestimável porquanto apresentam iluminuras preciosas. Antecederam os atuais livros de missa.

Que eu não possa ajuntar como o Quintela³⁰¹
 É coisa que me aflige o pensamento;
 Desinquieta, a porra quer sustento,
 E a pívia trata já de bagatela.

Se noutro tempo houve alguma bela
 Que a amor só desse o cono penugento,
 Isso foi, já não é, que o mais sebento
 Cagaçal quer durázia caravela³⁰².

Perdem saúde, bolsa e economia;
 Nunca mais me verão meu membro roto,
 Esta minha porral filosofia.

Putas, adeus! Não sou vosso devoto;
 Co'um sesso enganarei a fantasia,
 Numa escada enrabando um bom garoto.

³⁰¹ Soneto da autoria de Pedro José Constâncio, copiado por Inocêncio Francisco da Silva de um caderno que tinha indistintamente poemas seus e de Bocage.

³⁰² Antiga moeda de prata equivalente a 12 vinténs.

Aquele semiclérigo patife³⁰³,
 Se eu no mundo fizera ainda apostas,
 Apostara contigo que nas costas
 O grande Pico tem de Tenerife.

Célebre traste! É justo que se rife;
 Eu também pronto estou, se d'isso gostas;
 Não haja mais perguntas, nem respostas;
 Venha, antes que algum taful³⁰⁴ o bife.

Parece hermafrodita o corcovado;
 Pela rachada parte (que apeteço)
 Parece que emprenhou, pois anda opado!

Mas desta errada opinião me desço:
 Pois que traz a criança no costado,
 Deve ter emprenhado pelo sesso³⁰⁵.

³⁰³ Na citada obra editada por António Maria do Couto, este soneto é contextualizado da seguinte forma: «A um clérigo fulo, deão de Angola, que aqui veio a requerimentos, e era corcovado naturalmente: corria o ano de 1800.». O estilo do autor deste poema e do seguinte difere do de Bocage.

³⁰⁴ Peralta.

³⁰⁵ Ânus.

No canto de um venal salão de dança,
 Ao som de uma rabeca desgrudada,
 Olhos em alvo, a porra arrebitada,
 Bocage, o folgazão, rostia ³⁰⁶ o França ³⁰⁷:

Este, com mogigangas de criança,
 Com a mão pelos evos ³⁰⁸ encrespada,
 Brandia sobre a roxa fronte alçada
 Do assanhado porraz, que quer lambança:

Veterana se faz a mão bisonha,
 Tanto a tempo meneia e sua o bicho,
 Que em Bocage o tesão vence a vergonha;

Quis vir-se por luxúria, ou por capricho;
 Mas em vez de acudir-lhe alva langonha
 Rebenta-lhe do cu merdoso esguicho.

³⁰⁶ Maltratava.

³⁰⁷ Luís José Correia de Sá França e Amaral que, na década de 90, aquando das contendas entre Bocage e os poetas da Academia de Belas-Letras, teria perto de 70 anos. Nada permite concluir que Bocage tenha sido o autor deste soneto.

³⁰⁸ Eternidade.

RIBEIRADA: POEMA EM UM SÓ CANTO³⁰⁹

ARGUMENTO

Quando o preto Ribeiro entregue ao sono
Jazia, lhe aparece o deus Príapo³¹⁰,
E com uma das mãos, por ser fanchono,
Lhe agarra na cabeça do marsapo;
Oferece-lhe depois um belo cono,
Cono sem cavalete, gordo e guapo:
Casa o preto, e a mulher, por fim de contas,
Lhe põe na testa retorcidas pontas.

³⁰⁹ A primeira versão deste poema encontra-se numa coletânea de textos fesceninos que apresentava o seguinte frontispício, de tom claramente jocoso: *Ribeirada — Poema épico em um só canto, pelo Prior de Porrinhos, hospedado em Coína, e ofr'cido a uma sua confessada com assistência na vila de Punhete*. Ainda na folha de rosto tinha a indicação de ter sido publicado em Königsberg, ano de MDCCCXXXIII; em epígrafe, quatro versos da primeira estância de *A Martinhada*: «Eu canto a porra, e o varão potente, / Esse que fez dos rins no seminário / A toda a carne humana, carne ardente, / No apetite do excesso fornicário.» Aquela obra inclui igualmente as seguintes composições: «Saque dos Conos ou relação do que aconteceu às moças do Porto, pela entrada do exército francês, em março de 1808», «Capítulo Geral dos Franciscanos — Poema épico em 1 só canto», «Noite de inverno», por Manuel Maria Barbosa du Bocage; «Montagui [*sic*] — Poema de M. M. B. de Bocage» e um mote glosado. Sintomático é o facto de, ao contrário de «Noite de inverno» e de «Montagui», «A Ribeirada» não ter sido atribuída a Bocage, mas ao «Prior de Porrinhos». O mesmo aconteceu com uma edição de 1839, licitada num leilão de livros realizado em Lisboa, organizado por Pedro de Azevedo, no dia 18 de novembro de 2003, que apresentava o seguinte título: *Ribeirada: poema épico em um só canto, pelo Prior dos Porrinhos, hospedado em Coína, e oferecido a uma sua confessada com assistência na Vila de Punhete*. O referido manuscrito é constituído por 33 estrofes. Significa isto que o autor, ou alguém por ele, se quis proteger, não assinando este poema, ou melhor, utilizando um pseudónimo, de conotação brejeira. Se a composição fosse de Bocage, falecido décadas antes, o seu nome estaria explícito, porquanto nada haveria a temer.

Inocêncio Francisco da Silva, na edição das *Poesias Eróticas* de 1854, por nós seguida, afirma que «A Ribeirada» foi composta antes da partida de Bocage para a Índia. Na nossa opinião, porém, considerando as razões aduzidas, a par de um conteúdo em inequívoca dissonância com a conceção do erotismo perfilhada por Bocage nos seus textos verdadeiramente emblemáticos, este poema não é da sua autoria. Mário Cesariny é do mesmo parecer: «Se, baseado em meras conjecturas de editores marotos, devo admitir que Bocage escreveu a 'Manteigui' e a 'Ribeirada', advirto, baseado em fontes *não menos seguras*, que unicamente o fez para fazer a vida negra ao hendecassilabo (*Horta de Literatura de Cordel*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1983, pp. 29-30).

³¹⁰ Filho de Afrodite e Dioniso, o guardião das vinhas, dos pomares e dos jardins, era representado sob a forma de uma figura com o falo ereto, simbolizando, deste modo, a fecundidade.

CANTO ÚNICO

I

Ações famosas do fodaz Ribeiro,
Preto na cara, enorme no mangalho,
Eu pretendo cantar em tom grosseiro,
Se a Musa me ajudar neste trabalho.
Pasme absorto escutando o mundo inteiro
A porca descrição do horrendo malho
Que entre as pernas alberga o negro bruto
No lascivo apetite dissoluto.

II

Ó musa galicada e fedorenta!
Tu, que às fodas d'Apolo³¹¹ estás sujeita,
Anima a minha voz, pois hoje intenta
Cantar esse mangaz, que a tudo arreita.
Desse vaso carnal que o membro aqueça,
Onde tanta langonha se aproveita,
Um chorrilho me dá, ó musa obscena,
Que eu com rijo tesão pego na pena.

³¹¹ Deus das artes e da medicina, filho de Júpiter e de Latona, irmão de Diana. Era acolitado por nove musas: Clio, Melpómene, Talia, Euterpe, Terpsícore, Érato, Calíope, Urânia e Polímnia.

III

Em Troia, de Setúbal bairro inculto³¹²,
Mora o preto castiço, de quem falo,
Cujo nervo é de sorte e tem tal vulto,
Que excede o longo espeto de um cavalo:
Sem querer nos calções estar oculto,
Quando se entesa o túmido badalo,
Ora arranca os botões com fúria rija,
Ora arromba as paredes quando mija.

IV

Adorna hirsuto ríspido pentelho
Os ardentes colhões do bom Ribeiro,
Que são duas maçãs de escaravelho,
Não digo na grandeza, mas no cheiro;
Ali piolhos ladros tão vermelho
Fazem com dente agudo o pau leiteiro,
Que o cata muita vez; mas, ao tocar-lhe,
Logo o membro nas mãos entra a pular-lhe.

³¹² Em Setúbal não existia, nem existe, nenhum bairro com este nome. Eventual confusão do copista, porquanto existia naquela então vila «Troino», uma zona de pescadores. Na edição de 1823, está grafado «Troino».

V

Os maiores marsapos do universo
 À vista deste para trás ficaram,
 E do novo Martinho³¹³ em prosa e verso
 Mil poetas a porra decantaram;
 Quando ainda o cachorro era de berço,
 Umas moças por graça lhe pegaram
 Na pica já taluda e de repente
 Pelas mãos lhes correu a grossa enchente.

VI

De Polifemo³¹⁴ o nervo dilatado,
 Que intentou escachar a Galateia,
 Pelo mundo não deu tão grande brado
 Como a porra do preto, negra e feia.
 Da Cotovia³¹⁵ o bando galicado
 Com respeito mil vezes o nomeia,
 E ao soberbo estardalho do selvagem
 As putas todas rendem vassalagem.

³¹³ Personagem principal de *A Martinhada*, obra de Caetano José da Silva Souto Maior. O referido livro descreve as proezas sexuais do frade Martinho de Barros, confessor de D. João V. O autor, também conhecido por «Camões do Rossio», era bacharel em Cânones, tendo-se formado na Universidade de Coimbra. Desempenhou as funções de juiz do crime da Mouraria e de corregedor do Rossio, tendo pertencido à Academia Real de História.

³¹⁴ Ciclope da *Odisseia* que teve uma aventura amorosa com Galateia, filha de Nereu e de uma divindade do mar.

³¹⁵ Local de Lisboa frequentado pelas prostitutas.

VII

O longo e denso véu da noite escura
Das estrelas bordado já se via,
E em rota cama a horrenda criatura
Os tenebrosos membros estendia.
Do caralho a grandíssima estatura
C'os lençóis encobrir-se não podia,
E a cabeça fodaz de fora pondo
Fazia sobre o chão medonho estrondo.

VIII

Os ladros, que fiéis o acompanhavam,
A triste colhoad, a cada instante,
Com agudos ferrões lhe trespassavam,
Atormentando a besta fornicante:
Na duríssima pele se entranhavam,
Suposto que, com garra penetrante,
O negro dos colhões a muitos saca
E o castigo lhes dá na fera unhaca.

IX

Tendo o cono patente no sentido,
Na barriga o tesão lhe dava murros,
E de ativa luxúria enfurecido
Espalhava o cachorro aflitos urros;
Co'a lembrança do vaso apetecido,
O nariz encrespava como os burros,
Até que, em vão berrando pelo cono,
De todo se entregou nas mãos do sono.

X

Já, roncando, os vizinhos acordava
O lascivo animal, que representa,
C'ò motim pavoroso que formava,
Trovão fero no ar, no mar tormenta;
Com alternados coices espancava
Da pobre cama a roupa fedorenta,
Que pulgas esfaimadas habitavam
E de mil cagadelas matizavam.

XI

Eis de improviso em sonhos lhe aparece
Terrífica visão, que um braço estende,
E pela grossa carne que lhe cresce
Debaixo da barriga ao negro prende.
Acorda, põe-lhe os olhos e estremece
Como quem ao terror se curva e rende;
Com o medo que tinha, a porra ingente
Se meteu nas encolhas, de repente.

XII

Do tremendo fantasma a testa dura
Dois retorcidos cornos enfeitavam,
E, debaixo da pança, a mata escura
Três disformes caralhos ocupavam;
O sujo aspeto, a feia catadura,
Os rasgados olhões iluminavam,
E na terrível dextra o torpe espetro
Empunhava uma porra em vez de cetro.

XIII

Ergue a voz, que as paredes abalava,
E co'a força do alento sibilante
Mata a pálida luz que a um canto estava,
Em plúmbeo castiçal agonizante:
«Ó tu, rei dos caralhos (exclamava),
Perde o medo que mostras no semblante,
Que quem hoje te agarra no marsapo
É de Vénus³¹⁶ o filho, o deus Priapo.

XIV

Vendo a fome cruel do parrameiro
Que essas negras entranhas te devora,
De putas um covil deixei ligeiro,
Por fartar-te de fodas sem demora.
Consolarás o rígido madeiro
Numa fêmea gentil que perto mora,
Mas não lho metas todo, pois receio
Que a possas escachar de meio a meio.»

³¹⁶ Deusa do amor, filha do Céu e da Terra, segundo alguns autores, do Mar, de acordo com outros.

XV

Disse; e o negro da cama velozmente,
Para beijar-lhe os pés, se levantava,
Mas tropeça num banco, e de repente
No fétido bispote as ventas crava.
Não ficando da queda mui contente,
Co'uma gota de mijo à pressa as lava
E, acabada a limpeza, a voz grosseira
Ao nune dirigiu desta maneira:

XVI

«Socorro de famintos fodedores,
Propícia divindade que me escutas!
Tu consolas, tu enches de favores
O mestre da fodenga, o pai das putas.
Viste que, do tesão curtindo as dores,
Travava c'o lençol imensas lutas
E baixaste ligeiro, como Noto³¹⁷,
A dar piedoso amparo ao teu devoto.

³¹⁷ Deus do vento do Sul.

XVII

Enquanto houver tesões, e enquanto o cono
For de arreitadas picas lenitivo,
Sempre hei de recordar-me, alto patrono,
De que és de meus gostos o motivo,
Pois me dás glória no elevado trono,
E já, como o veado fugitivo
Que o caçador persegue, eu corro, eu corro,
A procurar as bordas por quem morro.»

XVIII

Deteve aqui a voz o rijo acento,
Que dos trovões o estrépito parece,
E logo d'ante os olhos num momento
A noturna visão desaparece.
Deixa Ribeiro o sórdido aposento,
Que de antigos escarros se guarnece,
E nas tripas berrando-lhe o demónio,
Corre logo a tratar do matrimónio.

XIX

O brando coração da fêmea alcança
Com finezas, carícias e desvelos,
A qual sobre a vil cara emprega e lança
(Tentação do demónio!) os olhos belos;
O fodedor maldito não descansa,
Sem ver chegar o dia em que os marmelos
Que tem junto do cu deem cabeçadas
Entre as cândidas virilhas delicadas.

XX

Chega o dia infeliz (triste badejo!
Mísera crica! Desditoso rabo!)
E, ornado o rosto de um purpúreo pejo,
Une-se a mão de um anjo à do diabo:
Ardendo o bruto em férvido desejo,
Unta de louro azeite o longo nabo,
Para que possa entrar com mais brandura
A vermelha cerviz faminta e dura.

XXI

Principia o banquete, que constava
De dois gatos, achados num monturo,
E de rasas de corno, de que usava
Em lugar de pimenta o preto impuro;
Em sujo frasco ali se divisava
Turva água-pé; fatias de pão duro,
Pela mesa decrepita espalhadas,
A fraca vida perdem às dentadas.

XXII

Depois de ter o esposo o bucho farto,
Abrasado de amor na ardente chama,
Foge com leves passos para o quarto,
Ao colo conduzindo a bela dama.
Pelas ceroulas o voraz lagarto
A genital enxúndia já derrama:
Só por ver da consorte o gesto lindo
Inda, antes de foder, já se está vindo!

XXIII

Jazia o velho tálamo num canto
Onde de pulgas esquadrão persiste,
Para teatro ser do aflito pranto
Que havia derramar a esposa triste.
Oh noite de terror, noite de espanto,
Que das fodas cruéis o estrago viste!
Permite que com métrica harmonia
Patente ponha tudo à luz do dia.

XXIV

Ergue-lhe a saia o renegado amante,
Estira-se a consorte ágil e pronta,
E ele a seta carnal no mesmo instante
Ao parrameiro mísero lhe aponta:
C'um só beijo do membro palpitante
Ficou subitamente a moça tonta
E julgou (tanto em fogo ardia o nabo!)
Que encerrava entre as pernas o diabo.

XXV

Prossegue o desalmado, mas a esposa,
Que não pode aturar-lhe a dura estaca,
Dando voltas ao cu muito chorosa,
Com jeito o membralhão das bordas saca;
Ele irado lhe diz, com voz queixosa:
«Não és uma mulher como uma vaca?
Porque fazes traições, quando te empurro
O mastro? Quando vês que gemo e zurro?»

XXVI

Então, cheio de raiva, aperta o dente,
E na gostosa, feminil masmorra,
Alargando-lhe as pernas novamente,
Com estrondosos ais encaixa a porra;
Ela, que já no corpo o fogo sente
Do marsapo, lhe diz: «Queres que eu morra?
Tu não vês que me engasgo e que estou rouca,
Porque o cruel tesão me chega à boca?»

XXVII

«Ah! deixa-me tomar um breve alento,
Primeiro que rendida e morta caia...»
Mas ele, que na foda é um jumento,
Não tem dó da mulher, que já desmaia.
Sentindo ser chegado o fim do intento,
Do ranhoso licor lhe inunda a saia,
Porque dentro do vaso não cabia
A torrente, que rápida corria.

XXVIII

De gosto o vil cachorro então se baba,
E vendo que a mulher calada fica
«Consola-te (exclamou), que já se acaba
Esta fome voraz da minha pica.»
E com muita risada então se gaba
De lhe ter esfolado a roxa crica,
Mas ela grita, ardendo-lhe o sabugo:
«Ora que casasse eu com um verdugo!»

XXIX

«Fora, fora, cachorro, não te aturo,
Que me feres as bordas do coninho!»
E com desembaraço um teso e duro
Bofetão lhe arrumou pelo focinho.
Tomou em tom de graça o monstro escuro
A afrontosa pancada, e com carinho
Disse para a mulher: «Brincas comigo?
Pois torno-te a foder, por teu castigo.»

XXX

Estas vozes ouvindo, a desgraçada
De repente no chão cair se deixa
E, temendo a mortífera estocada,
Ora abre os tristes olhos, ora os fecha;
Com suspiros depois desatinada,
Da contrária fortuna ali se queixa,
Até que ele lhe diz, com meigo modo:
«Levanta-te do chão, que não te fodo.»

XXXI

Alma nova cobrou, qual lebre aflita
Que das unhas dos cães se vê liberta,
E apalpando a conaça (oh que desdita!),
Mais que boca de barra a encontra aberta;
Mas consola-se um pouco, e já medita
Em fugir da ruína, que é tão certa,
E em vingar-se do horrível brutamonte,
Ornando-lhe de cornos toda a fronte.

XXXII

Tem conseguido a bárbara vingança
A traidora mulher, como queria,
E o negro, com paciência branda e mansa,
Sofrendo os cornos vai de dia em dia.
Bem mostra no que faz não ser criança,
Que de nada o rigor lhe serviria,
Porque, se uma mulher quiser perder-se,
Até feita em picado há de foder-se.

XXXIII

Agora vós, fodões encarniçados,
Que julgais agradar às moças belas,
Por terdes uns marsapos que estirados
Vão pregar còs focinhos nas canelas,
Conhecereis aqui desenganados
Que não são tais porrões do gosto delas:
Que lhes não pode, enfim, causar recreio
Aquele que passar de palmo e meio.

NOTAS

1 — Notas a «Epístola a Marília», p. 43

A «Epístola a Marília», mais conhecida por «Pavorosa ilusão da Eternidade», circulou profusamente, de forma clandestina, na sociedade portuguesa. Estamos em presença de um manifesto iluminista que influenciou sobremaneira os intelectuais do País.

Recuperamos três refutações do poema de Bocage, uma da autoria de Francisco Joaquim Bingre, a segunda de Manuel Pedro Tomás Pinheiro e Aragão, sendo a última anónima.

I

Contra a Pavorosa

*Saiba morrer o que viver não soube
(Bocage, nos últimos momentos)*

Verdadeira Razão da Eternidade,
Que compreender não pode o homem finito
Abismado na tua imensidade!

Que Newton, matemático perito,
Pode medir as dimensões do espaço,
Se calcular não pode ele o infinito?

Por mais que um douto suba, passo a passo,
Chegar não pode ao fim seu pensamento:
Cai-lhe a régua das mãos, perde o compasso.

Vai topar co'as barreiras do portento,
Lá onde a pura Fé do Cristianismo
Encadeia o mundano entendimento.

A Crença do Romano Catecismo
No dogma fiel não tem medida:
Não tem álgebra alguma de algarismo.

A Razão tem limites na subida,
A ciência dos números não chega
Com seus vidros à máquina escondida.

A luz da Eternidade o homem cega.
Se crê no que vê só, e o que descobre,
A muito débil fio ele se apegas.

Deus, com portas de bronze, e ferro, e cobre,
Os seus tesouros fecha e as maravilhas
Mais raras, aos mortais, ao mundo encobre.

A sua imensidade não tem milhas
Com que possa uma vã Filosofia
Medir ocultas obras, suas filhas.

Que vale, pois, a cega Astrologia
Se ela apacenta só, no firmamento,
Os rebanhos da sua fantasia?

Além dele não pode haver invento:
Os compassos, os tubos, as esferas,
Quebram todos no etéreo pavimento.

Hão de as eras passar e volver eras
Sem ter diminuição a Eternidade,
Apesar de fantásticas quimeras.

Os incrédulos entes da Vaidade,
Quando entrarem no pélago profundo
Conhecerão, então, esta Verdade.

Verão que aquele mar é mar sem fundo,
Em que a sonda não acha onde ela possa
Pousar, como se faz no mar do mundo.

Quando o baixel da vista se destroça,
O náufrago, salvo da tormenta,
É que conhece a vã loucura nossa.

Quando na excelsa sala se apresenta
Do Sempiterno Ser, Autor Divino,
Vê que na imensidade ele se assenta.

Ali, no centro de um feliz destino
Adora quanto vê, e tem o gozo
De ver um Deus Eterno, imenso e Trino.

Também o triste humano desditoso,
Que padece sem fim eternamente,
Vê quanto o seu pensar foi fabuloso.

Do fundo do seu cárcere, gemente,
O descrido infeliz desventurado
Olha o gozo que tem o sábio crente.

Cristo disse ser bem-aventurado
O que crê e não vê, sem ser preciso
Meter a mão na chaga do seu lado:

A Fé é chave de ouro do Paraíso,
As portas abre dele, diamantinas,
Com dileto prazer, ao Bom Juízo.

Quantos males de péssimas doutrinas
De filósofos vãos, loucos descritos,
Não causam aos mortais cruéis ruínas!

Esses fátuos aéreos iludidos
São, por seus raciocínios, com que intentam
Trazer outros, também, a seus partidos.

Com sedutora lógica, que inventam,
Arrastam com seus falsos argumentos
Mil incautos, que o rancho lhe acrescentam.

Eles formam castelos sobre os ventos,
Pretendendo tirar, por consequências,
Que conhecem a fundo os elementos.

Mas podem matemáticas ciências
Profundar o Autor da Natureza,
Negando as suas divinais potências?

Um limitado ser pode a grandeza
Sondar do Imenso Criador dos seres,
Que ocupam toda a vasta redondeza?

Quem de Deus atacar quer os poderes?
O insensato, que nega a Eternidade,
Tenta os raios passar dos seus deveres.

Nós havemos de ter perpetuidade:
Eterna tem de ser, depois da morte,
Toda a raça imortal da Humanidade.

Embora o Materialismo ostente, forte,
Com sofismas, ardis, vãs subtilezas,
Que em morrendo não há boa ou má Sorte,

A nossa Religião desfaz levezas:
O verdadeiro crente não duvida
Do bem e mal de imortais certezas.

A Fé da Lei que sigo me dá vida,
Noutro mundo sem fim eternizada,
Permita o justo Céu seja a subida
Perpétua lá sem queda desgraçada!³¹⁸

Eis a refutação de Manuel Pedro Tomás Pinheiro e Aragão, a quem Bocage dedicou o soneto «Canta, não cales, atilado Almeno» (v. *Obra Completa de Bocage, volume I — Sonetos*, edição de Daniel Pires. Porto: Cai-xotim, 2004, p. 225).

II

Antipavorosa — Paródia Cristã

1

Fatal meditação da Eternidade,
Dos vivos ilusão, vida dos mortos,
Ou glória para sempre, ou sempre Inferno;

³¹⁸ In *Obras de Francisco Joaquim Bingre*, edição de Vanda Anastácio. Porto: Lello Editores, 2003, vol. v, pp. 178-181.

De desordens, de crimes opressora,
Não forjada por déspotas, por bonzos,
Mas sim por divinal credulidade;
Dogma infalível que o prazer arraigas
Quando a cizânia c'ò remorso arrancas;
Dogma infalível, favorável crença,
Digno prémio de peitos inocentes,
Das delícias gozando, que mal fingem
Impávidos à fúria Centímanos,
Que vomitando estão perpétua chama;
Superiores motejam seu engano
No limiar das Parcas, eis o quadro
Que observa em vivas cores a ignorância,
Igualmente a ciência em vivas cores,
Inda que eu por ciente só conheço
A quem teme os castigos no ameaço,
A quem teme tornar um pai tirano,
A quem lamenta inúteis suas preces,
Por mais que em giro ao trono ele as espalhe.
Teme o sábio que um Deus irado o fira,
E penitente vai, suplica a vénia
Ao despenseiro seu, nobre e sagrado,
Que ora as graças lhe abre, ora as ferrolha;
As graças que co'as leis da natureza
Se ligam sempre, eternas, necessárias,
E só quando a vontade as torna em crimes
Cruel desunião nelas fomenta;
Por vê-la rebelada lhe fulmina
Prisões suaves no jejum, cilício,
Que num geral conselho só lhe arbitra;
Humilde, pode ressarcir-se a bênção;
Soberba, porque quer desfadar-se
No jugo, que remata nas delícias,
Recai noutro maior, que a morte vende.

E inda dizem que Deus é vingativo,
 Se com razão sacode o raio ardente?...
 Antes te louvarei, porque não deste
 O justo prémio a muitos que, arrojando
 Contra si tremendíssima sentença,
 Julgam pela grandeza própria o crime
 E não querem fazer seu peito escravo
 No castigo, que afirmam ser-lhes duro!
 Será eterna a pena nesses peitos,
 Que dum Deus se não movem ao interesse
 E o desagravo indómito atribuem
 Menos ao Sempiterno do que a todos
 Temendo perdurar como a mesma alma,
 Verdades proferidas nos altares,
 Onde há satisfação e não cruezas.
 Vemos ali ministro venerando,
 Longe de renovar supostos ódios,
 Defendendo nos crimes a inocência,
 Primeiro recusando alto domínio,
 C'o peso superior por tempo incita.
 Ei-lo na honra altíssima abrasado,
 Com sangue apaga inundações de fogo,
 Testemunhas do zelo a voz e a espuma,
 Mandado por um Deus, tão bom como ele,
 Pede ao senhor não multiplique exemplos
 Com que já se consterna a fantasia!
 Vítima impura de outra vez no povo,
 Livremente seu povo entrega à morte,
 Defunto o servo, que esfriava os raios,
 Punia sem limite o Omnipotente;
 Inda lembra ao Sinai tremer-lhe a terra,

Quando Adonai³¹⁹ lhe intima seus decretos.
Ah! Moisés, que não podes ser astuto
Contra a pública voz que assim troveja!
O teu povo confessa os seus furores,
Quando, entregue de um Deus à justa raiva
Sua clemência, sucumbia à tua.
Na inteireza que tens, creio; confio
Que a tocha da verdade te precede,
Para mais deslumbrar aos que te ofendem;
Que se o ferro fatal já não se ensopa
No resto destas animadas cinzas,
Da lei da graça os divinais incensos
Por disfarçar a pena tornam surdos
À voz interna os que não creem no Inferno.
Tremenda lei, se a pena lhe retardas!
Mas se lha apressa executor profeta
Lhe acalma as iras, porque vai, difunde
O pavoroso medo nos sequazes
Do idólatra e espantoso fanatismo.
Convocam-se os levitas, os quais matam
Aos cúmplices de tal atrocidade.
Comprimida gemeu a Natureza;
Por um Deus, os consortes, pais e filhos
Com seu sangue as espadas, vestes tingem;
Recobra o pai quem faz o parricídio,
E aos campos, que de vítimas se alastram,
Chovem mil novas graças como em rios.
Acalmada a justiça a teus clamores,
Por honra do teu Deus, servo sedento,
Co'um só estrago evitas mil estragos,
Ferrando a todos do leão as garras.
E tu, ímpio, as blasfêmias que derramas
Escusa, lendo a história dos tiranos.

³¹⁹ Deus, em hebraico.

Os de Israel não foram que este exemplo
Tomaram por fazer pesado o jugo;
Por uma vil paixão, cruel, não manches
Os direitos de um Ser eterno, augusto.
De um Deus real Moisés real valido
Deu cultos à verdade, corte ao génio
E código de leis mais necessário
Deu a todos que a bem de si o imitam,
Prova fiel de que um Deus senhor existe.

3

O quadro original eis, ó Marília,
Em que a verdade há tempos anda envolta,
Sem que pincéis deslustrem desses tempos
Os que fiéis copiam pincéis nossos.
Tradição verdadeira desarraiga
Toda a suspeita de falaz doutrina,
Quando entre mil e mil preocupados
Nos podemos supor de hórridas sombras,
Formando povo, juram que a piedade
Existe em Deus, inda quando te flagela.
Não julga o ímpio assim, que todo é fogo,
Que o Deus tem nas paixões e vive d'elas;
Forma um Nume, que ao seu ditame ajusta,
E por ele regula a infeliz vida.
Simulacro libérrimo e suave,
Dirige a seu exemplo as ações todas
E, entanto que se escuta a natureza,
Vai fugindo a razão e cega a muitos.
Ambas, sendo guiadas, não diferem,
Dos factos aos reflexos só conduzem;
E a mesma, que socorre ao indigente,
Que alenta, que consola o triste aflito,
A mesma em si reflete consternada
Quando algum seu aluno entrega os pulsos,

Voluntário de amor, às vis algemas.
Amor que uma inspirou, ambas aprovam,
E ambas murmuram aliás da insânia,
Que os humanos coloca a par dos brutos,
Queda, vício total que os desacorda,
Do qual preocupados, uns aos outros
Invencíveis motivam feros males.
Ah! Não sejam, Marília, nossas mentes
Tomadas do ditame em que jaz crime!
Do remorso a lembrança evite a culpa;
Um Deus, em nosso bem benigno, existe,
Que te pode escudar o pensamento
Ao golpe do que frágil se arrepende.
Não são aos atos intenções opostas,
Antes estas àqueles dando exemplos
Na contemplação própria culpam a alma.

4

Suplemento d'ação, faz doce encanto
O que antes era objeto de terrores
E, convertido num final interesse,
Emprega a bem dos crentes a astúcia.
Oxalá, doce amada, que no Inferno
Não padecesse o pensamento angústias
Do crime o galardão, merecido prêmio!
Que eu de amor aos fatídicos embustes
Me entregara por ti, se o não houvera!
Além de contemplar-te, deusa bela,
Novo altar te formara em minha mente.
Mas, ah, que a minha lei, se rigorosa,
Mostra um semblante no ext'rior severo,
Seus nobres fins a tornam jugo amante,
Concedendo-me em doce ajuste sacro
A posse eterna do que pinta a ideia!
Em teus dotes mais ricos do que o mundo
Tu bem podes gravar pacto solene,

Que é desejado mais quando te esquivas,
Porque o pejo inocente foge ao laço
Que inculcando te estou, te estou pedindo.
Sacra aliança pedem teus direitos
Por beleza e traição só extorquidos.
Aprova ternamente o jus paterno
A chama, quando pura se afogueia.
Então desfrutarás da liberdade,
Quando maior sentires este jugo³²⁰

.....
Quando quer sustentar que amor com guardas
Influências não pode ter propícias,
Emudeça também o louco Elmano,
Que ignora do seu Deus os santos lares
E que solenizar a união de almas
Dando por testemunhas venerandas
As trevas, apesar que nada sejam.
Deixado o sacerdote, ampliado o templo,
Celebra o matrimónio em toda a Terra.
Quem faz caso, porém, de seus transportes?
Seu coração ao menos desafogue
Em proclamar, mas porque não incita
O vedado prazer de horrível nome.
E querendo render nossas vontades
Co'as falsas persuasões, que mal recebem,
Na religião pretende amortecer-te,
Porque possa apetite aviventar-te.
Ah! Que não se propõe ser teu amante
Quem quer na confusão de mil suspiros
Tão infeliz fazer-te quanto é ele!
Entretanto, Marília, não te prives
Doutras estimações de quem te adora;
Na minha lei tu podes ser amada

³²⁰ Afirma Inocêncio Francisco da Silva: «Na cópia que temos presente falta o seguinte verso.».

E amares, se à razão não fores surda.
Meu coração de ver-te enfeitiçado
Emprega provas mil suas e minhas,
Por que ames, sem deixar de ser ditosa.
Deve a religião guiar teu gosto,
A lembrança final desterre o crime,
Que, apesar do vicioso que pregoa,
Existem Céus, existe o negro Inferno;
Laureia-se naqueles a virtude,
Arderá neste para sempre o vício³²¹.

III

Eis uma terceira refutação, esta não assinada:

Epístola ao autor da «Pavorosa»³²²

Sacrílego impostor que, renovando
Os antigos delírios da ignorância,
Mil vezes felizmente refutados,
Pretendes iludir a inocência,
Fabricando um sistema monstruoso,
Incrível mesmo aos olhos da impiedade:
Quando a mão temerária assim levantas
Contra o dogma fatal da eternidade,
Aviltando o teu ser, dize, profano,
Não te grita a razão — «Suspende o braço?»
Esse Deus que confessas amoroso,
Deus de paz, pai dos homens, não flagelo,

³²¹ *Epístola de Manuel Maria Barbosa du Bocage a Marília com a sua resposta em frente com os mesmos terminantes*, por Manuel Pedro Tomás Pinheiro e Aragão. Apresenta como data o «anno de 1798». Cota da Divisão de Reservados da Biblioteca Nacional: Ms. 249, n.º 46.

³²² Adotámos a lição que se encontra nas *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, edição de Inocêncio Francisco da Silva. Bruxelas: s. n., 1854, pp. 186-192.

Como esses atributos desempenha
Com frouxa indiferença submergindo
No embrião do nada aqueles entes
Em que quis esculpir a sua imagem?
Onde estará o amor, onde a ternura
Desse Ente nosso pai? Em ter criado
De moto próprio uns miseráveis entes,
Que, depois de passarem oprimidos
Sobre este globo cheio de trabalhos,
Devem ser outra vez depois da morte
Reduzidos ao nada? Dize, infame,
O que vale a virtude, essa virtude
À custa de mil lágrimas comprada,
Se a alma não passa além da sepultura,
Onde só pode achar a recompensa?
Para que o feio vício é condenado
Que os sentidos encanta e lisonjeia?
Se da nossa existência é o sepulcro
O novíssimo termo, é impiedade
Contrastar o apetite, e devem todos
Às ávidas paixões largar as rédeas,
Pois mais felicidade não se espera.

Réu de tais sentimentos e dos crimes
Que são deles precisas consequências,
Atreves-te a chamar sonho e quimera
Esse lugar terrível, que desejas
Não existisse para teu flagelo!
Dogma fatal, mas dogma necessário,
Cujas existência só negar se atreve
Quem pondo-se ao nível dos mesmos brutos
A razão, como tu, tem degradado!
Dize, infeliz: se o homem virtuoso
Vês sem estimação, sem recompensa,
Lutando co'a desgraça, em dura guerra
Com as suas paixões continuamente,
Se o vês dos orgulhosos oprimido,
Da miséria arrastando as vis cadeias

E os flagelos sofrendo da injustiça,
Dirás que o justo Deus adormecido
Lhe não reserva digna recompensa
De o chamar ao seu seio, repartindo
Com ele os dons da doce eternidade?
Se o ímpio vês, pisando impunemente
As santas leis aos pés e da ventura
Os favores gozar, se o vês honrado
E talvez recebendo inda favores
Por oprimir a cândida virtude
Dos que gemem debaixo do seu trono;
Se leis não pondo ao ávido apetite,
Goza satisfação, que tanto prezas,
Dirás que o mesmo Deus deixa impunida
Por frouxidão a sua iniquidade
E que lhe não destina calabouços
Onde a pena receba de seus crimes?
O estado feliz das almas justas,
Nem de Deus fora digna, nem perfeito,
Se, sendo limitado a algum espaço,
Não se estendesse a toda a eternidade;
Pois que durante nela essa virtude
Porque alcançaram esse dom supremo
É conforme à justiça que em Deus seja
O prémio assim também continuado.
Pelos mesmos princípios são eternos
Os castigos do ímpio — um juiz justo
Não pode perdoar um crime grave,
Se dele o agressor não se arrepende.
Nos precitos há sempre pertinácia,
E por isso serão eternamente
Da justiça divina castigados.
Aos santos livros... porém, não profanes
Co'a ímpia mão as páginas sagradas,
Que estas tristes verdades nos revelam;
Só chegar deve a este santuário
Quem, cheio de temor e de respeito,

As palavras adora, que ele encerra.
Para te confundir, a outras fontes
Mais dignas de teus vis impuros lábios
Por tua confusão quero guiar-te,
Por que vejas que o cego gentilismo,
Falto das luzes santas do Evangelho,
Por entre as grossas trevas da ignorância,
O dogma conheceu, que tu condenas.
Ouve Platão, que manda os assassinos
Para o Tártaro negro e tenebroso,
Onde diz que os tormentos são eternos.
De Sicione ao filósofo pergunta
Quem te ensinou que havia dois lugares
Para o prémio e castigo além da morte?
Ouve Plutarco, que esta mesma crença
Com a maior clareza te anuncia;
Lê finalmente gregos e romanos,
Egípcios e caldeus, verás em todos
Este lugar ao vivo retratado,
Verás gemer Sísifos carregados
C'ò peso rude de infernais penedos;
Prometeus oprimidos de cadeias,
Tícios de abutres feros devorados,
Tântalos e outros mil que, submergidos
No abrasado Báratro, nos pintam.
São fábulas, eu sei; mas esta ideia,
Posto que com ficções, desfigurada,
Só de uma tradição a mais antiga
Podia deduzir a sua origem.

 Escravo das paixões a que te entregas,
Pretendes, temerário, colocá-las
Par a par da virtude, blasfemando.
De quem por torpes vícios as condena?
Aprende a defendê-las, ignorante;
Verás que da razão sendo inimigas
Não se podem livrar de ser culpáveis.
Perdendo a graça, dize, fementido,

Qual é o meio de reivindicá-la?
Duvidas de que o sumo sacerdote
Para estes infelizes naufragantes
Da penitência não deixou a tábua?
Duvidarás que foi aos sacerdotes,
A quem deu o poder ilimitado
De atar e desatar os criminosos?
Se não duvidas, debes confessar-lhe
Que antes de proferirem a sentença
Devem primeiro conhecer a culpa.
Ajoelha, profano, mentecapto,
Ante este tribunal, de que escarneces,
Fonte de graça, que te fugiu d'alma.
Respeita nos ministros que a despendem,
Não as suas fraquezas, que são homens,
Mas aquele de quem são comissários.
Não é Deus opressor, não vingativo,
Por vibrar com a dextra o raio ardente
Contra os que seguem, como tu, com fúria
Da carne os criminosos movimentos,
Que sua lei, tua razão condenam.
Dizes que a punição excede o crime;
Blasfemo que tu és! Pisa, se podes,
Da ofensa a infinita gravidade,
E verás que o castigo não excede.

Apóstata infeliz, como te atreves
A tratar de tirano o Onnipotente,
O Deus, que no Sinai, envolto em glória
Santas leis d'Israel ditou ao povo?
Achas indigno delas o extermínio
Desses torpes idólatras, mil vezes
Ingratos de seu Deus aos benefícios?
Árbitro absoluto dos viventes,
Não pode, prescindindo inda da culpa,
As vidas acabar, que lhe pertencem?
E concluis daqui que o seu ministro,
Moisés incomparável, foi um monstro

De furor, impostura e fanatismo?
Alucinado monstro, onde bebeste
Para tua desgraça tal doutrina?
Podia um impostor fender as águas
Com a força enganosa dos prestígios,
Fazendo pelo leito do mar Roxo
Caminho só aos peixes conhecido?
Poderia de um árido rochedo
Só com o leve toque de uma vara
Fazer sair uma abundante fonte
Para o povo com sede fatigado?
Seria a sua astúcia só bastante
Para outros mil prodígios desta ordem,
Em que de Faraó os mesmos magos
Confessaram andar de Deus o dedo?
Vai ler sem prevenção os seus escritos,
Que são retratos os mais vivos d'alma,
Neles descobrirás quanto é diverso
Aquele original da negra cópia
Que desenhou a tua mão indigna
Por fascinar os olhos da inocência.
Lê nos mesmos pagãos os elogios
Que soube merecer-lhe o seu carácter,
Já que da santa Igreja os testemunhos
Indigno desertor assim desprezas.
Para enganar a crédula inocência,
Que seduzir pretendes insensato,
Confundes o amor, que Deus ordena,
Com aquela paixão, aquela insânia,
Que arrasta os homens ao nível dos brutos?
Que ideia, dize, tens da Divindade?
Confessas que é delito aos semelhantes
Traçar danos cruéis, injustos males,
E pretendes sem culpa assassinar-lhe
A virtude, roubando-lhe a inocência?
Indigno, inconsequente, mentecapto,
Das luzes da razão abandonado,

Que dogmatizar queres vãos delírios,
Uns a outros opostos e que ofendem
Natureza, Razão e Divindade;
Degradas o teu ser, não consentindo
Que haja além do sepulcro Eternidade;
Aviltas a Razão, supondo-a digna
De aprovar teu delírio extravagante;
A Divindade ofendes, quando a pintas
Com atributos que lhe são contrários.
Esconde a face, e nunca as claras luzes
Vejas do Céu, cuja existência negas;
Sepultado nas trevas da ignorância,
A que te guiam voluntários erros,
Costuma-te aos horrores desse abismo
Em que, apesar de o teres por quimera,
Confessarás um dia, mas já tarde,
Não ser uma ilusão a Eternidade.

Conhece-se ainda uma outra composição, cujo autor se inspira na «Pavorosa ilusão da Eternidade». Intitula-se *A Pavorosa — Epístola (em 2.ª Mão) dirigida a Sílvio* e foi publicada em Lisboa, na Oficina da Viúva Silva e Filhos, em 1837, 15 p. O seu autor, W. Y. W., desfere um ataque violento e pouco criativo à maçonaria.

«NOJENTA PROLE DA RAINHA GINGA», p. 115

À semelhança de Inocêncio Francisco da Silva, transcrevemos alguns sonetos que constituem ataques violentos a Bocage, desferidos pelos seus rivais da *Nova Arcádia*.

1

Esqueleto animal, cara de fome,
De Timão e chapéu à holandesa,
Olhos espantadiços, boca acesa,
Donde o fumo que sai a todos some;

Milagre do Parnaso em fama e nome,
Em corpo galicado alma francesa,
Com voz medonha, língua portuguesa,
Que aos bocados a honra e brio come;

Toda a moça que dele se confia,
É virgem no serralho do seu peito;
Janela que se fecha, putaria!

Neste esboço o retrato tenho feito:
Eis o grande, o fatal Manuel Maria,
Que até pintado perde o bom conceito.

Anónimo

2

Há junto do Parnaso um turvo lago
Aonde em rãs existem transformados
Os trovistas de cascos esquentados,
Cérebro frouxo ou de miolo vago;

Por mais infâmia sua e mais estrago
Doou-lhes Febo os ânimos danados,
P'ra que exprimam em versos desasados
Os seus destinos vis, nos quais eu cago.

Aqui Bocage vive, e daqui ralha
E co'a tartárea língua pontiaguda
Bons e maus, maus e bons, tudo atassalha;

É vil inseto e o génio atroz não muda,
Bem como a escura cor não muda a gralha
E o hediondo fedor não perde a arruda.

Joaquim Franco ³²³

3

Enquanto a rude plebe alvoroçada
Do rouco vate escuta a voz de mouro,
Que do peito inflamado sai d'estouro
Por estreito bocal desentoada,

Não cessa a cantilena acigarrada
Do vil inseto, do mordaz besouro,
Que à larga se criou por entre o louro
De que a sábia Minerva está c'roada;

Enquanto o cego ateu, calvo da tinha,
Com parolas confunde alguns basbaques,
Salmeando a amatória ladainha,

Eu não me posso ter; cheio de achaques,
Cansado de lhe ouvir — «Bravo, esta é minha!»
Cago sem me sentir, desando em traques.

Anónimo

³²³ O padre Joaquim Franco Freire Barbosa, inimigo contumaz de Bocage na *Nova Arcádia*.

Morreu Bocage, sepultou-se em Goa!
 Chorai, moças venais, chorai, pedantes,
 O insulso estragador dos consoantes,
 Que tantos tempos aturdiu Lisboa!

Por aventuras mil obteve a c'roa
 Que a fronte cinge dos heróis andantes;
 Inda veio de climas tão distantes
 À toa vegetar, versar à toa.

Este que vês, com olhos macerados,
 Não é Bocage, não, rei dos brejeiros,
 São apenas seus ossos descarnados:

Fugiu do cemitério aos companheiros;
 Anda agora purgando seus pecados
 Glosando aos cagaçais pelos outeiros.

Belchior Manuel Curvo Semedo³²⁴

Impondo duração além das eras
 Nume te eriges, fanfarrão Bocage,
 Envesgando raivoso o vasto mundo
 Ante o teu trono serpeando a medo;
 Usurpador de louros soberanos,
 Ah! Não aviltes o Apolíneo sólio
 Em que é dado reinar a augusto vate,

³²⁴ Arqui-inimigo de Bocage, cuja denúncia à Intendência-Geral da Polícia contribuiu para o encarceramento do escritor.

Que equilibrando na invenção madura
Potente frase, se abalança aos astros,
Até c'os deuses praticar soberbo.
Os títulos sagrados me apresenta
Com que alardeias, profanando Apolo:
Esse idílio³²⁵ que tens em grã portento,
Pensas te salva da voragem eterna?
Fale o Tritão, que tu fizeste anfíbio,
Pondo-o na terra, namorando a ninfa.
Sonetos, glosas lhe atrais louvores,
Cheios de vento, que empanturra o Paula³²⁶;
Peco epigrama, que afugenta o riso,
Fábulas tuas, traduções franjadas;
Essas cantatas de Parny são roubos,
Em que sedento de invenção campeias.
Mas, Tântalo febeu, em vão cobiças
À custa alheia eternizar teu nome.
Busco debalde ação nas obras tuas,
Que o desejado fim demande altiva;
És emprestado vate: Itália o diga,
Fale a Gália também, donde saqueias
Sem ter pejo os relâmpagos de glória.
Tentas medir-te c'ò soberbo Ovídio,
Na apoquentada epígrafe acoutado
Dessa sem par metamorfose eterna
Aonde o triste pensamento enjoa,
Pela enfadonha sonolenta frase!
Nas sátiras não falo venenosas
Em que impera a calúnia, sócia tua,
Ou te divertes com tremendas caras,
Com trombas que se vão sumindo em lenços,
Ou proferindo como sempre, à toa

³²⁵ Bocage compôs dois idílios marítimos: «Tritão» e «A Nereida».

³²⁶ O Morgado de Assentiz (1769-1847), admirador de Bocage.

Mais outros chochos palavrões insossos
Com que há pouco louvaste o Ersáunio³²⁷ verme,
Porque falar só dele é dar-lhe a vida.
Tu lhe mandas sequer desprenda um verso,
Um pensamento eu só te peço ao menos,
Que nas asas do metro e sentimento
Não toque ouvidos só, como os teus versos,
Mas súbito alvorote o peito arfando;
Eco de autores, pequenino Elmano,
Sonoroso, monótono, apoucado,
Que não sabes tirar pulsando a lira
Som que arremede a voz da natureza,
Hiperbólico autor desesperado
D'ocas repetições as obras matas,
Coalhas a podre, insuportável massa.
Métrico impulso te flameja a mente;
Mas olha inda o declive em que és por ora
De remontar à brilhadora esfera!
Para colher no Pindo egrégio louro
Não basta deslizar canoro acento,
Soltando de improviso o dique às vozes.

Mas debalde minha alma se afadiga,
Que os meus conselhos só te valem risos;
Porém, desabafei, mostrei-te aos pangas,
Que embasbacados te laureiam nume,
Qual o pastrano camponês papalvo,
Pasma, encarando da cidade os nadas.

Anónimo [Belchior Manuel Curvo Semedo]

³²⁷ António Crispiniano Saunier, fustigado por Bocage na composição «Besta e mais besta! O positivo é nada.».

A personalidade e a obra de José Agostinho de Macedo foram severamente criticadas por aqueles que sofreram os seus ataques verrinosos e por pessoas que se encontravam nos antípodas das suas opções político-sociais.

Eis um soneto que, embora já tenha sido atribuído a Bocage, não lhe pertence, pois foi composto em 1808, três anos depois do seu falecimento. Deverá ter sido composto por Nuno Álvares Pereira Pato Moniz, como sugere Inocêncio Francisco da Silva³²⁸.

Cortando dez sermões a canivete³²⁹
E roubando uma inteira Livraria³³⁰,
Acompanhando a corja que assobia³³¹
E dando à mãe dois murros no topete³³²;

De arrieiro na estrada andando ao frete³³³
E cosendo comédias à Maria³³⁴,
Empregado vilmente como espia³³⁵,
Entregando o doutor que em casa o mete³³⁶,

³²⁸ *Memórias para a Vida Íntima de José Agostinho de Macedo*, Lisboa: Academia Real das Ciências, 1899, pp. 427-428. As respetivas notas foram integralmente transcritas desta obra. O poema foi publicado pela primeira vez em 1816, no vol. 17 do *Correio Brasileiro*.

³²⁹ Faz o corpo de delito um Sermonário italiano da Livraria de S. Francisco da Cidade.

³³⁰ A dos Paulistas.

³³¹ O exército da Pedrada da Penha, que comandava o general luneta, D. Tomás de Almeida; o general do exército oposto era um preto caiandeiro.

³³² Quando saía de pregar na Igreja de Santa Isabel, a mãe saiu-lhe ao encontro a pedir-lhe esmola e ele deu-lhe dois socos.

³³³ Sendo mandado prender pelo Manique. Variante: «Andava tocando burros na Outra Banda quando foi preso pelo Manique.».

³³⁴ Maria da Luz, cómica do Teatro da Rua dos Condes, de quem era amante.

³³⁵ No tempo do intendente Lucas de Seabra da Silva. Esta nota permite-nos concluir que, considerando as relações de Bocage com a família Seabra da Silva, este poema não lhe pertence.

³³⁶ O Sepúlveda, acusado na intendência de pedreiro-livre.

Nos púlpitos fazendo alto berreiro,
Sem lei, com as leis metendo aos outros medo,
E à toa descompondo o mundo inteiro³³⁷,

Eis como vive num perpétuo enredo,
Para tudo o que é mau sempre em terreiro,
O fofo ex-frade, que se diz Macedo³³⁸.

Sobre o fracasso da encenação de *Zaída*, peça de José Agostinho de Macedo,
Nuno Álvares Pereira Pato Moniz, delfim de Bocage, compôs o seguinte soneto:

O bochechudo ex-frade, que tem proa³³⁹,
Tragicamente alinhavou *Zaída*,
Que por ignota facha apetecida
Adornou Muratão de córnea c'roa;

Sai da terrina³⁴⁰, horrores apregoa
Berrador Saladino, alma perdida;
Zurra Mirreno, cai o par sem vida,
E em vez de pranto a gargalhada soa.

Por um triz esperando a pateada
O reverendo autor, que foi roupeta,
Deu logo ao demo a trágica salsada,

Mas em tais casos sentimento é peta;
Quem havia chorar, vendo estirada
Por ordem do esqueleto uma esqueleta?³⁴¹

Pato Moniz

³³⁷ Sempre foi o seu argumentar.

³³⁸ O seu verdadeiro nome é José Agostinho Teigueira.

³³⁹ Publicado por Inocêncio Francisco da Silva em *Memórias...*, *op. cit.*, pp. 181-182.

³⁴⁰ «O túmulo de Saladino era (diz-se) feito à feição de uma terrina», nota de Inocêncio Francisco da Silva.

³⁴¹ Josefa Teresa Soares, que desempenhou o papel de Zaída, era extremamente magra.

Eis uma paródia a este soneto, eventualmente de José Anselmo Correia de Campos:

Não lamentos, Alcino, o teu estado,
Corno tem sido muita gente boa,
Corníssimos fidalgos tem Lisboa,
Milhões de vezes cornos têm reinado:

Sicheu foi corno, e corno de um soldado,
Marco António por corno perde a c'roa,
Anfitrião com toda a sua proa
Na fábula não passa por honrado;

Um rei Fernando foi cabrão famoso
Segundo a antiga letra da *Gazeta*
E entre mil cornos expirou vaidoso:

Tudo no mundo é sujeito à greta;
Não fiques mais, Alcino, duvidoso
Que isto de ser corno é tudo peta.

Nas suas notas, Inocêncio incluiu algumas composições que apresentam uma temática idêntica à deste soneto. O primeiro é da lavra do frade paulista José Botelho Torresão, que faleceu em 1806; o segundo de José Caetano de Figueiredo, oficial-maior da Junta do Comércio, e o terceiro de Filinto Elísio, sendo os restantes anónimos.

1

Do trono excelso nos degraus sagrados
D'Assis o patriarca ajoelhara;
E consta que d'esta arte se queixara
Ao Deus que rege o Céu e move os fados:

«Grande Deus, com que pejo relaxados
Vejo os filhos que outrora abençoara!
Já entre eles o vício se descara,
Já de Cristo não são, da fé soldados!

Eu te rogo, Senhor, que aos loucos brades,
E lhe avives a fé no Paraíso!...»
Riu-se Deus, e lhe disse: «Não te enfades:

Frades não fiz, de frades não preciso;
Quando o mundo souber o que são frades,
Há de extingui-los, se tiver juízo.»

José Botelho Torresão

Encontrei certo Leigo franciscano,
Com os olhos no chão, pedindo esmola;
Dos ombros lhe pendia alva sacola,
Celeiro que dá pão p'ra todo o ano.

Queria o leigo armar-me um belo engano
E fazer-me cair na corriola;
Mas eu, que sigo esta moderna escola,
Só chicote daria ao tal magano.

Como é possível que a nação contente
Mantenha ufana, e liberal socorra
A tão inútil e ociosa gente?

Eles têm que comer à tripa-forra;
Eu, por mais que trabalhe, ando indigente:
Se o torno a encontrar, dou-lhe co'a porra!

José Caetano de Figueiredo

Cristo morreu há mil e tantos anos,
Foi descido da cruz, logo enterrado,
E inda assim de pedir não têm cessado
Para o sepulcro dele os Franciscanos!

Tornou a ressurgir dentre os humanos,
Subiu da terra ao Céu, lá está sentado;
E à saúde dele sepultado
Comem à nossa custa estes maganos.

Cuidam os que lhes dão a sua esmola
Que ela se gasta na função mais pia...
Quanto vos enganais, oh gente tola!

O altar-mor com dois cotos se alumia;
E o fradinho co'a puta que o consola
Gasta de noite o que lhe dais de dia.

Filinto Elísio

4

Padre Frei Cosme, vossa reverência
Se engana, ou enganar-nos talvez tenta:
Quem as riquezas dá, quem nos sustenta,
Não é de Deus a suma providência?

Pois logo com que cara ou consciência
Esmola pede e arrepanhar intenta
Para o Senhor da Paz, ou da Tormenta?
Tem Deus do home' acaso dependência?

Tire a máscara pois, largue a sacola,
E deixe o povo, a quem impunemente
Em nome do Senhor escorcha e esfola:

À viúva deixe a esmola, e ao indigente;
E não queira, hipócrita farçola,
Foder à custa da devota gente.

Anónimo

Língua mordaz, infame e maldizente,
 Não ouse murmurar do bom prelado,
 Inda que o vejas com Alcipe ao lado,
 Amiga não será, será parente.

Geral da Ordem, pregador potente,
 No jogo padre-mestre jubilado,
 É também caloteiro descarado
 Pode ser que o repute alguma gente.

E que te importa que forniqe a moça?
 Que pregue o evangelho por dinheiro?
 Que em vez de andar a pé ande em carroça?

Talvez que nisso seja um verdadeiro
 Dos monges exemplar, da Serra d'Ossa,
 Pois que dos monges é hoje o primeiro.

Anónimo

«NÃO TE CRIMINO A TI, PLEBE INSENSATA», P. 125,
 NOTA DE INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA

«Junto à porta de Alconchel, na cidade de Évora, vivia na companhia de seus pais, uma beata, moça de 22 anos e de muito bons bigodes, chamada Ana de Jesus Maria.

Esta serva do Senhor fora por algum tempo confessada de Fr. João de Santa Eufrásia, da Ordem dos Carmelitas Descalços e morador no Convento dos Remédios da mesma cidade; porém, morrendo este, tomou-a debaixo da sua direção espiritual um Fr. Félix, que, passados tempos, teve de ausentar-se da cidade e, antes da sua partida, trespassou a beata a outro masmarro da sua Ordem. Este último, satisfeito em extremo de tão bela aquisição, dava a Deus contínuos louvores por tê-lo ali enviado, a fim (segundo ele dizia) de dirigir e encaminhar para a bem-aventurança

aquela alma predestinada, cujas singulares virtudes apregoava por toda a parte à boca cheia.

Depois de terem ambos abusado por algum tempo da credulidade e fanatismo, não só do vulgo ignorante mas até de indivíduos de mais elevada esfera, que por suas circunstâncias deveriam julgar-se fora do alcance de tão ridículas sugestões, entenderam o frade e a confessada que podiam levar a audácia mais longe e concertar entre si uma farsa, de que esperavam colher um resultado maravilhoso. Começaram pois a assoalhar entre os seus conhecimentos que por divina revelação fora anunciado à beata que no dia de São Miguel, 29 de setembro de 1792, pelas nove horas e meia da noite, havia de infalivelmente morrer, querendo Deus chamá-la a si no próprio instante em que completava os seus 22 anos. A notícia desta espécie de profecia espalhou-se velozmente por toda a cidade; isso era o mesmo que os interessados desejavam, e grande número de pessoas, preocupadas pela opinião de virtude da santinha, aguardava ansiosamente o cumprimento da promessa divina. Chegado que foi o dia em que devia realizar-se o vaticínio, o arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, que era, ou fingia ser, um dos que mais acreditavam nos embustes da beata e do seu diretor, quis autenticar o milagre, de modo que não ficasse lugar para as dúvidas dos incrédulos. Mandou portanto sair da casa da santa o padre confessor e o prior do convento, seu fiel companheiro; e ordenou a quatro clérigos da Sé que alternadamente assistissem dois a dois à beata, dia e noite, até chegar a hora profetizada, para serem testemunhas do seu miraculoso trânsito.

Cumpriram os clérigos a determinação do prelado; e tudo correu na melhor ordem. Porém, vendo que o prazo prometido era passado e que a santinha se conservava de perfeita saúde, sem que apresentasse o mais leve indício de uma morte próxima, entenderam que deviam retirar-se; despediram-se dela, e abalaram para suas casas. Ainda bem não tinham cruzado a porta e já o pai da menina corria após eles, a anunciar-lhes que naquele mesmo instante dera a alma ao Criador! Voltaram atônitos os bons clérigos, pesarosos sem dúvida de não terem presenciado o prodígio; acharam-na com efeito já amortalhada no hábito de Santa Teresa; e para ser mais cabal o milagre, tinha as mãos e pés estigmatizados com chagas semelhantes às do nosso divino Redentor!

Quem ousaria ainda duvidar da verdade, depois de tão claramente manifestada? Os clérigos prontamente se persuadiram e correram logo a levar ao arcebispo a notícia do sucesso.

Entretanto apareceu o padre confessor, declarando aos circunstantes, que já começavam a afluir, ter sido ele o mesmo que do convento impusera preceito à santa para que morresse, logo que os clérigos saíssem; porquanto sem permissão dele o não podia fazer. Apresentou-se em seguida a comunidade de cruz alçada e começou a alterar com o pároco de Santo António acerca de quem levaria aquele bendito corpo para a sua igreja. O povo amotinado corria em chusma para a casa da beata; todos pretendiam ver com os próprios olhos tão estupenda maravilha...

Eis que o frade começa a pregar com grande ânsia, preconizando a defunta pela maior de todas as santas nascidas em Portugal; narrou um milhão de suas virtudes e milagres; afirmou a todos que Deus estava nela; disse-lhes que a adorassem e, finalmente, para mais entusiasmar os pios ouvintes, volta-se para a bisbilhoteira que jazia amortalhada e diz-lhe:

— «Ana! Em virtude da santa obediência, abre os olhos.» (E ela os abriu, tamanhos como duas cebolas.)

— «Ana! Cruza os braços!» (E a defunta, que os tinha estendidos, os cruzou efetivamente.)

— «Ana! Abençoa os que aqui estamos!»

E ela assim o fez.

Mandou-lhe que declarasse onde estava; ela respondeu que já tinha ido ao Céu e que lá encontrara Fr. João de Santa Eufrásia, que estava dizendo missa, o qual lhe dera a chuchar metade do cálice! Finalmente, satisfazia com presteza a tudo o que o frade lhe ordenava.

Os espetadores, enternecidos à vista de tantos prodígios e lavados em lágrimas, começaram, humildes, a beijar-lhe os pés, tocando lenços, contas e verónicas nas suas chagas.

Repicaram-se os sinos por todos os campanários da cidade; começaram de afluir em tropel os coxos, cegos e paralíticos, que vinham com muitas lágrimas implorar o remédio para seus males: mas, infelizmente para eles, saíam como entravam.

Crescia de ponto a devota multidão e com ela a desordem, até que as autoridades trataram de providenciar, mandando vir tropa, que pôs fora a todos, com promessa de voltarem, ficando afinal sós na casa o pai e a mãe com a suposta defunta. O oficial que comandava a tropa, tendo-se retirado para baixo, chegou, porém, passado algum tempo casualmente à porta; e, como ouvisse rumor de vozes no quarto onde jazia a santa amortalhada com tochas acesas, empurra a porta de repente, e acha-a sentada muito à vontade,

conversando sem cerimónia com o pai e a mãe. Ela, mal que o viu, estendeu-se novamente e deixou-se morrer outra vez, querendo sustentar a impostura; e os pais, com toda a presença de espírito, contaram ao oficial que sua filha lhes estava declarando o lugar em que no Convento dos Remédios queria ser sepultada. Aquele, que já desconfiava de tanta maranha, deu logo parte do facto ao Arcebispo. Vieram médicos e acharam-na mais viva que o azogue!

Descoberta a impostura, o povo amotinou-se novamente; mas desta vez com o intento de dar cabo da beata, a quem não podiam perdoar a ilusão em que haviam caído. Afinal foi mandada presa para o recolhimento de Santa Marta. O reverendo padre confessor fugiu, e todos os seus confrades foram suspensos das Ordens e degradados para um convento do Algarve. Tudo, porém, ficou impune, porque, passado algum tempo, a beata saiu do recolhimento e casou com um soldado, e os frades regressaram para o seu convento, não se falando mais em tal.

Se a devota pantomima tivesse ido para diante, é provável que mudariam a moça para alguma cela e que desta saíssem para a roda netos de Santa Teresa; como o corpo havia necessariamente de desaparecer do lugar do depósito, os frades fariam crer à pobre gente que ela subira ao Céu em corpo e alma. Que novo ramo de comércio tão lucrativo para a comunidade e tão proveitoso para as beatas bonitas! E quantas destas se terão engolido no mundo!»

Miguel Tibério Pedegache, que conheceu Bocage no quartel de Setúbal, quando o poeta ali assentou praça aos 16 anos, compôs dois sonetos sobre este caso de gritante impostura clerical:

1

De c'roa virginal a frente ornada,
Em lúgubres mortalhas envolvida,
A beata fatal jaz estendida,
De assistentes contritos rodeada.

Um se tem por já salvo em ter chegada
Ao lindo pé a boca comovida;
Outro protesta reformar a vida;
Porém, ela respira, e está corada!

Que é santa, e que morreu com juramentos
Afirma audaz o façanhudo frade,
E que prodígios são seus movimentos.

O devoto auditório se persuade:
Renovam-se os protestos e os lamentos;
Triste religião! Pobre cidade!

2

Acredite, sentado aos quentes lares
Nas noites invernosas de janeiro,
Lendo em Carlos Magano o sapateiro
As proezas cruéis dos doze Pares;

Creiam que vêm as bruxas pelos ares
A chupar as crianças no traseiro;
Comam quanto lhes diz o gazeteiro,
De casos, de sucessos singulares.

Porém, que uma beata amortalhada,
Com a cara vermelha e corpo mole,
E santa, por um frade apregoadá,

Que respire, que os braços desenrole,
E seja por defunta acreditada,
Isto somente em Évora se engole!

Sobre este caso, consultar o romance histórico de Bruno da Silva, *A Beata de Évora* (1890), e a obra de Teixeira de Aragão *Diabruras, Santidades e Profecias*, Lisboa: Vega, s. d., apresentação de António Carlos Carvalho.

Agostinho Pereira Merello foi um colecionador de mérito que, durante 40 anos, coligiu um acervo da máxima relevância. Em 1898, vítima de doença grave, autorizou os filhos a leiloar a sua biblioteca. A consulta do catálogo do respetivo leilão é aconselhável porquanto inventaria obras e manuscritos de indiscutível raridade, designadamente originais quinhentistas, seiscentistas e dos séculos posteriores. A obra impressa de José Agostinho de Macedo e os seus manuscritos estão também amplamente representados.

De Bocage — ou ao poeta atribuídos — constavam 22 textos manuscritos, entre os quais cinco sonetos que, embora os consideremos apócrifos, não deixamos de transcrever:

1

Aferrados sectários da virtude,
Teimosos partidistas da Razão,
Que protestaís com fera presunção
Conservar firme peito que não mude,

Ah, vede se a soberba vos ilude,
Em querer ostentar tal isenção,
Porque tendes de carne o coração,
E não de bruta rocha ou pedra rude.

Eu também com fantástica ousadia
Por dilatado tempo defendi
Vosso partido; mas, quem tal diria?

Tanto que ouvi a bela Manteigui
Esqueço-me da vã filosofia
E por glória minha alma lhe rendi.

Não te peço, Fortuna poderosa,
De Cresso nem de Midas a riqueza,
Nem tão-pouco de César a grandeza
Te suplica minha alma ambiciosa;

Igualmente me nega a preciosa
Ciência dessa vasta redondeza,
Que o viver destas coisas na incerteza
Uma alma talvez faça mais ditosa.

Co'a Parca não te empenhes, porque a vida
Acaba tarde ou cedo certamente
E a servir vem de peso, se é comprida;

Mas se comigo queres ser clemente,
Faze com que me acolha enternecida
A bela Manteigui, serei contente.

Se pode Manteigui, gentil e bela,
Merecer um momento de atenção
Um peito generoso, um coração
Que em servir-te somente se desvela;

Se o pode merecer também aquela
Inexplicável, férvida paixão
Que com perpétuo e lúcido brasão
Para glória do Amor amor assela,

Escuta minha voz que sonora,
Ferindo os leves ares, gravemente
Por louvar-te se ostenta majestosa,

Escuta-me; e verão seguramente
Essa plebe mordaz e rigorosa
Teu nome respeitar eternamente.

4

Já me não pesa de haver deixado
A minha amada pátria venturosa,
Fiando a cara vida à procelosa
Braveza de Neptuno, sempre irado.

Antes me dou por bem-aventurado
Em deixar os amigos e a gostosa
Presença de Feliza, que saudosa
Em lágrimas desfaz o peito amado.

Julgue-me muito embora toda a gente
Por falta de razão ou por ingrato,
Que, se quiser saber em que me fundo,

Direi, pela Dona Ana, livremente
Que teu rosto gentil, teu doce trato
Para mim vale mais que todo o mundo.

5

Quer esteja no leito descansando,
Quer na mesa com fome estê comendo,
Quer deleitosos livros ande lendo,
Quer por floridos campos passeando;

Quer esteja na vida meditando,
Quer mil tiranas dores padecendo,
Quer aos ternos parentes escrevendo,
Quer com sábios amigos conversando;

Quer em jogos e danças entretido,
Quer requestando a dama mais humana,
Quer em suave música embebido;

Quer da morte sofrendo a fúria insana,
Quer suplicando a Deus, arrependido,
Lembrada me serás, gentil Dona Ana.





BIBLIOGRAFIAS

A – BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

As seguintes obras de Bocage:

Obras Poeticas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage. Precedidas de um discurso sobre a vida e escriptos deste poeta, por José Maria da Costa e Silva. T. IV. Lisboa: na Impressão Regia, 1812, 320 p.

Obras Poeticas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage. Precedidas de um discurso sobre a vida e escriptos deste poeta, por José Maria da Costa e Silva. T. V. Lisboa: na Impressão Regia, 1813, 320 p.

Obras Poeticas de M. M. de Barbosa du Bocage precedidas de um discurso sobre a vida, e escriptos deste Poeta, por José Maria da Costa e Silva; ornada com o seu retrato. T. VI (terceiro dos publicados por Desidério Marques Leão). Lisboa: na Tipografia de Desidério Marques Leão, 1842, 303 p.

Poesias de Manuel Maria Barbosa du Bocage, coligidas em nova e completa edição, dispostas e anotadas por I. F. da Silva e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta por L. A. Rebello da Silva. Edição de Inocêncio Francisco da Silva. 6 vols. (404 p., 434 p., 420 p., 382 p., 396 p. e 416 p.). Lisboa: Tipografia de António José Fernandes Lopes, 1853 (inclui uma imagem do poeta).

Poesias Eroticas, Burlescas, e Satiricas de M. M. de Barbosa du Bocage, não comprehendidas na edição que das obras deste poeta se publicou em Lisboa, no ano passado de MDCCCLIII. Bruxelas: 1854, 217 p. Edição de Inocêncio Francisco da Silva.

Poesias Satiricas Ineditas de Manoel Maria Barbosa du Bocage. Colligidas pelo Professor de Grego do 1.º Liceu Nacional de Lisboa António Maria do Couto. Lisboa: Tip. de A. J. da Rocha, 1840 (2.ª edição mais correta e aumentada), 64 p. [Inocêncio afirma que apenas existe esta edição].

Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage. Lisboa: na Officina de Simão Tadeo Ferreira, 1800, t. 1, 2.ª edição correta e aumentada, 351 p.

Verdadeiras Ineditas, Obras Poeticas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo IV e 1.º das Suas Obras Posthumas. Edição de Pato Moniz. Lisboa: na Impressão Regia, 1813, 284 p.

Verdadeiras Ineditas, Obras Poeticas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo V e 2.º das Suas Obras Posthumas. Edição de Pato Moniz. Lisboa: na Impressão Regia, 1814, 284 p.

B — BIBLIOGRAFIA GERAL

- ABRAHAM, Pierre/DESNÉ, Roland — *Histoire Littéraire de la France. Tome III. 1715-1789. Tome IV (1789-1848)*. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1987.
- ABRAMOVICI, Jean-Christophe — *Le Livre Interdit — de Théophile de Viau à Sade*. Paris: Payot/Rivages, 1996.
- L'Académie des Dames ou la Philosophie dans le Boudoir du Grand Siècle*. Dialogues érotiques présentés par Jean-Pierre Dubost. Arles: Éditions Philippe Picquier, 1999.
- ALEXANDRIAN — *Histoire de la Littérature Érotique*. Paris: Payot et Rivages, 1995.
- ID. — *Les Libérateurs de l'Amour*. Paris: Éditions du Seuil, 1977.
- ALMEIDA, Horácio de — *Dicionário de Termos Eróticos e Afins*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- ALVARENGA, Manuel Inácio — *Poemas Eróticos*. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1889.
- L'Amour et la Sexualité — Le sexe à Babylone, le mariage médiéval, le siècle de l'adultère, Sapho, le couple romain, Sade, le procès Wilde, etc...* in *l'Histoire* (Paris), n.º 63, 1984.
- A Arte de Amar no Século XVIII*. Textos de Laclós, Richelieu, Restif de la Bretonne, Casanova e Louvret de Couvrait. Porto: Editorial Inova, 1972.
- Au Siècle des Libertins et des Folles Marquises: les plus belles pages galantes du XVIIIème siècle*. Paris: les Éditions Georges Anquetil, s. d.

- BATAILLE, Georges — *O Erotismo, o Proibido e a Transgressão*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.
- BERKENS-STEVELINCK, Christianne — «Cénacles Libertins ou Premières Loges? Les Débuts de la Franc-Maçonnerie Holandaise», in *XVIIIème* (Paris), n.º 29, 1997.
- BLOCH, Olivier — «L'Héritage Libertin dans le Matérialisme des Lumières». *XVIIIème* (Paris), n.º 24, 1992.
- BOURGUINAT, Élisabeth — «Rire et Pouvoir: la Leçon du Persiflage Libertin». *XVIIIème Siècle* (Paris), n.º 32, 2001.
- BRAUNSCWEIG, Denise, e FAIN, Michel — *Éros et Antéros. Réflexions Psychanalytiques sur la Sexualité*. Paris: Payot, 1971.
- BRETONNE, Nicolas Rétif de la — *La Paysanne Pervertie ou les Dangers de la Ville*. Chronologie et préface par Béatrice Didier. Paris: Garnier-Flammarion, 1976.
- BUSSY-RABUTIN — *História Amorosa das Gálias*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.
- BUTLER, Gerald J. — «Eroticism, the 'Canonical' English Novel and European Enlightenment: an Essay in Criticism», in SOUPEL, Serge — *La Grande-Bretagne et l'Europe des Lumières*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1996.
- C***, Madame de — *Lettres Historiques et Galantes*. À Londres: Chez Nourse et Vaillant, 1757. Tome premier. Nouvelle édition revue et corrigée.
- CAMÕES DO ROSSIO — *Martinhada*. Lisboa: & Etc., 1982.
- CANZIANI, Guido — «Une Encyclopédie Naturaliste de la Renaissance devant la Critique Libertine du XVIIème Siècle: le *Theophrastus Redivivus* Lecteur de Cardan». *XVIIème Siècle* (Paris), n.º 149, Oct.-Déc. 1985.
- CARVALHO, António Lobo de — *Se a Lira Pulsas e o Pandeiro Tocas...* Lisboa: & Etc., 1984.
- CASANOVA, J. — *La Cour et la Ville sous Louis XV d'après les mémoires de J. Casanova. Introduction et notes de J. Hervez*. Paris: s. d.
- CHARLES-DAUBERT, Françoise — «Le Libertinage et la Recherche Contemporaine», in *XVIIème Siècle* (Paris), n.º 149, Oct.-Déc. 1985.
- COUVRAY, Louvet de — *Os Amores de Um Libertino*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1969.
- DANTAS, Júlio — *O Amor em Portugal no Século XVIII*. Porto: Livraria Chardron, 1917.

- DELON, Michel — «Brigands et Libertins au Siècle des Lumières», in *Magazine Littéraire* (Paris), n.º 365, maio de 1998.
- Littérature, Libertinage et Philosophie au XVIIe Siècle*, in *XVIIe Siècle* (Paris) n.º 149, Oct.-Déc. 1985.
- Dix Chefs-d'Oeuvre de l'Érotisme*. Direction éditoriale e d'Olivier Rubinstein. S. l.: Mille et Une Nuits, 1996 (inclui 10 obras, dos séculos xv, xviii, xix e xx).
- DUBOST, Jean-Pierre — Prefácio a *L'Académie des Dames ou la Philosophie dans le Boudoir du Grand Siècle*. Arles: Éditions Piquier, 1969.
- DUBY, Georges — *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Lisboa: Terramar, 1992.
- , e ARIÈS, Philippe — *História da Vida Privada* vol. III. Porto: Edições Afrontamento, 1990.
- Dictionnaire des Oeuvres Érotiques*. Paris: Robert Laffont, 2001.
- FOUCAULT, Michel e outros — *Sexualidades Ocidentais*. Lisboa: Contexto, 1983.
- FOURIER, Charles — *O Novo Mundo Amoroso*. Lisboa: Estúdios Cor, s. d.
- GARCIA, José Martins — Prefácio a *Poesia Portuguesa Erótica e Satírica. Séculos XVIII e XIX*. Lisboa: Afrodite, 1975.
- La Gaudriole — Chansonnier Joyeux, Facétieux et Grivois*, par M. M. Béranger, Désaugiers, Collé, A. Gouffé, L. Festeau, J. Cabassol, Jacquemart, Aug. Gilles, H. Simon, Dauphin, Moineaux, etc., etc. Paris: Chez les Frères Garnier, 1849 (apresenta ainda poemas de Beaumarchais, Fleury, Piron, Voltaire, Grécourt, etc.).
- GAUTHIER, Xavière — *Surréalisme et Sexualité*. Paris: Galimard, 1971.
- GINZBURG, Ralph — *Les «Enfers» — Panorama de l'Érotisme — Domaine Anglais*. Préface de Theodor Reik. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1960.
- GOULEMOT, Jean-Marie — *Ces Livres qu'on ne Lit que d'une Main, lecture et lecteurs de livres pornographiques au XVIIIème Siècle*. Aix en Provence: Alinea, 1991.
- GRAVIGNY, Jean — *Abbés Galants & Libertins*. Paris: Albert Méricant, Éditeur, s. d.
- GUINOTE, Paulo — «A Mulher do Próximo — Algumas Reflexões sobre a Sedução Setecentista», in SANTOS, Maria Helena Carvalho dos — *Portugal no Século XVIII de D. João V à Revolução Francesa*. Lisboa: Universitária Editora, 1991.
- HENNIG, Jean-Luc — *Breve História das Nádegas*. Lisboa: Terramar, 1997.

- HERNANDEZ, J. — «Da Cunha: el Espectro y el Libertino», in *José Anastácio da Cunha (1744-1787) — o Matemático e o Poeta. Colóquio Internacional*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
- HIMY, Armand — *Le Puritanisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.
- KANT — *Idée d'une Histoire Universelle/Qu'est-ce les Lumières?* Paris: Nathan, 2001.
- KERAUTRET, Michel — *La Littérature Française du XVIIIe Siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.
- LAWRENCE, D. H., e MILLER, Henry — *Pornografía y Obscenidad*. Introducción de Aldo Pellegrini. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1967.
- LEITE, Paulo Roberto Gomes — «Pornografia, Subversão e Ateísmo na Biblioteca de Um Cientista do Tijuco», in *Revista do Instituto Histórico de Minas Gerais* (Belo Horizonte), vol. xxiii, abril de 2000.
- LEVER, Maurice [organização, textos e notas] — *Anthologie Érotique. Le XVIIIème Siècle*. Paris : Robert Laffont, 2004.
- Lexique Succint de l'Erotisme*. Paris: Eric Losfeld, 1970.
- «Les Libertins — Séduction et Subversion», in *Magazine Littéraire*, n.º 371, dezembro de 1998.
- MAFFRE, Claude — *L'Oeuvre Satirique de Nicolau Tolentino*. Paris: Centre Culturel/Fondation Calouste Gulbenkian, 1994.
- MAINIL, Jean — «Le Corpus Érotique: de l'Érudition Lascive à l'Histoire des Mentalités», in *XVIIIème*, n.º 30, 1998.
- MANDROU, Robert — *Histoire de la Pensée Européenne: des humanistes aux hommes de science. XVIème et XVIIème Siècles*. Paris: Éditions du Seuil, 1973.
- MATHIEU-CASTELLANI, Gisèle — *Eros Baroque. Anthologie thématique de la poésie amoureuse*. Paris: 10/18, 1978.
- MATOS, Gregório de — *Boca do Inferno*. Lisboa: & Etc., 1982.
- NAGY, Péter — *Libertinage et Révolution*. Paris: Gallimard, 1975.
- NASCIMENTO, Aires A., JABOUILLE, Victor, e LOURENÇO, Frederico — *Eros e Philia na Cultura Grega. Actas*. Lisboa: Euprosyne, Centro de Estudos Clássicos, 1996.
- NÉRET, Gilles — *Erotica 17th-18th Century. From Rembrandt to Fragonard*. Koln: Taschen, 2001.
- ID. — *Erotica 19th Century. From Coubert to Gauguin*. Koln: Taschen, 2001.

- ID. — *Erotica Universalis*. Vol. I: *Erotica Antiqua, Erotica Classica, Erotica Revolutionnaria, Erotica Romantica, Erotica Ars Novae, Erotica Moderna*. Vol. II: *From Rembrandt to Robert Crumb*. Bonn: Taschen, 1994.
- Le Parnasse Libertin ou Recueil de Poésies Libres*. 1769.
- PAUVERT, Jean-Jacques — *Anthologie Historique des Lectures Érotiques — De Sade à Fallières (1789-1914)*. Paris: Éditions Garnier, 1982 (inclui textos de Piron, Sade, Restif de la Bretonne, Diderot, Parny, Fourier, Balzac, Casanova, Lamartine, Grécourt, Goethe, etc.).
- PIA, Pascal [Préface] — *Dictionnaire des Oeuvres Érotiques. Domaine Français*. Paris: Mercure de France, 1971.
- PORTELA, Artur — *Cavaleiro de Oliveira Aventureiro do Século XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
- PRINCESSE PALATINE — *Une Princesse Allemande à la Cour de Louis XIV — Lettres*. Paris: 10/18, 1962.
- QUIGNARD, Marie-Françoise, e SECKEL, Marie-Françoise — *L'Enfer de la Bibliothèque. Éros au Secret*. Paris: Bibliothèque Nationale, 2008.
- ROUGEMONT, Denis de — *L'Amour et l'Occident*. Paris: 10/18, 1975.
- SADE — *Os 120 Dias de Sodoma ou a Escola de Libertinagem*. Textos introdutórios de Roland Barthes. Lisboa: Arcádia, 1975.
- SCHEINER, Clifford J. — *The Essential Guide to Erotic Literature, Part One — Before 1920*. Hertfordshire: Wordsworth, 1996.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da — *A Cultura Luso-Brasileira. Da Reforma da Universidade à Independência do Brasil*. Lisboa: Estampa, 1999.
- SMITH, David W. — «False Imprints: Identifying the Publishers of Surreptitious French Works of the Eighteenth Century», in *Cultura* (Lisboa), vol. 9, 1997.
- SOTOMAIOR, Caetano José da Silva — «A Martinhada», in *Antologia da Poesia Erótica e Satírica Séculos XVIII e XIX*. Lisboa: Edições Afródite, 1975.
- THOMAS, Chantal — *Sade*. Mem Martins, Publicações Europa-América, 1995.
- TROUSSON, Raymond — *Romans Libertins du XVIIIe Siècle*. Paris: Robert Laffont, 1993.
- VAILLAND, Roger — *Laclos par Lui-Même*. Paris: Éditions du Seuil, 1959.
- VENTURA, António — «Literatura Licenciosa. Portugal Século XIX», in *História* (Lisboa), s. III, n.º 66, maio de 2004.
- VILHENA, João Jardim — *A Martinhada: Uma Raridade Bibliográfica*. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1943.
- VUARNET, Jean-Noël — *Le Joli Temps. Philosophes et Artistes sous la Régence et Louis XV, 1715-1774*. Paris: Hatier, 1990.



ÍNDICES

ÍNDICE DOS PRIMEIROS VERSOS DOS POEMAS

À MEIA-NOITE	185
ACREDITE, SENTADO AOS QUENTES LARES	254
AFERRADOS SECTÁRIOS DA VIRTUDE	255
AMAR DENTRO DO PEITO UMA DONZELA	110
«APRE! NÃO METAS TODO... EU MAIS NÃO POSSO...»	198
AQUELE SEMICLÉRIGO PATIFE	204
ARREITADA DONZELA EM FOFO LEITO	124
BOJUDO FRADALHÃO DE LARGA VENTA	129
CAGANDO ESTAVA A DAMA MAIS FORMOSA	142
CANTE A GUERRA QUEM FOR ARRENEGADO	201
CASOU UM BONZO DA CHINA	131
COM QUE MÁGOA O NÃO DIGO! EU NEM TE VEJO	160
CORTANDO DEZ SERMÕES A CANIVETE	244
CRISTO MORREU HÁ MIL E TANTOS ANOS	248
DA GRANDE MANTEIGUI, PUTA RAFADA	169
DE C'ROA VIRGINAL A FRENTE ORNADA	253
DIZEM QUE O CALDAS GLUTÃO	131
DIZEM QUE O CRUEL REI DO AVERNO IMUNDO	141
DIZENDO QUE A COSTURA NÃO DAVA NADA	149
DO TRONO EXCELSESO NOS DEGRAUS SAGRADOS	247
DORMIA A SONO SOLTO A MINHA AMADA	151
É PAU, E REI DOS PAUS NÃO MARMELEIRO	119

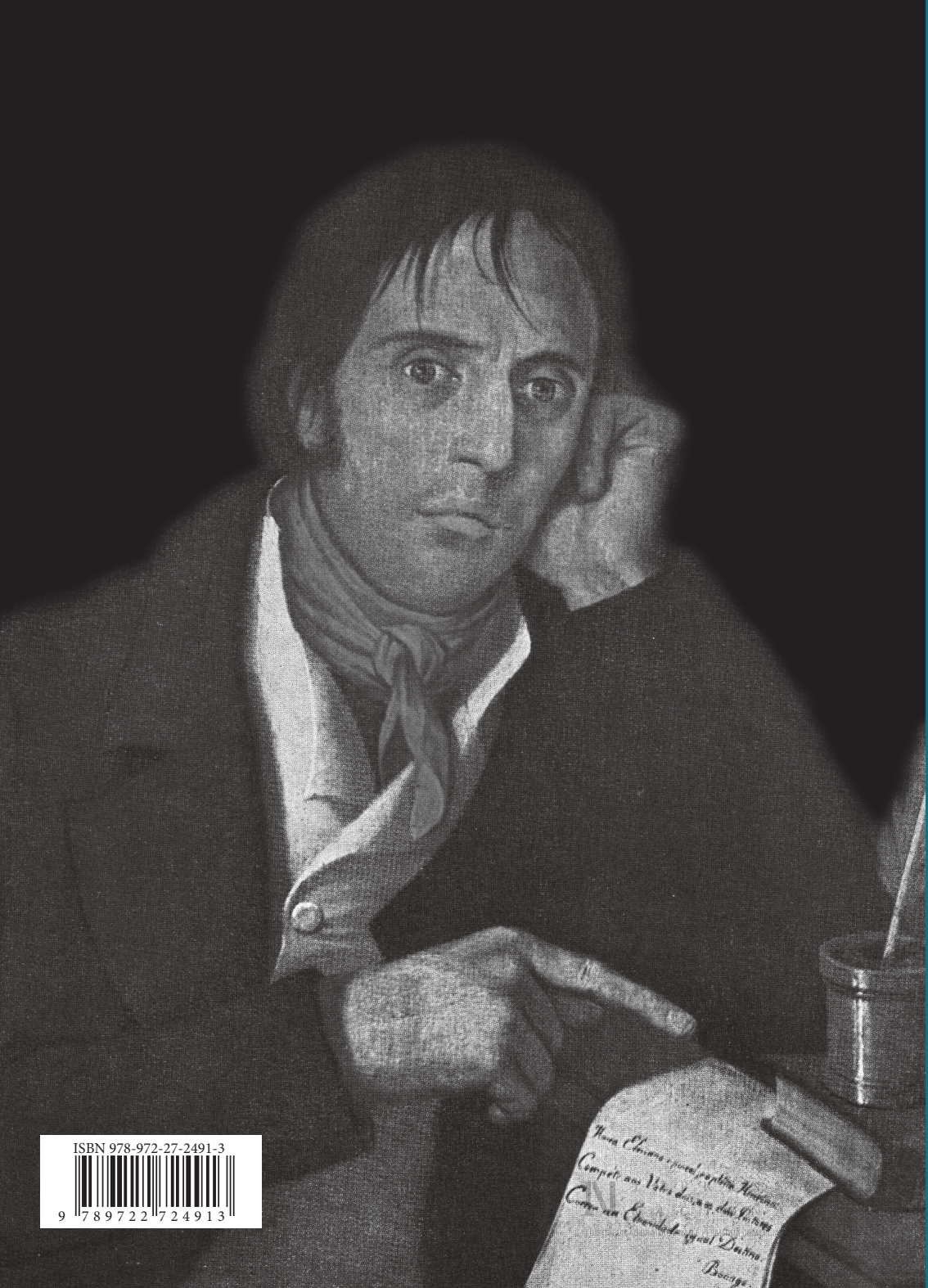
ENCONTREI CERTO LEIGO FRANCISCANO	248
ENQUANTO A RUDE PLEBE ALVOROÇADA	240
ENTRE UM FRADE E ENTRE UM BURRO	131
ERA ALTA NOITE E AS BEIRAS DOS TELHADOS	161
ERAM OITO DO DIA; EIS A CRIADA	199
ERAM SEIS DA MANHÃ; EU ACORDAVA	200
ESQUELETO ANIMAL, CARA DE FOME	238
ESQUENTADO FRISÃO, BRUTAL MASMARRO	114
ESSE ABISMO, ESSE ORCO ETERNO	133
ESSE DISFORME E RÍGIDO PORRAZ	150
EU FODER PUTAS?... NUNCA MAIS, CARALHO!	202
FATAL MEDITAÇÃO DA ETERNIDADE	225
FIADO NO FERVOR DA MOCIDADE	155
GÉNIO SÓ DADO A SÓRDIDAS TORPEZAS	186
HÁ JUNTO DO PARNASO UM TURVO LAGO	239
IMAGINAS, MEU BEM, SUPÕES, Ó LÍLIA	105
IMPONDO DURAÇÃO ALÉM DAS ERAS	241
JÁ ME NÃO PESA DE HAVER DEIXADO	257
LÁ QUANDO EM MIM PERDER A HUMANIDADE	144
LEVANTA ALZIRA OS OLHOS PUDIBUNDA	159
LÍNGUA MORDAZ, INFAME E MALDIZENTE	250
MAGRO, DE OLHOS AZUIS, CARÃO MORENO	109
MAS SE O PAI ACORDAR!... (MÁRCIA DIZIA	152
MORREU BOCAGE, SEPULTOU-SE EM GOA	241
NA CENA EM QUADRA TRÁGICO-INVERNOSA	116
NÃO CHORES, CARA ESPOSA, QUE O DESTINO	122
NÃO LAMENTES, ALCINO, O TEU ESTADO	246
NÃO LAMENTES, Ó NISE, O TEU ESTADO	195
NÃO TE CRIMINO A TI, PLEBE INSENSATA	125
NÃO TE PEÇO, FORTUNA PODEROSA	256
NÃO TENDO QUE FAZER UM DIA	117
NESTA, CUJA MEMÓRIA ESQUECE À FAMA	130
NO CANTO DE UM VENAL SALÃO DE DANÇA	205
NOITE, AMIGA DE AMOR, CALADA, ESCURA	112
NOJENTA PROLE DA RAINHA GINGA	115
NUM CAPOTE EMBRULHADO, AO PÉ DE ÁRMIA	127
O BOCHECHUDO EX-FRADE, QUE TEM PROA	245
Ó DEUSA QUE PROTEGES DOS AMANTES	113

«ORA DEIXE-ME, ENTÃO... FAZ-SE CRIANÇA?	156
PADRE FREI COSME, VOSSA REVERÊNCIA	249
PAVOROSA ILUSÃO DA ETERNIDADE	43
PELA ESCADINHA DE UM COIRÃO SUBINDO	154
PELA RUA DA ROSA EU CAMINHAVA	197
PILHA AQUI, PILHA ALI, VOZEIA AUTORES	126
PIOLHOS CRIA O CABELO MAIS DOURADO	145
PORRI-POTENTE HERÓI, QUE UMA CADEIRA	148
P'RA QUE VIVA A COZINHEIRA	182
QUANDO DO GRÃ-MARTINHO A FATAL PARCA	143
QUANDO NO ESTADO NATURAL VIVIA	158
QUANDO O PRETO RIBEIRO ENTREGUE AO SONO	207
QUE ESTRANHA AGITAÇÃO NÃO SINTO N'ALMA	51
QUE EU NÃO POSSA AJUNTAR COMO O QUINTELA	203
QUER ESTEJA NO LEITO DESCANSANDO	257
RAPADA, AMARELENTA, CABELEIRA	118
SACRÍLEGO IMPOSTOR, QUE RENOVANDO	232
SÃO UNS CORNOS MUI BENFEITOS	184
SE, LASCIVOS DO MUNDO, AMAIS SEM ARTE	89
SE O GRÃ-SERRALHO DO SOFI POTENTE	146
SE PODE, MANTEIGUI GENTIL E BELA	256
SE QUEREIS, BOM MONARCA, TER SOLDADOS	196
SE TU VISSÉS, JOSINO, A MINHA AMADA	147
TEJO, QUE TENS, ESTÁS QUEDO?	183
TENDO O TERRÍVEL BONAPARTE À VISTA	120
TU, Ó DEMENTE VELHO DESCARADO	128
TURBA ESFAIMADA, MULTIDÃO CANINA	121
UM TABELIÃO CADUCO	179
UMA EMPADA DE GÁLICO À JANELA	153
UMA NOITE O SCOPEZZI MUI CONTENTE	140
VAI CAGAR O MESTIÇO E NÃO VAI SÓ	123
VEIO MULEY-ACHMET MARROQUINO	139
VEM CÁ, MINHA MARIA, TÃO ROLIÇA	157
VERDADEIRA RAZÃO DA ETERNIDADE	221
VOA A LÍLIA GENTIL MEU PENSAMENTO	111

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	5
EPÍSTOLA A MARÍLIA.....	43
CARTAS DE OLINDA E ALZIRA.....	51
ARTE DE AMAR OU PRECEITOS E REGRAS AMATÓRIAS PARA AGRADAR ÀS DAMAS.....	89
FRAGMENTO DE ALCEU, POETA GREGO.....	105
SONETOS.....	109
QUADRAS.....	131
DÉCIMAS.....	133
POEMAS ATRIBUÍDOS A BOCAGE DE AUTORIA DUVIDOSA.....	137
 SONETOS.....	 139
A EMPRESA NOTURNA.....	163
A MANTEIGUI.....	169
DÉCIMAS:	
 A UM TABELIÃO VELHO QUE CASOU COM MOÇA NOVA.....	 179
VENHA CÁ, SÔ BOTICÁRIO.....	182
P'RA QUE VIVA A COZINHEIRA.....	182
 DIÁLOGO ENTRE O POETA E O TEJO.....	 183
SÃO UNS CORNOS MUI BENFEITOS.....	184

IMPROVISO	185
ELEGIA À MORTE DE UMA FAMOSA ALCOVITEIRA	186
POEMAS ATRIBUÍDOS INDEVIDAMENTE A BOCAGE	193
SONETOS	195
RIBEIRADA — POEMA XEM UM SÓ CANTO	207
NOTAS	221
BIBLIOGRAFIAS	263
ÍNDICES	273



ISBN 978-972-27-2491-3



9 789722 724913

*Nous Citoyens et pour le peuple Français
Compé au Voté d'aujourd'hui
Comme au École de l'État
Bouge.*